

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CATARINA RODRIGUES**

**JOVENS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: CONCEPÇÕES E PERSPECTIVAS  
MANIFESTADAS EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO E OUTRAS QUESTÕES SOCIAIS**

**CAMPO GRANDE/MS  
2014**

**CATARINA RODRIGUES**

**JOVENS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: CONCEPÇÕES E PERSPECTIVAS  
MANIFESTADAS EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO E OUTRAS QUESTÕES SOCIAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito final à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia da Cunha Urt.

**CAMPO GRANDE/MS**  
2014

## **CATARINA RODRIGUES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito final à obtenção do título de Mestre.

## **BANCA JULGADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ângela de Fátima Soligo (UNICAMP)**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia da Cunha Urt (UFMS)**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zaira de Andrade Lopes (UFMS)**

---

**Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório (UFMS)**

**Campo Grande, 18 de fevereiro de 2014**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus familiares, pelo carinho, incentivo e compreensão.

E aos jovens alunos que participaram da pesquisa, com quem aprendi e compartilhei saberes.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Antonia, que não se cansa de me ensinar o valor da persistência.

À Cris, irmã querida, apoio imprescindível desde sempre.

Ao Mário, companheiro de todo dia, pela força e incentivo, e à nossa filha Geórgia, pelas manifestações de carinho e por compreender (quase sempre) as inúmeras ausências.

À professora Doutora Sônia da Cunha Urt, por acreditar e apostar, pelos ensinamentos e companhia, pelo incentivo e, principalmente, pelo acompanhamento, até o fim, nesta trajetória, singular e universal.

À professora Doutora Ângela de Fátima Soligo, professora Doutora Zaíra de Andrade Lopes e ao professor Doutor Antonio Carlos do Nascimento Osório, pelas contribuições valiosas, no exame de qualificação.

Aos professores do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por terem compartilhado o saber.

À Jacqueline e ao Maurício, pelo apoio carinhoso nos assuntos administrativos do mestrado.

À Evelyn, pela ajuda nas questões do Comitê de Ética.

Aos colegas do Mestrado: Ana, Marisa, Maylla, Islo, Camila, Heriel e Arthur, pelas discussões, trocas e pelo apoio nas aulas e, principalmente, fora delas.

À turma do GEPPE: Marineide, Clarice, Célia, Vivina, Norma, Bia, Marly, Júlio, Milton, André, Ana Maria e Ana Lúcia. Um agradecimento especial à Joelci, pela colaboração técnica.

À professora Mestra Kátia Bazzano, agradeço por autorizar o afastamento integral do trabalho, nos últimos meses, para finalizar a dissertação.

À professora Doutora Aracy, pelo encorajamento e pelas dicas valiosas.

À psicóloga Aída e às técnicas em enfermagem Niversina e Cleo, pelo companheirismo, amizade e, sobretudo, pela inestimável colaboração nas atividades do Serviço de Atendimento Psicossocial/SAPS, no ambulatório do Hospital Universitário.

À técnica Rosanne Dichoff Kasai, pela amizade, pelo carinho, agradeço pelo apoio na intermediação com a escola onde se realizou a pesquisa.

Ao pessoal da escola, o diretor e o coordenador pedagógico, pela acolhida e colaboração.

E, por fim, aos jovens alunos, sem os quais, essa pesquisa não seria possível.

Viver!  
E não ter a vergonha de ser feliz  
Cantar e cantar e cantar  
A beleza de ser  
Um eterno aprendiz...  
(Gonzaguinha)

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as concepções e perspectivas de jovens alunos do ensino Médio de uma escola pública de Campo Grande-MS, em relação à sua condição de participantes nas ações de um projeto educacional de cunho público-privado, em busca de aprimoramento de seu processo de aprendizagem. Pretendeu-se, ainda, apreender outros significados atribuídos à sua condição juvenil e, nem sempre, manifestados em sua condição de aluno. O referencial adotado está fundamentado na Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski e no diálogo com autores que consideram o homem constituinte e constituído na e pelas relações sociais. A investigação foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, e o instrumento utilizado para coleta de dados junto aos alunos foi o Grupo-Oficina, que consiste em pessoas reunidas em grupo para discutir e comentar temas escolhidos em encontros programados. Foram realizados dois encontros com um grupo de sete alunos, e quatorze temas apresentados para discussão: educação, escola, aprendizagem, ensino, aluno, professor, projeto “jovem de futuro”, juventude, relações afetivas, trabalho, mídia, política, violência e futuro. Junto aos coordenadores, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas. O objetivo inicial, investigar alunos na condição de participantes de projeto educacional de cunho público-privado não se concretizou, pois as ações, quando da realização dos encontros, ainda não tinham sido iniciadas. Contudo, o estudo revelou que os alunos valorizam a educação como símbolo de ascensão social, como instrumento por meio do qual é possível superar limitações econômicas e chegar à integração dos indivíduos na sociedade; e reconhecem o professor como um importante ator escolar que poderia alavancar mudanças no contexto político pedagógico e favorecer o processo ensino-aprendizagem. As falas dos jovens sobre alguns dos temas levantados refletem, em certos pontos, ideias veiculadas pelo senso comum e, em outros assuntos, apresentam relatos mais consistentes. Em relação à educação, à escola e aos seus atores, fizeram pontuações que devem ser ouvidas com atenção. Neste contexto, é preciso repensar fazeres pedagógicos existentes, considerando que a escola, embora possa ser reprodutora das contradições de uma sociedade liberal, tem o dever questionar alguns saberes e incorporar o conteúdo trazido pelos alunos. Destacamos, ainda, que a afetividade não pode ser excluída desse processo.

**Palavras chave:** jovem; escola; psicologia histórico-cultural.

## ABSTRACT

This research aimed to investigate the concepts and perspectives of young high school students of a public school in Campo Grande, in relation to their status as participants in the actions of an educational project of public-private nature, seeking enhancement their learning process. The intention was also to seize other meanings attributed to its youthful condition and not always manifested in their capacity as student. The framework adopted is based on the Historical-Cultural Psychology Vygotsky and dialogue with authors who consider the man constituent and constituted in and through social relations. The research was conducted from a qualitative approach, and the instrument used to collect data on students was Group-Office, consisting of people gathered in groups to discuss and comment on topics chosen at scheduled meetings. Two encounters with a group of seven students and fourteen subjects presented for discussion were formed: education, school, learning, education, student, teacher, project "Young Future", youth, affective relationships, work, media, politics, and violence future. To the coordinators, semi-structured interviews were used. The initial goal, to investigate students as participants in educational design public-private nature did not materialize, because the actions, when conducting the meetings, had not yet been initiated. However, the study revealed that students value education as a symbol of social mobility, as a tool through which you can overcome economic limitations and reach the integration of individuals into society; and recognize the teacher as an important school actor who could leverage changes in the pedagogical and political context, favoring the teaching-learning process. The discourses of the young people about some of the issues raised reflect, at certain points, ideas conveyed by common sense, and other issues, have more consistent reports. Regarding education, the school and its actors, expressed opinions that must be heard with attention. In this context, it is necessary to rethink existing educational doings, whereas the school, although it may be spawning the contradictions of a liberal society, have a duty to question some knowledges and incorporate content brought by students. We emphasize, though, that affectivity cannot be excluded from this process.

**Keywords:** young, school, cultural-historical psychology.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: a constituição do humano.....</b>	<b>14</b>
1.1 O HUMANO NA VISÃO DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL.....	14
1.2 DESENVOLVIMENTO HUMANO E APRENDIZAGEM.....	22
<b>2 NOTAS SOBRE A JUVENTUDE .....</b>	<b>25</b>
2.1 EIXO I: OS DIVERSOS JOVENS.....	25
2.2 EIXO II: OS JOVENS E A ESCOLARIZAÇÃO .....	32
2.3 EIXO III: OS JOVENS EM MOVIMENTO: AS QUESTÕES SOCIAIS .....	41
<b>3 OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELA PESQUISA .....</b>	<b>51</b>
3.1 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS .....	51
3.1.1 Procedimentos metodológicos .....	52
3.1.2 Descrição e análise dos dados .....	55
3.1.3 Os jovens alunos da pesquisa: quem são? .....	55
3.1.4 Síntese das concepções dos jovens .....	69
<b>CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO TEMAS PARA ENTREVISTAS COM OS ALUNOS.....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO TÉCNICO- PEDAGÓGICA E DIREÇÃO .....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICE C - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM REPRESENTANTE SED.....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DOS ENCONTROS COM OS ALUNOS .....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE F – PERFIL DOS SUJEITOS PESQUISADOS .....</b>	<b>110</b>

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa é a concretização de uma busca para compreender a relação que o jovem mantém com a educação escolarizada, suas práticas e representações juvenis. Entre meados dos anos de 1980 e de 1990, como professora do ensino Fundamental acompanhei durante algum tempo o percurso escolar de jovens alunos em escolas públicas. Constatei empiricamente que, para a maioria desses jovens, o ambiente formal de aprendizagem era visto como desinteressante, em que não se permitiam a espontaneidade e o questionamento.

Era comum pais, professores e corpo técnico dessas escolas referirem-se aos alunos como problemáticos e “difíceis de lidar”, justificando, assim, o fracasso escolar destes. No entanto, por ser uma das poucas professoras que permitia maior aproximação a est(es)(as) jovens alun(os)(as), el(es)(as) acabavam por me relatar, em conversas pessoais (muitas vezes emocionadas), seus sonhos, medos, suas angústias e esperanças, tanto ao se referirem à sua trajetória escolar quanto à idealização de um futuro profissional mais promissor. Nesses encontros, via a mim mesma, tempos atrás, também jovem aluna, com dúvidas e em busca de respostas no que se refere à escolarização e ao mundo do trabalho.

Assim, teve início meu interesse pessoal e profissional na relação dos jovens com a educação, por entender, ainda sem um embasamento teórico, que essas manifestações juvenis deveriam ser consideradas como questões pedagógicas a serem discutidas na escola.

Nessa época, iniciei minha graduação em Pedagogia, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O conhecimento proporcionado pela leitura de autores como Maria Helena Souza Patto e Paulo Freire, por exemplo, iniciaram a desconstrução da ideia arraigada, que tinha até então, de que cada indivíduo é o único responsável por seu sucesso ou fracasso na vida. Representou, também, o contato inicial com a teoria Histórico-Cultural de Vigotski, embora ainda relacionada comparativamente à teoria Piagetiana.

Então, em busca de outros referenciais teóricos para melhor compreender a subjetividade humana, ingressei no curso de Psicologia. Porém, os estudos em destaque ainda privilegiavam o homem em perspectiva naturalizante, minimizando leituras críticas da sociedade.

Nos anos de 2000, já como técnica em assuntos educacionais, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, trabalhando na Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis – PREAE - atuei em alguns projetos de Extensão, dentre os quais, destaco dois. O primeiro, denominado “Qualidade de Vida: Uma Questão Acadêmica” era dirigido a universitários da

própria UFMS. A proposta era, por meio de breves palestras, filmes e dinâmicas, fomentar a discussão de temas ligados ao mundo jovem, como drogas, sexualidade, violência, dentre outros. E, a partir daí, gerar uma via de acesso para captar outros temas a serem explorados e, assim, conhecer certas representações juvenis desses acadêmicos.

No projeto de Extensão denominado “Orientação Profissional”, convidávamos alunos dos anos finais do ensino Fundamental e iniciais do ensino Médio de escolas públicas e particulares de Campo Grande para que conhecessem o câmpus universitário da UFMS. Inicialmente, eles assistiam a uma breve palestra dada por um(a) professor(a) da instituição sobre seu respectivo curso de graduação e, ao final, havia uma espécie de “tira-dúvidas” sobre universidade, profissões, mundo do trabalho etc.

E, na manifestação da maioria desses alunos, continuava a existir a distância que havia entre a escola e o mundo juvenil. Apesar dos avanços no entendimento de que o aluno não é responsável exclusivo pelo chamado fracasso escolar, essa construção ainda se fazia presente no discurso desses estudantes.

Em 2008, conheci o Grupo de Estudo e Pesquisas em Psicologia e Educação (GEPPE) e nele ingressei. Trata-se uma equipe que contempla estudos na interface Psicologia e Educação. Os encontros, coordenados pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia da Cunha Urt, propiciaram estudos relacionados à Psicologia e à Educação, permitiram discussões e debates sobre temas relevantes que aumentaram o meu interesse pela pesquisa e pela pós-graduação *stricto sensu*.

E foi no GEPPE que, efetivamente, pude reiniciar e ampliar o conhecimento no referencial histórico-cultural. Participei da pesquisa “A educação no processo de constituição de sujeitos: o dito nas produções e o feito no cotidiano”, financiada pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT) e coordenada pela Dr.<sup>a</sup> Sônia da Cunha Urt. O objetivo era investigar a constituição dos sujeitos que vivem na região do Pantanal sul-mato-grossense, explicitando como se dá o processo de apropriação da cultura que se faz pela educação. Nesta ocasião, consolidei a compreensão de que os homens são seres históricos, concretos, dialeticamente universais e singulares.

Já, no ano de 2011, como aluna do curso de Mestrado em Psicologia, na UFMS, destaco o estudo da disciplina “Pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa em Psicologia”, cujo estudo ampliou a compreensão de que a Psicologia, encarada como ciência, também foi construída coletivamente. Foi importante para mim, como estudante de pós-graduação, apreender o aprofundamento crítico ao objeto da pesquisa e à metodologia, enquanto corpo teórico e técnico.

Com a experiência de professora na educação básica e, atualmente, em cargo técnico-administrativo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o interesse em pesquisar a temática juventude-educação, os aspectos sociais e singulares constituintes na relação que o jovem mantém com a educação escolarizada, suas práticas e representações juvenis, embora antigo, manteve-se atual.

Contudo, ressalto que, somente com o conhecimento proporcionado pela abordagem histórico-cultural, é que se pode iniciar a busca por mais conhecimento, por considerá-lo relevante e importante para contribuir na construção de dados para iniciar o conhecimento da juventude de Campo Grande-MS, principalmente, pelo viés da educação institucional, sem desprezar outras representações.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo investigar o jovem aluno do ensino Médio que busca aprimorar o seu processo de aprendizagem, ao participar das ações de um projeto educacional de cunho público-privado, procurando apreender, por intermédio de suas concepções, sobretudo em relação às práticas educacionais institucionais, quem é esse jovem, como se reconhece e é reconhecido socialmente. Também, é objetivo deste trabalho perceber outras manifestações da vida desses jovens, nem sempre presentes no ambiente escolar, e investigar como lidam com esse impasse, pois a escola e os seus preceitos legais ainda não conseguem lidar com as manifestações juvenis que estão inseridas no ambiente da educação institucionalizada.

Convém ressaltar que esta investigação envolveu estudantes do ensino Médio dos períodos matutino e noturno de uma escola pública de Campo Grande-MS, selecionada para executar um projeto<sup>1</sup> educacional de cunho público-privado.

Nesta pesquisa, de natureza qualitativa, a reflexão a respeito dos dados envolveu a análise de conteúdo e teve como instrumento metodológico a técnica denominada Grupo Oficina<sup>2</sup> que contemplou a discussão de temáticas relativas à educação, e outros temas que dizem respeito à trajetória pessoal e ao cotidiano dos jovens. Também, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com questões relativas à escolarização dos alunos e aos profissionais técnicos pedagógicos da escola e a coordenadora do projeto educacional.

---

<sup>1</sup> Trata-se do Projeto Jovem de Futuro, voltado a alunos do ensino Médio e que oferece às escolas participantes apoio técnico e financeiro para, em um período de três anos (tempo de curso do ensino Médio), melhorar substancialmente seu desempenho. Constitui iniciativa do Instituto Unibanco em parceria com o Ministério da Educação e Estados que firmaram o convênio.

<sup>2</sup> Técnica de coleta de dados que consiste em reunir sujeitos participantes de pesquisa para discutir livremente temas estabelecidos previamente. A nosso ver, trata-se de uma variante de grupo focal. Foi utilizada por Morettini (2013) em uma pesquisa que teve por objetivo apreender o conhecimento que professoras da educação Básica manifestaram sobre a teoria de Vigotski.

Também, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com questões aos alunos e aos profissionais técnicos pedagógicos da escola e a coordenadora do projeto educacional.

O trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro, é apresentada a teoria Histórico-Cultural que fundamenta a pesquisa, com alguns recortes: o contexto de como surge esta vertente teórica, formulada por Vigotski e colaboradores e o desenvolvimento humano visto pela concepção histórico-cultural. E, aproximando esses fundamentos aos interesses desta pesquisa, discute-se a importância da educação, com destaque à escolarização, como processos de mediação da cultura para a constituição humana. O capítulo seguinte traz a tematização da juventude: as diferentes concepções deste conceito, apresentando os temas discutidos com os sujeitos participantes da pesquisa, em articulação aos pressupostos da teoria histórico-cultural e de outros estudos que privilegiem uma visão crítica e histórica nas discussões. Na organização e apresentação deste trabalho, os assuntos foram incorporados, considerando seu teor conceitual, em três grandes eixos temáticos: 1º. *Os diversos jovens* – apresenta as diferentes concepções de juventude, relações afetivas e menciona alguns programas e projetos sócio-educativos voltados aos jovens brasileiros; 2º. *Os jovens e a escolarização* – oportuniza reflexão em tópicos relativos à educação escolarizada e 3º. *Os jovens em movimento: as questões sociais* – discorre sobre as relações mediadas dos jovens com demandas trazidas pelos temas: trabalho, política, mídia, violência e futuro.

O terceiro capítulo enfoca a pesquisa propriamente dita, a trajetória metodológica, o ambiente e os sujeitos envolvidos, a categorização e organização dos dados coletados para análise e discussão dos resultados, de modo a apresentar as questões fundamentais a respeito do tema, e, por fim, algumas considerações já apontadas nessa fase da investigação.

## 1 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: O HOMEM FAZ O HOMEM

Neste capítulo, apresentamos alguns conceitos centrais da teoria Histórico-Cultural para subsidiar a compreensão do homem como ser social e histórico, dialeticamente singular e universal. De início, esboçamos brevemente o traçado de como Vigotski<sup>3</sup> e seguidores delineararam e consolidaram a Psicologia Histórico-Cultural.

Em seguida, trazemos conceitos desta teoria que colaboram na compreensão do desenvolvimento humano enquanto um processo histórico, com destaque à educação como apropriação da cultura historicamente acumulada, sendo a escolarização um importante processo dialético em se dá a transmissão e apreensão dos conhecimentos acumulados entre as gerações humanas.

### 1.1 O HUMANO NA VISÃO DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

A teoria Histórico-Cultural, desenvolvida por Vigotski e colaboradores, concebe o homem como um ser histórico, em constantes transformações ao longo do tempo. Esse processo se dá em relações mediadas com os demais sujeitos e com a natureza, que, também, é histórica.

Vigotski, no início do período pós-revolução<sup>4</sup>, iniciou a construção de sua obra na Rússia. O contexto de mudanças históricas e sociais favoreceu o aparecimento de uma teoria que contribuiu para transformar a Psicologia e a ciência soviética até então existentes.

O autor russo manifestou interesse por trabalhos produzidos em diferentes áreas do conhecimento: como Linguística, Ciências Sociais, Psicologia, Filosofia, Arte e Medicina. Deu destaque às concepções marxistas de história, de homem e da ciência e, também, ao método Histórico-Dialético de análise dos fenômenos psicológicos (MEIRA, 2007).

Coube a Vigotski a liderança de um grupo de jovens cientistas que se interessavam em analisar criticamente a situação da ciência na Rússia e em outros países. Entre esses seus colaboradores mais diretos estavam Luria, Leontiev (a *troika*<sup>5</sup>), Sakharov, Kornilov e outros,

---

<sup>3</sup> Não há consenso na grafia do sobrenome de Lev Semyonovitch Vygotsky. Optamos pela grafia com dois “is”, preservando-se a grafia empregada pelos diferentes autores e editores nas citações.

<sup>4</sup> Foi uma série de conflitos, iniciados em 1917, que derrubou o império russo e levou ao poder o partido Bolchevique, de Lênin. Em recente processo de industrialização e abalada com a 1ª Guerra Mundial, a Rússia tinha uma grande população de operários e camponeses em situação extrema de miséria. O governo absolutista do Czar Nicolau II desagradava ao povo, que ansiava por liderança mais democrática. A soma desses fatores levou a manifestações populares que forçaram a renúncia do monarca e deram origem à União Soviética.

<sup>5</sup> *Troika* é como ficou conhecido o grupo formado por Vigotski e dois de seus pesquisadores mais próximos, Leontiev e Luria, durante a construção da teoria Histórico-Cultural.

que realizaram pesquisas na ciência psicológica. Newman e Holzman (1993) destacam essa liderança:

O objetivo prático de Vygotsky durante sua vida foi reformular a psicologia de acordo com a metodologia marxista, a fim de desenvolver modos concretos de lidar com as tremendas tarefas que se impunham à União Soviética – uma sociedade que tentava mover-se rapidamente do feudalismo para o socialismo. Ele foi o líder reconhecido nos anos 1920 e 1930, de um grupo de cientistas soviéticos que se empenharam apaixonadamente na construção de uma nova psicologia a serviço do que se esperava viesse a ser um novo tipo de sociedade. (NEWMAN; HOLZMAN, 1993, p.16).

Naquele período de significativas alterações sociais e políticas, a educação foi vista como processo que poderia alavancar as mudanças esperadas. E isso se traduziu na elaboração de bons programas educacionais para erradicar o analfabetismo e oferecer melhores oportunidades aos cidadãos russos (REGO, 1995). Assim, considera-se que o trabalho teórico e experimental de Vigotski pode ser compreendido como sintonizado aos projetos sociais e políticos de seu país.

Para a sociedade russa de cunho socialista, o novo ideal de homem não poderia ser o burguês. Então, foi preciso que a Psicologia apreendesse e explicasse a constituição do humano sobre bases materiais e superasse as teorias que sustentavam a sociedade que deveria ser deposta. (FACCI; BARROCO; LEONARDO, 2009).

Vigotski buscou sintetizar em seus estudos as duas fortes tendências psicológicas, presentes no início do século XX: na primeira, a Psicologia aparecia como ciência natural, para a qual o homem era considerado basicamente como corpo; e, na segunda, num conceito mais próximo da Filosofia e das ciências humanas, vista como ciência mental, o homem estava ligado à mente, à consciência.

A síntese pretendida constituiu-se, então, pelo materialismo histórico e dialético de Marx e Engels. Apresentou-se com características inéditas para aquele tempo: o homem, considerado ao mesmo tempo ser biológico e social, é participante de um processo histórico com relações mediadas por sistemas simbólicos, que têm influências determinantes em sua dimensão formadora.

O materialismo histórico e dialético é considerado, então, como um modo de conceber o mundo e as relações estabelecidas entre os homens. É por meio do pressuposto fundamental de que a existência está calcada em uma materialidade concreta e que é por meio do trabalho, entendido como atividade humana organizada, que se desenvolvem as formas de produção da vida e ocorre a humanização dos indivíduos. Os conflitos, resultantes dessas práticas

humanas, alavancam as alterações que influenciam a vida social, política e econômica. E, assim, a realidade vai evoluindo por contradição e acaba por se constituir num processo histórico. Marx e Engels (1984) explicam:

[...] A primeira premissa de toda a existência humana, e, portanto, também, de toda a história, ou seja, a premissa de que os homens têm de estar em condições de viver para poderem “fazer história”. Mas da vida fazem parte sobretudo comer e beber, habitação, vestuário e ainda algumas outras coisas. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios para a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e a verdade é que este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, tal como há milhares de anos, tem de ser realizado dia a dia, hora a hora, para ao menos manter os homens vivos. [...] O segundo ponto é este: a própria primeira necessidade satisfeita, a ação da satisfação e o instrumento já adquirido da satisfação, conduz a novas necessidades — e esta produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico. (MARX; ENGELS, 1984, p.14).

Os autores enfatizam a materialidade como base para a organização da vida humana:

A produção das ideias, representações, da consciência está a princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens, linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens aparecem aqui ainda como refluxo direto do seu comportamento material. O mesmo se aplica à produção espiritual como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo. Os homens são os produtores das suas representações, ideias, etc., mas os homens reais, os homens que realizam. (MARX; ENGELS, 1984, p.16).

Então, com a materialidade, como elemento determinante da história humana e o princípio dialético como lema da permanente mudança, o homem constrói o mundo e a si mesmo, pela atividade prática e consciente, em relação com outros homens e com a natureza.

O materialismo histórico e dialético de Marx e Engels constituiu base essencial ao desenvolvimento dos estudos de Vigotski. Ao longo de sua obra, ele utilizou a síntese dialética, que explica o surgimento de novos fenômenos a partir de elementos presentes em determinada situação. (OLIVEIRA, 1997).

Shuare (1990) destaca a singularidade que o materialismo histórico e dialético constituiu a teoria Histórico-Cultural, em relação a outras teorias psicológicas:

Os postulados metodológicos e filosóficos do materialismo dialético e histórico se constituíram desde o início e continuam sendo os aportes pelos quais a psicologia soviética assinala conscientemente suas pesquisas teóricas

e experimentais. Esta estreita relação de uma filosofia com uma ciência psicológica ofereceu à ciência psicológica que se desenvolveu na URSS um matiz único que a diferencia claramente de outros sistemas científicos. (SHUARE, 1990, p. 23, tradução nossa)<sup>6</sup>

Leontiev (2004) também corrobora que os fundamentos teórico-metodológicos da nova ciência psicológica devam ser elaborados pela análise psicológica da atividade prática, laboral do homem, por sua vez concebida em posições marxistas.

A constituição do homem, na concepção vigotskiana, dá-se quando o indivíduo apodera-se do patrimônio cultural acumulado pelas gerações anteriores, por meio das relações sociais, num movimento dialético. O homem, ao mesmo tempo em que internaliza essas aquisições culturais, transforma-as e essa alteração produzirá modificação no ambiente.

Luria (1992), um dos colaboradores mais próximos de Vigotski, sustenta que as funções psicológicas superiores do ser humano surgem da interação biológica com os fatores culturais, estes em evolução por milhares de anos da história humana.

A influência que o materialismo histórico e dialético de Marx e Engels exerceu nos alicerces da teoria que Vigotski e seus colaboradores desenvolveram está presente nesses indicadores: a vida social, política e espiritual do homem diretamente ligada à produção da vida material; o homem, como ser histórico, e a sociedade humana, como totalidade dinâmica e contraditória, em constante transformação dialética.

O materialismo histórico dialético favorece e permite compreender que a natureza do comportamento humano é parte do desenvolvimento histórico geral da nossa espécie e que a sociedade avança à medida que, também, avança a produção histórica dos homens. O trabalho entendido como produção da realidade material dos homens representa ao longo do tempo a história como concretude constante e contraditória do fazer humano. (BOCK, 2001).

Um conceito muito importante à compreensão da teoria Histórico-Cultural é a **mediação**, presente em toda atividade humana. Trata-se de um processo que envolve todos os instrumentos (materiais e simbólicos) que fazem a relação do indivíduo com o mundo e funcionam como ferramentas auxiliares e exclusivas da atividade humana. E é somente, pela mediação, que as funções psicológicas superiores se desenvolvem. Destaque à linguagem como um instrumento simbólico mediador por excelência. (REGO, 1995).

Sobre a relação do homem com seu ambiente, mediada por instrumentos, Vigotski (2007) considera que:

<sup>6</sup> *Los postulados metodológicos y filosóficos del materialismo dialéctico e histórico constituyeron desde los inicios y permanecen siendo los marcos dentro de los cuales la psicología soviética encuadra conscientemente sus búsquedas teóricas e experimentales.*

[...] Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente. (VIGOTSKI, 2007, p. 53).

Entende-se, então, que os instrumentos, tanto os materiais como os simbólicos, são construídos historicamente e propiciam a mediação das pessoas entre si e com o mundo. Nessa interação social, cada indivíduo, ao se apropriar do patrimônio humano construído socialmente, internaliza essa cultura, transformando-a em intrapsíquica, tornando-a parte de sua constituição interna.

Luria (1992) conta que Vigotski buscou nomear a nova abordagem que se apresentava para a Psicologia em três termos; cada um em correspondência aos diferentes aspectos teóricos: instrumental, cultural, histórico. Instrumental, em referência aos meios socialmente estruturados, com os quais são organizados os tipos de tarefa e de instrumentos, mediadores das funções psicológicas superiores. Os aspectos cultural e histórico entrelaçam-se entre si e dizem respeito à construção do patrimônio cultural da humanidade.

A nova psicologia proposta por Vigotski enfatiza que a constituição da subjetividade humana se dá pelo movimento e pela ação. Avança, portanto, em relação ao pressuposto de da ideia de naturalização que a Psicologia tradicional dá à subjetividade, entendida como algo que se constrói por si mesmo, independente das condições sociais:

Vigotsky estava indicando a construção de uma Psicologia Social que possibilitasse a compreensão da constituição do sujeito e da subjetividade na processualidade, capaz de superar a concepção de sujeito e indivíduo da psicologia tradicional, em direção a um sujeito social, aos sistemas psicológicos que ocorrem no processo de individuação do homem inserido social e historicamente em uma cultura. (MOLON, 2003, p. 19).

Outros pensadores, além de Marx e Engels, influenciaram profundamente Vigotski. A leitura de autores como Hegel, Darwin, Espinosa e Pierre Janet também facilitou construir para a nova teoria os seguintes entendimentos: a) a Psicologia é ciência do homem histórico e não do homem universal ou natural; b) os processos psicológicos têm origem social; c) há três classes de mediadores: signos e instrumentos; atividades individuais e relações interpessoais; d) o desenvolvimento das habilidades e funções específicas, bem como a origem da sociedade, são devidos ao surgimento do trabalho, entendido como movimento de transformação, pois, ao mesmo tempo em que o homem transforma a natureza para suprir suas necessidades, ele também se transforma. (MOLON, 2003).

A linguagem, produzida social e historicamente, é instrumento essencial para concretizar uma das aptidões humanas: a capacidade de representar a realidade (BOCK, 2002). As inúmeras significações construídas no processo social e histórico são interiorizadas pelos indivíduos, passam a constituir suas consciências, mediando, desse modo, suas formas de sentir, pensar e agir. Assim, a concepção histórico-cultural destaca a historicidade do ser humano, este considerado como produto das aprendizagens e apropriações da cultura ocorridas ao longo das gerações.

A teoria Histórico-Cultural mostra que a naturalização dos fenômenos psíquicos humanos, como apresentada em outras teorias psicológicas, não é real. Bock (2001) discute que o fenômeno psicológico naturalizado justifica-se pelo Liberalismo, ideologia fundamental do Capitalismo.

Ao rejeitar a naturalização, a nova teoria contribui para a compreensão do homem enquanto um processo social e fenômeno histórico e traz à tona o papel ativo e criativo do homem e da cultura: o sujeito constitui a cultura e, ao mesmo tempo, é constituído por ela.

Vigotski (2007) pontua que a internalização dos sistemas de signos, produzidos culturalmente, provoca transformações comportamentais e estabelece um elo entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual.

Dois grandes temas podem ser destacados dos pressupostos teóricos e filosóficos constituintes da Psicologia Histórico-Cultural: a relação entre indivíduo e sociedade, e as relações entre desenvolvimento e aprendizagem. (MEIRA, 2007).

Na relação indivíduo – sociedade, Vigotski ensina que as origens das formas superiores de comportamento consciente devem ser encontradas nas relações que o indivíduo estabelece com o mundo exterior e que os processos psicológicos se realizam, inicialmente, no plano social, como processos interpessoais, para, depois, tornarem-se individuais.

Leontiev (2004) afirma a apropriação como mecanismo determinante ao desenvolvimento do psiquismo humano:

Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criado pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo. (LEONTIEV, 2004, p. 284).

É essencial, então, para a teoria Histórico-Cultural, a ideia de que a constituição do indivíduo está ligada de maneira inevitável a um processo social e histórico e, nesse sentido, o

indivíduo se constitui humano a partir das relações que estabelece com o outro e, sobretudo, com o mundo.

O psiquismo humano é destacado por Leontiev (2004) como determinado pelas relações sociais dos homens com o mundo. Ao trazer para a Psicologia a reflexão de que o indivíduo se constitui e se modifica no processo de trabalho, propôs a categoria da atividade, que explica a relação mediada e indireta entre o que o homem faz [o significado] e a maneira como apreende o motivo que impulsiona sua ação [o sentido]. (MEIRA, 2007).

Esse processo tem como questão central a aquisição de experiências pela interação do sujeito com o meio, ou seja, a constituição desse sujeito nas relações sociais, na troca com outros sujeitos e consigo próprio. Assim se processa a internalização de conhecimentos, papéis e funções sociais, mediadas pelos símbolos, pela linguagem, sobretudo.

Leontiev (2004), ao discutir as condições de aparecimento da consciência humana, afirma que a hominização dos antepassados animais do homem ocorreu pelo aparecimento e pelo desenvolvimento do trabalho e, sobre esta base, surgiu a sociedade. E que é na sociedade que o homem encontra, também, os motivos, objetivos e meios para a realização da sua atividade.

O homem se constitui no processo de trabalho que produz realidade, coisas, imagens, palavras, metáforas e objetos que passam a fazer parte do universo social em que vive e, por sua vez, o modificam: "Assim, os indivíduos se modificam no processo de trabalho não só porque exteriorizam sua atividade e, desta forma, manifestam suas realidades materiais e espirituais, mas ainda porque estas realidades repercutem sobre eles e os transformam." (IANNI, 1984, apud MEIRA, 2007, p. 43).

No enfoque da teoria Histórico-Cultural, ao discorrerem sobre o desenvolvimento humano, Martins e Eidt (2010) corroboram que a sucessão dos diferentes estágios não se dá espontaneamente, pela simples passagem do tempo. A naturalização explica características dos fenômenos psíquicos, social e historicamente construídas, apresentando-as como naturais e universais, inerentes à natureza humana.

As autoras anotam que a categoria de atividade principal apresenta-se como força motriz do processo de desenvolvimento humano. Assim, encontra-se estreitamente ligada ao lugar que cada indivíduo ocupa na sociedade de classes e, também, às condições objetivas de sua existência.

Um dos mecanismos determinantes do desenvolvimento do psiquismo humano, para a teoria Histórico-Cultural, é a **apropriação**. Leontiev (2004) destaca que, diferente dos

animais, o ser humano garante suas aquisições não se adaptando ao mundo e aos seus conteúdos, e sim, apropriando-se deles:

A principal característica do processo de apropriação ou de “aquisição” [...] é criar no homem aptidões novas. É nisto que se diferencia do processo de aprendizagem dos animais. Enquanto este último é o resultado de uma adaptação individual do comportamento genérico a condições de existência complexas e mutantes, a assimilação no homem é um processo de reprodução, nas propriedades do indivíduo, das propriedades e aptidões historicamente formadas na espécie humana. (LEONTIEV, 2004, p. 288).

Duarte (2006, p. 24) considera que "o processo de apropriação surge na relação homem x natureza. Por sua atividade transformadora, o ser humano apropria-se da natureza e a incorpora em sua prática social". Para este autor, o ser humano se constitui nessa transformação.

A historicidade na constituição humana é destacada por Codo (1984), ao afirmar que relação dos homens com o meio ambiente se dá de maneira permeada socialmente. O que muda, transforma-se, são as relações sociais que os homens utilizam para a produção de determinado período histórico. Urt (1992) destaca que, embora todo indivíduo como pessoa seja singular, a personalidade é social e comunica-se com qualquer outra, ou seja: os sentimentos e a linguagem também são produtos sociais.

A teoria Histórico-Cultural preconiza não se separar a afetividade da vida concreta e dos demais aspectos da consciência humana. Para Vigotski (2009), há uma relação intrínseca entre os processos afetivos e intelectuais. Separados artificialmente, torna-se impossível compreender influências recíprocas entre pensamento e emoções. O autor destaca:

Quando falamos da relação do pensamento e da linguagem com os outros aspectos da vida da consciência, a primeira questão a surgir é a relação entre o intelecto e o afeto. Como se sabe, a separação entre a parte intelectual da nossa consciência e a sua parte afetiva e volitiva é um dos defeitos radicais de toda a psicologia tradicional. Nesse caso, o pensamento se transforma inevitavelmente em uma corrente autônoma de pensamentos que pensam a si mesmos, dissocia-se de toda a plenitude da vida dinâmica, das motivações vivas, dos interesses, dos envoltimentos do homem pensante e, assim, se torna um epifenômeno totalmente inútil que nada pode modificar na vida e o comportamento do homem, ou uma força antiga original e autônoma que, ao interferir na vida da consciência e na vida do indivíduo, acaba por influenciá-las de modo incompreensível. (VIGOTSKI, 2009, p. 16).

Para Molon (2003), Vigotski, ao discorrer sobre a subjetividade, afirma que, na reflexão entre o subjetivo e o objetivo, há uma crítica ao subjetivo enquanto um conceito

idealista. Este pesquisador, segundo a autora, considerou o sujeito e a subjetividade como conceitos, nem idealistas e nem materialistas, mas constituídos e constituintes na e pela relação social que acontece *na e pela* linguagem. E esta foi a grande riqueza de sua reflexão.

## 1.2 DESENVOLVIMENTO HUMANO E APRENDIZAGEM

O desenvolvimento humano, para a teoria Histórico-Cultural, não ocorre naturalmente. As características tipicamente humanas, também denominadas por Vigotski como *funções psicológicas superiores*, não surgem à medida que a criança cresce, apresentando-se tão só como resultado das pressões do meio externo.

A ideia de desenvolvimento humano relaciona-se a um conceito de contínua evolução, a ser percorrida ao longo de um ciclo vital. Essa evolução - que abrange os diferentes campos da existência, como o afetivo, cognitivo, social e motor - não é linear e/ou determinada somente, pelo processo de maturação biológica. O meio, entendido como algo que envolve aspectos culturais, sociais, práticas e interações, é fator primordial nesse processo.

As principais abordagens influentes na área do desenvolvimento humano são: a psicanalítica; a cognitiva; a etológica e a contextual. Nesta última, é que as autoras mencionam a “teoria sociocultural de Vygotsky, com a crença básica de que o contexto sociocultural tem impacto importante no desenvolvimento”. (PAPALIA; OLDS, 2000, p. 41).

A concepção vigotskiana sobre desenvolvimento estabelece forte ligação entre este processo e a relação estabelecida pelo indivíduo com seu ambiente sociocultural. (OLIVEIRA, 1997). O próprio Vigotski (2007) enfatiza que "Aprendizagem e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança" (p. 95).

O ser humano nasce e cresce num ambiente social, e a interação com outras pessoas é fator essencial ao processo de desenvolvimento. Rabello e Passos (2010) ressaltam que, mesmo com as discordâncias teóricas entre as abordagens sobre qual é o grau de influência da maturação biológica e da aprendizagem na relação com meio, no processo do desenvolvimento, é certo que o contexto cultural seja palco das principais transformações e evoluções, do bebê humano ao idoso.

Desenvolvimento e aprendizagem, e suas relações, são temas centrais nos estudos de Vigotski. O autor buscou compreender a origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos, ao longo da história da espécie humana e da história individual. (OLIVEIRA, 1997).

Assim, embora não tivesse como meta formular uma teoria do desenvolvimento infantil, Vigotski voltou-se para a infância, a fim de compreender a pré-história do processo. Seus estudos confirmaram que, na medida em que a criança intensifica suas relações com o mundo em que está inserida, a cultura passa a ter, cada vez mais, papel decisivo no desenvolvimento. (MEIRA, 2007).

Há três grandes posições teóricas de concepções destacadas na relação entre desenvolvimento e aprendizagem, de acordo com Vigotski (2007). A primeira centra-se no pressuposto de que os processos de desenvolvimento da criança são independentes do aprendizado, não envolvido ativamente no desenvolvimento. A segunda posição é a que postula que o aprendizado é desenvolvimento, e a terceira posição tenta superar o extremo das outras duas, simplesmente combinando-as.

Discordando dessas três posições, o pesquisador propõe nova abordagem: a zona de desenvolvimento proximal. Para ele, o aprendizado das crianças começa muito antes de começarem a frequentar a escola. Qualquer situação de aprendizagem no ambiente escolar tem sempre uma história prévia. Aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança.

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (VIGOTSKI, 2007, p. 103).

Essa ideia é fundamental na teoria Vigotskiana, porque atribui importância extrema à interação social no processo de construção das funções psicológicas humanas. Destaca que o desenvolvimento humano ocorre em ambiente social determinado e que as relações com o outro são essenciais para a construção psicológica do indivíduo. (OLIVEIRA, 1997).

Vigotski considera que somente a estrutura fisiológica humana não é suficiente para potencializar o desenvolvimento humano. A interação entre o indivíduo e seus semelhantes, em determinado contexto sociocultural, é determinante para o surgimento das características eminentemente humanas. Os fatores biológicos são preponderantes em relação aos sociais somente no início da vida da criança. Com o passar do tempo “as interações com seu grupo social e com os objetos de sua cultura passam a governar o comportamento e o desenvolvimento de seu pensamento.” (REGO, 1995, p. 59).

Leontiev (2004) afirma que, para haver a apropriação do indivíduo em relação aos objetos e fenômenos do mundo, é necessário que se estabeleça relação intermediária com outros seres humanos. A comunicação é condição específica do desenvolvimento do homem na sociedade. As aptidões humanas não são simplesmente dadas nos fenômenos da cultura material e espiritual, mas, são aí apenas postas.

Em seus estudos, Vigotski (2007) não apontou fases ou estágios do desenvolvimento humano, estabelecidos em marcos rígidos, em que se deva esperar do indivíduo certos comportamentos. O que o autor preconiza a ser destacado é que a aprendizagem e o desenvolvimento se relacionam integrados, em que a primeira impulsiona o segundo:

A característica essencial da aprendizagem é que engendra a área de desenvolvimento potencial, ou seja, que faz nascer, estimula e ativa na criança um grupo de processos internos de desenvolvimento no âmbito das inter-relações com outros que, na continuação com outros, são absorvidos no curso interior de desenvolvimento e se convertem em aquisições internas da criança. [...] Por isso a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolva nas crianças essas características humanas não naturais mas formadas historicamente. (VIGOTSKI, 2007, p. 115).

Portanto, na perspectiva histórico-cultural, a educação pressupõe uma relação dinâmica, em que os conhecimentos acumulados são apropriados pelo indivíduo, internalizados e transformados na relação dialética com o mundo. É um processo fundamental à humanização do indivíduo.

Neste capítulo, apresentamos, sucintamente, a trajetória de Vigotski e seus principais colaboradores na construção da teoria Histórico-Cultural, que apresenta como princípio básico a superação da ideia de homem naturalizado<sup>7</sup> para a concepção do homem como ser ativo, histórico e social.

Essa compreensão irá colaborar no entendimento do conceito de juventude, como fenômeno histórico e social, pois difere em cada momento histórico de determinada sociedade. Esse assunto é o tema do próximo capítulo.

---

<sup>7</sup> A expressão *homem naturalizado*, neste trabalho, faz referência ao homem visto como resultado, em grande parte, da maturação biológica. Essa visão parte do princípio de que o indivíduo já contém em si, ao nascer, todas as capacidades potencializadas, sendo mínima a influência do contexto social no desenvolvimento humano.

## 2 NOTAS SOBRE A JUVENTUDE

Nesse capítulo, apresentamos os temas que foram objetos de discussão com os jovens alunos participantes da pesquisa. Foram discorridos em articulação aos pressupostos da teoria Histórico-Cultural e de outros estudos que privilegiem uma visão crítica e histórica nas discussões. Na organização e apresentação deste trabalho, os assuntos foram incorporados, considerando seu teor conceitual, em três grandes eixos temáticos: 1º. *Os diversos jovens* – apresenta as diferentes concepções de juventude, relações afetivas e menciona alguns programas e projetos sócio-educativos voltados aos jovens brasileiros; 2º. *Os jovens e a escolarização* – oportuniza reflexão em tópicos relativos à educação escolarizada e 3º. *Os jovens em movimento: as questões sociais* – discorre sobre as relações mediadas dos jovens, com demandas trazidas pelos temas: trabalho, política, mídia, violência e futuro.

### 2.1 EIXO I – OS DIVERSOS JOVENS

#### 2.1.1 Jovem ou adolescente?

Segundo o IBGE, a população considerada jovem situa-se na faixa de 15 a 24 anos. Constituem o conjunto de pessoas que forçam a Economia para a abertura de novos postos de trabalho.

Assim, tornam-se público-alvo de estratégias criadas pelas mídias e pela indústria do consumo e, segundo Abramo (1997), tem sido objeto de atenção da academia e de atores políticos e de instituições, governamentais e não-governamentais, que prestam serviços sociais.

Há dois termos que são utilizados nas discussões teóricas sobre o período da vida que transcorre entre a infância e a idade adulta: adolescência e juventude<sup>8</sup>. Registramos a busca por entendê-los e para favorecer a discussão e os estudos em suas possíveis especificidades.

Freitas (2005) considera que a utilização dos termos *adolescência* e *juventude*, ora se superpõem, ora estão em campo distintos.

Bock, Furtado e Teixeira (2002) concordam quanto à ausência de um critério claro para definir a fase que vai da puberdade até a idade adulta. Os autores argumentam que isso

---

<sup>8</sup> Neste estudo, ao se utilizar o termo juventude, estão sendo contemplados os termos adolescente e jovem, entendendo que adolescência é o termo que expressa o caráter a-histórico e ideológico para tratar essa fase da vida humana.

ocorre porque adolescência e juventude são fenômenos construídos pela cultura e não marcos naturais do desenvolvimento humano.

Adolescência é um termo antigo. Já era utilizado no Império Romano (*adulescentia*), nos séculos I e II, para descrever e delimitar um período específico na vida dos cidadãos, de acordo com a hierarquia patriarcal da época, em que não havia separação entre o público e o privado. Na Idade Média Europeia, cabia aos jovens de cada comunidade a organização de festividades, e era aceita a conduta transgressiva, pois não representavam uma ameaça e cumpriam com a responsabilidade que deles era esperada. Tal conduta era caracterizada como um momento anterior à participação na vida comunitária. Fica evidenciada, então, a importância do contexto histórico e social para compreender os adolescentes em questão. (MATHEUS, 2008).

A noção de adolescência, associada a momento de turbulência e crise, surge e se consolida na Idade Moderna. A nova organização social e política "[...] localiza o homem no centro do universo [e caracteriza-se como] pautada pela noção de racionalidade e de autodeterminação, sob o ideário iluminista". (SCHINDLER, 1996, *apud* MATHEUS, 2008).

E, é nesse momento histórico, com o trabalho industrial e a crescente urbanização, que o adolescente começa a ser percebido como um indivíduo que precisa ser “preparado” para a vida adulta, em separado, e, por um longo tempo: surge o conceito de moratória<sup>9</sup>.

A moratória e a busca de uma identidade própria pelo sujeito, conforme proposto por Erickson, consolidam e institucionalizam a adolescência como período natural do desenvolvimento humano, entre a infância e a vida adulta, com caráter universal, semi-patológica e carregada de “conflitos naturais”. (BOCK, 2002).

Essa adolescência conflituosa foi retratada por Rousseau, em sua obra *Emílio*, de 1762. O autor argumentou que a chegada da puberdade representava um momento crítico ou um “segundo nascimento”, com mudança de temperamento, explosões de raiva e agitação mental. E Goethe, dez anos depois, na Alemanha, descreveu em seu romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, a desintegração emocional, pontuada por extremas oscilações de humor, de um rapaz talentoso, mas suicida. (SAVAGE, 2009).

Na esfera científica, Stanley Hall, psicólogo e educador norte-americano, foi o autor, em 1904, da primeira teoria formal da adolescência, com base nas teorias evolucionistas do desenvolvimento humano. O autor, que introduziu a Psicanálise nos Estados Unidos e criou a

<sup>9</sup> Conceito que surge com a Revolução Industrial, quando passou a designar o período ampliado de estudos do jovem, antes de sua entrada no mercado formal de trabalho. (OJALA, 2008).

Psicologia da Criança, enfatiza os termos “tormenta” e “tensão” para caracterizar conflitos pelo abandono do corpo infantil e a conquista da identidade adulta. (TOMIO, 2006).

Desde então, a adolescência tem sido vista como acontecimento problemático e universal, vivida por todos os indivíduos igualmente, desconsiderando aspectos culturais, sociais e históricos.

Na América Latina, Aberastury e Knobel (1992) são autores bastante conhecidos por descreverem a adolescência pelo enfoque psicanalítico. Explicaram que a chamada *síndrome normal da adolescência*, embora caracterizada por comportamentos considerados anormais ou patológicos em outras fases do desenvolvimento, devem ser vistos como normais nessa etapa de transição à vida adulta.

Essa adolescência naturalizada e universal se faz presente nas concepções de profissionais psicólogos, conforme pesquisado por Ozella (2003). O estudo teve por objetivo entender os significados apresentados sobre os adolescentes e as formas de intervenção dos psicólogos. O pesquisador concluiu que, para a maioria dos profissionais entrevistados, a adolescência é considerada um acontecimento natural e universal e, a cultura aparece em ritos de passagem, como elemento complementar, e não como determinante fundamental na constituição do sujeito. Evidenciou-se, também, o aspecto patológico, em denominações descritas como: período conturbado, complicado, difícil.

Petrovski (1981, apud OZELLA, 2003) foi um dos autores que se manifestaram contrários à adolescência vista por esse aspecto. Para ele, os estudos realizados pela antropóloga Margarete Mead, em 1929, junto a adolescentes na ilha da Samoa Americana, no Pacífico Sul, contribuiu para demonstrar a inconsistência quanto à manifestação inevitável de crises e conflitos na adolescência, e indicou que seu condicionamento é social. A pesquisa antropológica contribuiu para apresentar uma visão diferente dos conceitos trazidos pelas teorias que priorizam os aspectos biológicos dos sujeitos.

A ciência psicológica, ao considerar a adolescência explicada pelo viés psicanalítico, buscou formas para justificar e normatizar manifestações de comportamento dos indivíduos e, também, atribuiu a si a função de definir características e critérios para classificar a população jovem. (GONZALES; GUARESCHI, 2008).

Na contemporaneidade, ampliam-se críticas à visão da adolescência como fenômeno universal e biológico. Áreas do conhecimento como Educação, História, Sociologia e Antropologia tem defendido que o desenvolvimento humano deve levar em consideração o contexto histórico e social em que o indivíduo está inserido.

Para Abramo (2005), a noção de adolescência<sup>10</sup> está consolidada junto à sociedade brasileira. Foi a partir dos anos 1980, pela difusão desse conceito, é que se incrementou o movimento social pela defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes, que culminou com a promulgação do Estatuto da Criança e da Adolescência – ECA (Lei n.º 8.069, de 1990). Esse documento, que define crianças e adolescentes como sujeitos de direito e estabelece juridicamente a faixa etária da adolescência entre 12 e 18 anos, não faz referência ao termo *juventude*.

A Organização Internacional da Juventude - UNESCO utiliza o termo *juventude* para designar o período do ciclo de vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultas, e que, durante o qual, ocorrem importantes mudanças físicas, psicológicas, sociais e culturais. Essas mudanças variam conforme as sociedades, as culturas, as etnias, classes sociais e o gênero<sup>11</sup> dos indivíduos. A faixa etária do período juvenil corresponderia aos limites entre 14 e 25 anos. A adolescência é considerada a etapa inicial da juventude, com os limites de idade entre 14 e 18 anos.

Trassi e Malvasi (2010) consideram que juventude remete a uma noção imprecisa. O conceito pode ser visto pela faixa etária, como etapa de transição da vida humana, ou, ainda, como categoria social.

Para Ariès (1978 *apud* LEVI; SCHMITT, 1996) a juventude foi construída cultural e socialmente e adquiriu significados diversos ao longo da história, de acordo com sua função social. Assim, um fator biológico como a idade cronológica, por exemplo, considerado isoladamente, é insuficiente para caracterizar o sujeito jovem.

Fatores sociais, econômicos e culturais estão postos na origem da juventude, conforme explica Clímaco (1991). A sociedade moderna, com suas revoluções industriais, ocasionou grandes modificações na vida das pessoas. A sofisticação do trabalho, acarretada pela tecnologia, passou a exigir um tempo prolongado de formação a ser adquirida na escola. Esse contexto fez com que os jovens fossem reunidos num mesmo espaço e afastados do trabalho, por um determinado tempo. O desemprego crônico e estrutural da sociedade capitalista foi outro fator que exigiu retardar o ingresso dos jovens no mercado de trabalho. E fez com que fossem aumentados os requisitos para esse ingresso, ampliando o tempo passado na escola. E surge, então, um novo grupo social, com comportamentos peculiares: os jovens.

Grispun (2002) aponta diferenças nos termos *adolescência* e *juventude*, apesar de considerá-los similares:

---

<sup>10</sup> Abramo não cita o aspecto naturalizante da adolescência nesta menção.

<sup>11</sup> Termo utilizado como conceito que define pertencimento ao masculino ou ao feminino.

[...] entendemos a ‘adolescência’ de uma perspectiva psicológica, corroborada por um dinamismo psicossocial que faz do adolescente um ser único na pluralidade em que vivemos. À juventude dedicamos uma conotação mais sociológica, antropológica, por meio de determinadas marcas de um tempo extremamente diferenciado dos demais, forte em sua concepção, rico em sua manifestação, que resulta de uma vivência em determinado período histórico e social e reflete dados da cultura em que é estabelecida e a época no qual é concebida. (GRISPUN, 2002, p.32, *apud* BASMAGE, 2010).

Groppo (2000) aponta três termos que podem designar o período de transição da fase de ingresso na sociedade para a maturidade: a) *puberdade*, sobre as transformações corporais; b) *adolescência*, relativo aos aspectos psicológicos, do indivíduo que se torna adulto e c) *juventude*, que dá destaque ao período intermediário entre as funções sociais da infância e as do homem adulto.

Contudo, é importante complementar a explanação de Groppo (2000) e esclarecer que, para a perspectiva histórico-cultural, as dimensões constitutivas do indivíduo apontadas (orgânica, psicológica e social-cultural) são unificadas e é um equívoco estudá-las isoladamente. A teoria Vigotskiana não nega o aspecto biológico, posto que o desenvolvimento inicial do psiquismo se dê em bases orgânicas. Mas, é estabelecida em contínua intermediação com o contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido.

Sposito (1997) também corrobora não ser possível adotar um critério único para definição da categoria juventude, pois considera os sujeitos que a constituem como históricos e culturais. Reconhece a *transitoriedade* (grifo da autora) como elemento importante de definição do jovem. Contudo, a duração e, o modo em que se dá esse processo tem variações, conforme apontam os estudos sobre esse tema<sup>12</sup>.

A teoria Histórico-Cultural apresenta a condição juvenil, ao situar o sujeito a partir das relações sociais, constituindo-se e constituindo a sociedade.

Demonstra que a juventude vai além, dos marcos biológicos. É considerada uma construção histórica, determinada pela cultura:

Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo. Com efeito, mesmo a aptidão para usar a linguagem articulada só se forma, em cada geração, pela aprendizagem da língua que se desenvolveu num processo histórico (...). O

<sup>12</sup> Sposito cita os estudos de Mannheim (1968 e 1982) como sugestão para aprofundar o tema *transitoriedade*.

mesmo se passa com o desenvolvimento do pensamento ou da aquisição do saber. (LEONTIEV, 2004, p. 284).

Assim, o que se define é como se estabeleceu historicamente este período do desenvolvimento humano visto que, para a abordagem histórico-cultural, a compreensão de qualquer fato se dá a partir de sua inserção na totalidade.

A juventude, como se conhece nos dias de hoje, não existiu sempre, nem mesmo em diferentes agrupamentos sociais. Essa construção conceitual se fez na história, pelas necessidades, pelos fatos sociais que foram surgindo na vida material dos homens e destacando as características psicológicas do período chamado juventude ou adolescência.

Clímaco (1991) considera que o desenvolvimento humano submete-se às determinações histórico-culturais e, assim, a compreensão do desenvolvimento do jovem deve levar em conta o contexto cultural e a época em que ele vive.

Mascagna (2009), que pesquisou a adolescência norteada pelos pressupostos vigotskianos, registrou que a característica principal desse período está relacionada ao desenvolvimento máximo das funções psicológicas superiores, pela formação de conceitos, por meio dos novos interesses que surgem e que acabam por modificar os mecanismos de conduta do indivíduo.

Concordamos com a autora em que o desenvolvimento e o surgimento de novos interesses dependem da vida material dos homens, confirmando que o psiquismo humano se desenvolve em conformidade às condições históricas e aos meios de produção da vida:

No desenvolvimento dos interesses, ocorrem duas etapas principais: os novos interesses e o desenvolvimento do sistema novo que se forma sobre estes novos interesses, são considerados por Vygotski (1996) como a base orgânica desse novo sistema. Novas atrações surgem, novas cobranças são efetuadas pelo meio, dando lugar a uma nova forma de viver a vida e a realidade ao adolescente. (MASCAGNA, 2009, p. 54).

Então, reafirma-se a compreensão da adolescência vista como construção histórica:

[...] Adolescência, portanto, deve ser pensada para além da idade cronológica, da puberdade e transformações físicas que ela acarreta, dos ritos de passagem, ou de elementos determinados aprioristicamente ou de modo natural. A adolescência deve ser pensada como uma categoria que se constrói, se exercita e se re-constrói dentro de uma história e tempo específicos. (FROTA, 2007, p. 154).

O desenvolvimento do indivíduo, nesse caso o jovem ou adolescente, sobressai pelo aspecto social, pelas relações estabelecidas com o outro e, sobretudo, com o mundo, pela mediação. Confirma-se a compreensão de aspectos singulares e universais destes jovens, vinculados ao seu contexto econômico e sociocultural.

Schmidt (2001) enfatiza marcadamente os aspectos histórico e cultural dos conceitos de adolescência e juventude:

Juventude e adolescência indicam fenômenos históricos e sociais (não existem do mesmo modo em todas as épocas históricas em todos os meios de uma determinada sociedade) com diversidades internas dos segmentos juvenis de uma mesma geração podendo ser, em algumas dimensões, tão diferentes entre si quanto de uma geração para outra), mas cujos componentes compartilham elementos culturais e atitudinais comuns, próprios da sua geração. (SCHMIDT, 2001, p. 186).

Confirma-se, assim, a similaridade dos conceitos *adolescência* e *juventude*. Embora exista um consenso universal estabelecido pelo fenômeno da puberdade, há diferentes concepções de adolescência e de juventude, de acordo com o contexto social e histórico, o que faz com que essas diferentes juventudes tenham visibilidade, em seus aspectos específicos.

### **2.1.1 Afetividade**

Neste tema, será empregado o termo afetividade para designar esse aspecto constitutivo da subjetividade humana.

Não é recente a discussão filosófica sobre a dualidade entre razão e emoção. Aristóteles já dizia que os sentimentos estão no coração, e cabe ao cérebro esfriá-los. Kant destaca a supremacia da razão, ao dizer que as paixões são enfermidades da alma. (VASCONCELOS, 2003). Essa dicotomia entre a razão e os sentimentos, presente desde a antiguidade, tem perdurado até os dias de hoje, com valorização maior dada à razão.

Toassa (2009) confirma a dualidade no estudo desta temática: o aspecto afetivo manifesta-se mais na vida privada do que na pública, embora emoções e vivências sejam mediadores determinantes em nossas relações. Para a autora, os conceitos de emoções e vivências estão associados às funções psicológicas superiores, culturizadas.

Em outro estudo, Magiolino (2010) discute que, na teoria de Vigotski, a emoção é colocada como possibilidade humana. A pesquisadora esclarece que os termos *afeto*,

*sentimento* são similares à *emoção* e devem ser compreendidos em um processo multifacetado, dialético.

## 2.2 EIXO II – OS JOVENS E A ESCOLARIZAÇÃO

### 2.2.1 Educação nos pressupostos da teoria histórico-cultural.

Saviani (2008) considera que a origem da educação está no processo estabelecido pelo materialismo histórico dialético em que, para sobreviver, o ser humano precisa retirar da natureza seus meios de subsistência. Assim, a produção do homem se torna, ao mesmo tempo, sua formação, isto é, um processo educativo. E a origem da educação converte-se, então, com a origem do próprio homem.

Tendo por base os princípios propostos por Marx, Saviani (2008) observa que, embora nem toda educação seja escolar, tornou-se hegemônico considerar que esse processo deve ser compreendido a partir da escola, por se tratar da forma mais desenvolvida desse fenômeno.

Este autor assim define educação:

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente, pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito de um lado à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse fim. (SAVIANI, 2008, p. 13).

Em concordância, para Rossler (2007), a educação é o processo que se concretiza, quando se transmite e se assegura às outras pessoas, o conhecimento de crenças, técnicas e hábitos que um grupo social já desenvolveu, a partir de suas experiências de sobrevivência.

A educação é uma das dimensões essenciais na evolução do ser humano, como apropriação cultural; é o meio de garantir às outras pessoas aquilo que um determinado grupo aprendeu (LEONTIEV, 2004).

Meksenas (2002) explicita que, de acordo com os pressupostos histórico-culturais, a educação nas sociedades mostra que os interesses individuais só se realizam por meio dos interesses sociais. Assim, a educação, ao socializar o indivíduo, ensina a este que o ser humano isolado não sobrevive e que ele só pode desenvolver as suas potencialidades estando em contato com o meio social, em relações mediadas com as outras pessoas.

A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana (VIGOTSKI, 2007). Então, o papel da educação deve privilegiar a formação da consciência do ser humano, pela apropriação do patrimônio cultural acumulado, que se dá pelas relações sociais estabelecidas entre os indivíduos.

Assim, se a apropriação das aquisições da cultura humana é condição primordial para o desenvolvimento humano, então, considera-se primordial o fato de que todos os cidadãos tenham direito a uma educação de qualidade (MEIRA, 2007).

Como fenômeno social, a educação deve permitir a interação plena e consciente, tanto dos indivíduos entre si, quanto na relação com o mundo (simbólico e material), para transformá-lo e alterar o rumo da sua história (BOCK, 2002).

### **2.2.2 A escola**

A escola, como local de educação institucionalizada, é resultado de uma construção histórica.

Nos primórdios da humanidade, educar era viver o cotidiano do grupo social a que se pertencia. As crianças acompanhavam os adultos em suas atividades e, logo, aprendiam também a desempenhá-las, por imitação. Nesse processo, interiorizavam valores morais e comportamentos socialmente desejados. A educação era desenvolvida “na prática”. (BOCK, 2002).

Na idade Média, o processo da educação começou a ser visto de forma diferenciada, e o saber passou a ser transmitido em espaços específicos. A escola era restrita aos filhos das famílias de poder na sociedade, os nobres.

E é na era Moderna, no século XVIII, que a educação pública, mantida e dirigida por autoridades oficiais, consolida-se. Com caráter disciplinar e autoritário, tem objetivo voltado à formação do súdito, em especial do militar e do funcionário (LUZURIAGA, 1959, *apud* ROCHA, 2005).

A Revolução Industrial transformou o modo de produção do trabalho e trouxe mudanças significativas na vida dos homens. Favoreceu o surgimento da “[...] moderna instituição escolar pública. Fábrica e escola nascem juntas [...]”. (MANACORDA, 2004, p. 249).

Manacorda (2004) alerta às consequências destes novos processos à educação “[...] são freqüentes as considerações sobre os prejuízos que a revolução industrial provoca não

somente aos adultos, mas também às crianças, explorando seu trabalho e privando-os de qualquer instrução. [...]”. (MANACORDA, 2004, p. 249). E essa situação pouco mudou hoje, quando muitas crianças e jovens estão fora das escolas ou estudando com enormes dificuldades.

Da Revolução Industrial para os dias atuais, então, estabeleceu-se a universalização da escola, com as características que possui atualmente, em nossa sociedade: ensinar as novas gerações a trabalhar, assimilar as regras sociais, os conhecimentos básicos, os valores morais, enfim, fazer a mediação entre a criança e a sociedade.

Tendo em vista a importância da relação intersubjetividade para o crescimento individual, pode-se considerar que o ato de educar, vivenciado pelo homem, é realizado apenas no meio social, numa interação partilhada. É inevitável, então, que pensemos na escola como um dos locais para essa interação.

A educação de qualidade é, então, importante desafio que se apresenta para as políticas públicas, para que a escola possa se constituir enquanto instituição mediadora de conhecimentos e de instância formadora para a juventude brasileira, além das ações formais específicas de escolarização.

A escola apresenta muitos problemas sendo que o mais destacado deles é a dicotomia entre o aspecto teórico das concepções pedagógicas e o aspecto prático, que se refere ao cotidiano da educação escolar.

Há indicativos de que os estudos de Frigotto (1996), apontando que a educação institucional no Brasil reflete uma cultura que escamoteia os conflitos e as crises<sup>13</sup> presentes na sociedade, ainda continuam a balizar a escola do século XXI. Urt e Morettini (2008) também concordam que a escola é um espaço que reflete as contradições, convergências e divergências, presentes nas relações sociais.

Para Bock (2002), enquanto instituição mediadora, a escola não tem cumprido seu papel entre o indivíduo e a sociedade; tem se tornado uma instituição fechada, em que são ensinados conteúdos distantes da realidade social, fato que acaba por excluir os alunos da escola ou gerar a “cultura da repetência”.

A escola “[...] tem o papel de possibilitar ao sujeito o acesso à produção humana acumulada, notadamente a cultural, essencial para que o sujeito possa se constituir pleno, atuante, conhecedor, pensador capaz de alterar eventualmente a sua realidade” (URT; MORETTINI, 2005, p. 125).

---

<sup>13</sup> As crises e os conflitos aos quais Frigotto faz referência são produtos derivados de relações sociais excludentes, típicas de uma sociedade capitalista.

### 2.2.2.1 A relação do jovem com o trabalho.

Na instituição escolar, ao finalizar o ensino médio, os jovens se veem ante importantes decisões: continuidade dos estudos, normalmente participando de um processo seletivo para um curso superior de graduação e/ou a entrada no mundo do trabalho formal.

Julgamos importante discutir alguns aspectos sobre a relação do jovem com o trabalho, processo mediado pela educação.

Assim, na instituição escolar, ao finalizar o ensino Médio, os jovens se veem ante importantes decisões: continuidade dos estudos, normalmente, participando de um processo seletivo para um curso Superior e/ou a entrada no mundo do trabalho formal.

A Lei N.º 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional expressa que a educação, dever da família e do Estado, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho.

No caminho para se chegar à profissão pretendida, contudo, há fatores condicionantes que podem interferir na realização do curso ou da profissão desejada, desde a necessidade que o jovem economicamente menos favorecido tem de conciliar trabalho e escola, até a difícil concorrência na conquista de uma vaga em uma universidade pública, principalmente, em cursos mais disputados.

Ficam evidenciadas a importância e a influência que a escola pode propiciar ao aluno, ao favorecer a reflexão sobre todas as circunstâncias que envolvem a inserção no mundo do trabalho.

A educação de qualidade<sup>14</sup> é, então, importante desafio que se apresenta para as políticas públicas, para que a escola possa se constituir enquanto instituição mediadora de conhecimentos e de instância formadora para a juventude brasileira, além das ações formais específicas de escolarização.

Sobre a ocorrência, na instituição escolar, formal ou não, do fenômeno profissionalização, Osório (2001) considera como um instrumento de vulnerabilidade social, pois seus objetivos não são alcançados por se apresentarem totalmente desvinculados da realidade social. São concedidos certificados e diplomas, sem observar devidamente o distanciamento entre o que se propõe o que se executa e as necessidades de absorção de mão de obra.

---

<sup>14</sup> Consideramos educação de qualidade aquela que possa “elevar os alunos dos conhecimentos espontâneos ao conhecimento científico [...] promover o desenvolvimento das funções psicológicas superiores de forma a permitir que eles compreendam a essência da realidade externa e interna e, a partir desta compreensão, tenham possibilidade de revolucionar sua prática social.”. (TULESKI; FACCI; BARROCO, 2013, p. 294).

Delmondes (2006) confirma, em pesquisa junto a egressos de cursos técnicos, as considerações evidenciadas anteriormente por Osório (2001), pois a conclusão do trabalho foi de que não se constatou relação direta entre a formação profissional e o desenvolvimento ou melhoria das condições de vida dessas pessoas.

Em outra investigação sobre o tema, com jovens inscritos em programas de educação profissional e de inserção em mercado de trabalho, Silva (2006) verificou que os jovens, ao frequentarem tais programas, acreditam que a qualificação os tornará empregáveis. A constatação é que essa crença se dê como fruto do plano ideológico liberal.

Em termos de políticas educacionais voltadas ao ensino Médio, Saviani (2008), ao comentar sobre educação profissional, aponta que, no governo Lula (2003-2010), houve avanços em relação ao governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), com a retomada da articulação do ensino técnico com o ensino Médio regular. Porém, alerta que essa mudança deveria ser assegurada pelo compromisso do Estado com o financiamento da educação pública, fortalecendo os centros de educação tecnológica, as escolas técnicas federais e induzir que os estados caminhassem na mesma direção.

Complementando a informação sobre a desvinculação do governo, quanto à sua obrigação em oferecer educação pública de qualidade, é preciso lembrar que, há não muito tempo, o governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), na década de 1990, instituiu a privatização do ensino Superior, com a redução dos investimentos públicos nas universidades públicas e incentivo às instituições de ensino Superior privadas, “gigantes” da educação, cujo lucro aproxima-se de grandes empresas como Vale do Rio Doce, Gerdau. (CHAVES, 2010).

Numa sociedade capitalista, há desigualdades econômicas, e as oportunidades e condições não estão disponibilizadas de forma verdadeiramente democrática para os cidadãos. Embora o discurso seja a de ampliar vagas para os jovens pobres, inserindo-os nas instituições privadas, inclusive com programas de bolsas de estudo, sabe-se que a educação, como possibilidade emancipadora e de reflexões críticas, logicamente, não faz parte das práticas pedagógicas dessas instituições. Concordamos com Chaves (2010) que se trata da educação como mercadoria destinada aos estudantes, tratados como clientes consumidores.

O que se busca é a desconstrução do conceito de naturalização do homem e aproximação, pela teoria histórico-cultural, de indivíduos dialeticamente singulares e universais, que, pela apropriação da cultura, construída por gerações anteriores, elaboram novas habilidades, instrumentos e se fazem nesse processo contínuo de movimento e transformação concreta das condições sociais que estão postas. (BOCK, 2002).

### 2.2.3 O processo ensino - aprendizagem

No espaço da escola, alunos e professores são considerados atores do processo de transmissão e aquisição da cultura construída e acumulada pelas gerações anteriores, ao longo da história. Rabatini (2010) destaca “[...] a importância do ensino escolar no desenvolvimento dos indivíduos, considerando que para Vigotski não há desenvolvimento sem educação, posto que as proposições desse pensador evidenciam a relação entre aprendizagem e desenvolvimento [...]”. (RABATINI, 2010, *apud* FLANDOLI, 2013).

É preciso destacar que a escola é um espaço que reflete as contradições, convergências e divergências, presentes nas relações sociais. (URT; MORETTINI, 2008).

Tacca (2005) complementa que alunos e professores compartilham-se como pessoas, interagem como sujeitos e constituem mutuamente sua subjetividade.

Para Gonzalez Rey (2006), a ênfase dada aos aspectos cognitivo-intelectuais da aprendizagem deixa pouca margem para a compreensão dos aspectos subjetivos e sociais que são parte do processo de aprender.

O conceito de educação apresentado por Freire (2005) esclarece relações dialéticas do processo ensino-aprendizagem e da interação professor e aluno, aproximando-se dos pressupostos de Vigotski:

“Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.” (FREIRE, 2005, *apud* CARNEIRO, 2012, p. 9).

### 2.2.4 O professor

Diferentes concepções e tendências pedagógicas permeiam os discursos no que se refere ao papel do professor. Baseando-nos, principalmente, em Saviani (1983), segue um breve histórico, de como se configuraram estes modelos educacionais.

Até o final do século XIX, a pedagogia tradicional, vertente das chamadas pedagogias não-críticas, predominou. O contexto econômico brasileiro baseava-se na agroexportação, e o conhecimento científico era reservado à elite, detentora do poder econômico e político.

Ao professor, nesse modelo pedagógico, cabia transmitir conteúdos, e, ao aluno, assimilá-los. Assim, o docente era figura de autoridade no processo ensino-aprendizagem, porque possuía conhecimentos mais elaborados.

Na década de 1930, um novo contexto político-econômico surgia com a industrialização no Brasil. Nessa época, apresentou-se a proposta pedagógica Escolanovista, que substituiu o professor como figura central do processo educativo e insere o aluno, com o entendimento de que este aprenderia melhor o que fizesse sozinho; cabendo ao professor somente organizar situações de aprendizagem, adequando-as às características dos discentes. O escolanovismo, por ser de alto custo financeiro, não se popularizou, e os trabalhadores permaneceram no processo de ensino chamado tradicional.

Emerge, nos anos de 1960, a pedagogia tecnicista, baseada no modelo behaviorista de aprendizagem. O tecnicismo tinha por meta o comportamento objetivo e operacional, partindo do pressuposto da racionalidade, eficiência e produtividade. E, nesse modelo pedagógico, o professor torna-se quase um mero aplicador de técnicas. (FACCI, 2004, *apud* SANTOS; GASPARIN, 2011).

A partir da década de 1980, surgem as propostas contra-hegemônicas, dentre elas, a Pedagogia Histórico-Crítica, que tem concepção dialética, especificamente, no materialismo histórico. Apresenta afinidade em suas bases, com a teoria Histórico-Cultural, desenvolvida pela escola de Vigotski. (SAVIANI, 2005, *apud* SANTOS; GASPARIN, 2011).

Nessa perspectiva, o conhecimento, para se tornar acessível ao aluno, deve ser sistematizado e organizado na prática pedagógica.

Quanto à atuação do professor, espera-se que seja capaz de fazer a mediação; que oportunize ao aluno a apropriação do conhecimento científico. Deve ensinar os conteúdos, ensinar a pensar de forma crítica e coerente. O professor, ainda, deve favorecer a compreensão entre os conceitos espontâneos e os científicos; a apropriação da cultura.

O professor é também um sujeito do aprender. É histórico, nunca está pronto, nem terminado, e vai se transformando sempre, conforme suas experiências. (MORETTINI, 2013).

A dualidade se faz presente na constituição do sujeito-professor. Nóvoa (1995a, 1995b), a partir de uma retrospectiva histórica sobre a formação e atuação docente, confirmou em seus estudos que a formação e atuação dos professores, de forma geral, foram marcadas por uma separação entre o “eu” pessoal e o “eu” profissional. (NOVOA, 1995a, 1995b, *apud* FACCI *et al.*, 2004).

O materialismo histórico, na sociedade capitalista, revela a forma como o trabalho “coisifica” o homem, porque há uma ruptura do sujeito com o objeto.

Facci (2004) discorre que toda ação humana deveria ser consciente e dirigida pela relação entre o sentido e o significado da mesma. Quando o sentido pessoal separa-se do significado social, esse trabalho está alienado e descaracteriza a prática educativa.

Vigotski (2007) denomina como fossilização essas práticas cristalizadas do comportamento:

“[...] processos que esmaeceram ao longo do tempo, isto é, processos que passaram através de um estágio bastante longo do desenvolvimento histórico e tornaram-se fossilizados. Essas formas fossilizadas de comportamento são mais facilmente observadas nos assim chamados processos psicológicos automatizados ou mecanizados, os quais, dadas as suas origens remotas, estão agora sendo repetidas pela enésima vez e tornaram-se mecanizados [...]” (VIGOTSKI, 2007, p. 67).

Na contemporaneidade, cada vez mais, a velocidade das mudanças, as novas exigências tecnológicas fazem com que o professor nem sempre consiga acompanhar as transformações sociais que se apresentam. Em muitos casos, o aluno demonstra estar mais atualizado do que o docente quanto aos novos aparatos tecnológicos.

Então, como mediador na construção do conhecimento do aluno, o professor deve buscar rever sua prática e estar atento para que sua atividade não se torne mecanizada. Conforme Penteado (1998):

Isso requer por parte do professor uma disponibilidade pessoal para se rever em relação ao seu ‘outro aluno’. Deve haver disponibilidade pessoal para a mudança. Isso porque toda mudança de conduta implica desinstalar modos já arraigados e até automatizados e dos quais só tomamos consciência quando nos propomos a novos procedimentos (PENTEADO, 1998, p. 14, *apud* BASMAGE, 2010).

Assim, da mesma forma que deve buscar a competência técnica, deve ampliar a consciência política de seu trabalho.

Concordamos com Rodrigues (1998) que a questão do compromisso político é fundamental para o exercício da função educativa e para a busca de ampliação do conhecimento técnico, ressaltando-se que o processo de ensino e aprendizagem é uma totalidade de atos e decisões que vão muito além do muro da escola.

### 2.2.5 O aluno

Ao buscarmos conceituar o aluno, um dos atores do processo ensino e aprendizagem, trazemos Camacho (2004, p. 330) que aponta a incoerência no discurso que as instituições educativas apresentam em relação ao aluno, denominado como [...] um ser fragmentado, separado e desarticulado [...]. A autora relaciona que o desinteresse do aluno é consequência do fato de que o trabalho escolar apresenta-se fragmentado, caótico e desconexo.

Sobre a importância do trabalho escolar para a criança, (aluno), Vygotsky (2005) pontua que a aprendizagem escolar estimula processos internos de desenvolvimento. E, ainda, que “[...] *o processo de desenvolvimento não coincide com o da aprendizagem, o processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem, que cria a área de desenvolvimento potencial.*” (VYGOTSKY, 2005, p. 17).

Portanto deve ser buscado um processo de aprendizagem escolar o mais coerente possível, por exigir do aluno a utilização de capacidades que ainda estão sendo formadas. Flandoli (2013) corrobora:

O autor [Vigotski] defende que a escola oferece determinados conteúdos, diferentes dos que são de uso cotidiano, desenvolvendo modalidades de pensamento bastante específicas, tais como o pensamento lógico e o matemático, que dependem dos conceitos científicos. Ela tem um papel diferente e insubstituível na apropriação pelo sujeito da experiência culturalmente acumulada. (FLANDOLI, 2013, p. 131).

Contudo, como os sistemas educativos estão atrelados a uma concepção de acúmulo de conhecimento, o aluno torna-se um ator passivo na relação de ensino e aprendizagem. (MITJÁNS, 2006, *apud* MORETTINI, 2012).

Essa observação é trazida também, por Gonzalez Rey (2006), ao citar a representação descritivo-reprodutiva da aprendizagem, associada às práticas na instituição escolar, que se orienta mais pela transmissão de conhecimentos (considerados verdadeiros) e menos pela discussão e reflexão dos conteúdos apresentados.

“[...] aos alunos lhes é transmitido um mundo feito, não um mundo em processo de construção e representação, o que desmotiva a curiosidade e o interesse deles. [...] Existe um conhecimento “certo” que já está pronto e que o aluno tem que saber, mas nada existe de novo que possa ser acrescentado por ele”. (GONZALEZ REY, 2006, p. 31).

O autor tece ainda observações sobre o aspecto subjetivo do processo de aprendizagem, pois o aluno não aprende só como intelecto. Afirma que a motivação e emoção, por terem sido consideradas externas ao processo de aprender, geraram dicotomia entre os aspectos cognitivo e afetivo.

É preciso, então, discutir novas práticas pedagógicas que integrem a subjetividade como aspecto do processo de ensinar e de aprender, pois “o sentido subjetivo não se contrapõe ao aspecto operacional da aprendizagem, senão que acrescenta uma qualidade da aprendizagem que não tinha sido considerada intrínseca ao aprender.” (GONZALEZ REY, 2006, p. 35).

## 2.3 EIXO III – OS JOVENS EM MOVIMENTO: AS QUESTÕES SOCIAIS

### 2.3.1 Trabalho

A categoria trabalho é considerada central para a Psicologia Histórico-Cultural, pois se considera que é a partir da atividade consciente, que o ser humano adquire o reflexo consciente para transformar o mundo e desenvolver suas funções psicológicas superiores. (VIGOTSKI, 1995[1931], *apud* FURTADO; SVARTMAN, 2009).

Marx destaca que a vida do homem está intrinsecamente relacionada ao trabalho, uma vez que as relações sociais surgem de acordo com os interesses e necessidades humanas, assentadas em bases materiais, sob o princípio dialético da mudança. (SEVERINO, 1994).

Assim, é pelo trabalho que são desenvolvidas as habilidades humanas, que o indivíduo adquire conhecimento de seus limites e, ao mudar a si próprio, produz cultura. E, inversamente, pelo trabalho, pode-se compreender o homem e seu processo na transformação da natureza.

Ao indagarmos alguém sobre o que é trabalho, a resposta é rapidamente relacionada à atividade remunerada ou o emprego. Mas, esse conceito vai além. Trabalho é algo construído historicamente e, desde os primórdios da humanidade, foi consagrado como atividade para a sobrevivência. (MANFREDI, 2002).

No início, as primeiras sociedades eram comunais. Na antiguidade clássica, o modo de produção era o escravista e, na idade Média, baseava-se na servidão, pela exploração do camponês. Já na era Moderna, com a expansão do comércio e criação das indústrias, fábricas e com a ascensão burguesa ao poder, surge o modo de produção capitalista. Assim,

evidencia-se, segundo Manfredi (2002), que o trabalho é histórico, construído de acordo com as sociedades, os modos de organização da produção, distribuição de riqueza e poder.

A historicidade do trabalho é destacada na Psicologia Histórico-Cultural. A atividade, um de seus pilares, é considerada como característica essencial do homem, em constante transformação e desenvolvimento.

Pela sua atividade, os homens não fazem, senão, adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento das suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte. (LEONTIEV, 2004, p. 283).

Severino (1994) observa que, ao mesmo tempo em que se caracteriza como atividade única do homem, o trabalho desenvolve na sociedade capitalista um caráter desumanizador na venda de sua força, como valor de troca, em busca do lucro.

Assim, na sociedade contemporânea, o trabalho é visto como um meio para se atingir as realizações pessoais ainda que, muitas vezes, aconteça de forma excludente.

Se o movimento e transformação das coisas se dão pela contradição das forças que existe em todos os elementos, então, é pela contradição e sua superação que a realidade se modifica, ao longo do tempo, pelas leis da dialética.

Para Frigotto (2004), no aspecto específico do trabalho e da educação dos jovens brasileiros da classe trabalhadora, a contradição se radicaliza, pois a produtividade do trabalho exige todo o tempo do jovem, afastando-o da escola. Conforme Sposito (2008), a escola é um espaço onde se configuram as relações com o outro; espaço esse que pode, com seus agentes, encaminhar discussões.

O autor esclarece sobre a ideologia perversa do *capitalismo flexível*<sup>15</sup>, disseminada pela pedagogia das competências e da empregabilidade junto aos jovens que buscam emprego, principalmente, no mercado formal. Nesse contexto, é construída a subjetivação de que o desemprego, a falta de oportunidades é problema de cada um e não da estrutura social, das estruturas de poder. (FRIGOTTO, 2004).

<sup>15</sup> Ideologia expressa no contexto da pedagogia das competências e da empregabilidade, que procura “vender” educação técnica aligeirada ao “novo cidadão produtivo”, como preparação para o mercado de trabalho etc. As contradições advindas desse processo são cada vez mais profundas e destrutivas.

Reafirmamos que a escola, no trabalho pedagógico junto aos jovens, pode iniciar discussões e reflexões sobre o caráter excludente da sociedade capitalista e buscar formas de resistência às situações de sofrimento e lutar pela garantia de direitos já assegurados à infância e juventude brasileiras.

### **2.3.2 Política**

Iniciamos esse tema com o trabalho de Caliarí (2009), o qual busca identificar a participação política da juventude brasileira em diferentes partidos.

Entre outras conclusões, a autora aponta que o sistema político e econômico neoliberal desestimula a efetiva participação na política partidária e procura desmobilizar os movimentos nessa direção. Essa participação precisa de espaços democráticos para se desenvolver, e a escola pode oportunizar essas discussões.

A pesquisa mostrou que o interesse do jovem pela participação nos partidos políticos se dá, majoritariamente, por influência familiar. Em segundo lugar, está a influência de amigos via movimento estudantil.

Discute-se, ainda, que a efetiva participação política do jovem pode ser viabilizada em eventos de interlocução, a exemplo da “Conferência da Juventude”, que ocorreu no ano de 2008, em Brasília, com cerca de quatro mil jovens, em discussão de temas relativos aos direitos sociais e bem-estar da juventude brasileira. Contudo, para engajamento político de mais longo prazo, é preciso oportunizar periodicamente eventos locais posteriormente. (CALIARI, 2009).

Em outra pesquisa, Mesquita e Oliveira (2013) constataram, junto a jovens da cidade de Maceió, os quais exercem militância em diferentes espaços de participação<sup>16</sup>, que a política é compreendida como um instrumento de transformação social e da própria constituição dos sujeitos.

### **2.3.3 Violência**

A violência caracteriza-se como um fenômeno complexo, de difícil conceituação, devido à ausência de consenso entre os estudiosos da temática.

---

<sup>16</sup> Os jovens apontaram como espaço de participação política: os movimentos estudantis, os partidos políticos, movimento de luta pela terra, as pastorais e os movimentos culturais e comunitários locais. (MESQUITA; OLIVEIRA, 2013).

Chauí (1998, p. 1), ao discorrer sobre a relação entre ética e violência, define esta última como: “[...] um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror [...]”.

Lopes *et al* (2008), em um trabalho na perspectiva sócio-histórica, que problematiza formas de enfrentamento à violência a que estão submetidos adolescentes e jovens de grupos populares urbanos no Brasil, opta pela definição da Organização Pan-Americana de Saúde (2002), segundo a qual “[...] a violência pode ser definida como o uso deliberado da força física ou de poder, seja em grau de ameaça ou efeito contra si mesmo, contra outra pessoa, um grupo ou a comunidade, que cause ou tenha muitas probabilidades de causar lesões, morte, danos psicológicos, transtornos do desenvolvimento ou privações, autoagressão interpessoal e coletiva [...]”.

Candau [200-] argumenta que a violência na sociedade atual adquire cada vez mais visibilidade social, particularmente, a partir dos anos 80. Assim, não se trata de fenômeno recente. O que a autora indica como novidade são as múltiplas formas de manifestação e os atores envolvidos, cada vez mais jovens, gerando a denominação *cultura da violência*. E, também, o fato de que, cada vez mais, os atos de violência estão se tornando naturalizados e assim, banalizados.

Para a autora, os episódios de violência na escola podem ser explicados a partir de três enfoques: 1º. A problemática escolar como parte da violência presente na sociedade como um todo; 2º. O fenômeno é multicausal e complexo e 3º. A instituição escolar, como produtora de episódios de violência e, não somente, como reprodutora.

Oliveira e Martins (2007) corroboram o entendimento de que a violência não é algo característico da sociedade contemporânea. Enfatizam a contribuição do Estado na criação e manutenção de diversas violências, pela ausência e/ou delegação de suas responsabilidades à sociedade civil, o que resulta em marginalização, especialmente, de pessoas pobres, que se veem privadas de direitos básicos como saúde, educação, moradia e outros.

De acordo com Saffioti (1989), a violência se estabelece:

“[...] nas relações assimétricas baseadas no conceito de patriarcado-capitalismo-racismo, em que a dominação e a exploração visam pautar todas essas relações, conferindo-lhes a marca da desigualdade. A tríade patriarcado-capitalismo-racismo tem na desigualdade das relações sociais seus atores: a mulher e a criança são inferiores ao homem, o pobre inferior ao rico e o negro inferior ao branco.” (SAFFIOTI, 1989, *apud* OLIVEIRA; MARTINS, 2007).

As autoras mencionam ainda um mecanismo de violência, denominado por Azevedo e Guerra (1989, *apud* OLIVEIRA; MARTINS, 2007) como a *Síndrome do Pequeno Poder*, manifesta em relacionamentos de dominação e exploração, entre as pessoas. Exemplo dessa síndrome é a intolerância exacerbada ao que é diferente do padrão hegemônico “homem branco no poder”, como no caso dos “carecas” que espancam homossexuais e nordestinos, ou o dos “neonazistas”, que deflagram o racismo contra tudo o que consideram como diferente. (OLIVEIRA; MARTINS, 2007).

Pino (2007), ao trazer a discussão da violência para a educação, considera que sua repercussão no meio escolar ocorre em diferentes modos:

“[...] atos de violência e/ou de vandalismo *contra* a escola e seus integrantes, perpetrados por agentes externos a ela; atos de violência *na* escola, seja praticados por agentes internos a ela, seja pela presença em seu interior de agentes externos; e, enfim, atos explícitos ou implícitos de violência praticados *pela* escola ou seus dirigentes. (PINO, 1995, *apud* PINO, 2007).

E destaca as razões do fenômeno observado: 1<sup>a</sup> - a escola é considerada como uma caixa de ressonância das turbulências que ocorrem em outros meios sociais, de onde vêm seus integrantes; 2<sup>a</sup> - é uma instituição frequentemente distante do que ocorre no meio social em que está inserida, o que a torna objeto de rejeição; 3<sup>a</sup> - a escola permanece a mesma de muito tempo atrás, não reflete as mudanças sociais e históricas atuais, o que acaba por gerar relações conflituosas entre seus atores. E, por fim, a escola repercute processos e mecanismos de exclusão social das crianças e dos jovens das classes populares. (PINO, 2007).

Sposito (1999) afirma que um dos principais desafios ante ao reconhecimento da violência na instituição escolar (reconhecida como reprodutora e produtora do fenômeno) é a internalização de novos significados pelos atores sociais, em relações mediadas. Tais relações, traduzidas em práticas pedagógicas que contenham a ideia de democracia como espaço público, direitos, tolerância e respeito às diferenças, podem ser o início de uma discussão, ampliada posteriormente, para outros espaços.

### **2.3.4 Mídias**

O desenvolvimento das mídias vem entrelaçado com as transformações institucionais que modelaram o mundo moderno. (CASSOL, 2006).

Para Thompson (2004, *apud* CASSOL, 2006) há quatro formas de poder: econômico, político, coercitivo e simbólico. Este último se caracteriza pela produção de informação, de conhecimento, da arte e se refere à capacidade de intervir no curso de acontecimentos, influenciar ações dos outros, produzir eventos por meio de produção e transmissão de formas simbólicas. As mídias estão relacionadas a este poder.

A partir da Segunda Guerra Mundial, cresce a indústria da Comunicação, o rádio e a televisão especialmente, modificando as formas de organização social, de produção e de pensamento. Surge, nesse período, o conceito de capital humano, de que o homem é formado para ser um trabalhador e um consumidor em potencial. (GONÇALVES, 2008).

Masson (2010) observa a questão do tempo na sociedade capitalista. A Indústria Cultural oferece atividades permeadas pelo consumo a serem desempenhadas no tempo em que não se está trabalhando. Segundo Adorno (1993, *apud* MASSON, 2010), fenômenos relacionados com o tempo livre, impregnados com ideia de liberdade e fuga da realidade são produtos da ideia cultural, como outras mercadorias quaisquer.

Benjamin (1994) discute a primazia do tempo presente “A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se [...] sem perda de tempo [...]”. A reposição do mesmo como novo e o imediatismo são expressões de uma temporalidade que supervaloriza o presente. (BENJAMIN, 1994, p. 204, *apud* MASSON 2010).

O tempo para refletir sobre os fatos é substituído pela rápida apreensão dos acontecimentos, a transitoriedade dos objetos e dos processos e, por fim, chega ao próprio sujeito, impedido de envelhecer, como considera Lasch (1983, *apud* MASSON, 2010).

O impacto do avanço tecnológico sobre processos e instituições sociais (educação, trabalho, lazer, relações familiares) tem sido intenso. Bellone (2005) considera que são grandes os desafios que essa constatação proporciona ao campo educacional, especialmente, quanto à construção de conhecimentos mediados pelas ferramentas e pelos processos tecnológicos.

### **2.3.5 Futuro**

Os jovens percebem o futuro como a expectativa daquilo que podem alcançar, em relação ao trabalho especialmente, ao seu projeto de vida (BOCK; LIEBSNY, 2003).

Presta (2007), que investigou os processos pelos quais jovens de diferentes grupos sociais constroem suas disposições futuras em relação à escola e ao trabalho, evidenciou que o futuro é fortemente associado à estrutura do patrimônio material e simbólico da família.

Lachtim e Soares (2011) pesquisaram jovens moradores do município de Santo André-SP, na faixa de 20 a 24 anos, quanto às expectativas futuras. Igualmente, emergiu a associação do tempo futuro a uma colocação no mercado de trabalho.

Percebe-se, então, que, para os jovens, as ideias quanto ao futuro relacionam-se, primordialmente, às condições concretas da existência, manifestadas pelo trabalho, principalmente, como atividade remunerada financeiramente.

### **2.3.6 Programas e projetos voltados para a juventude brasileira**

De um modo geral, a juventude é vista como um grupo que aponta dois enfoques: de um lado, o caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária e, de outro, as diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo ou ciclo da vida. (DAYRELL; LINO, 2005).

Esses autores ainda mostram um paradoxo vivido pelos jovens brasileiros: ao mesmo tempo em que as características e os valores ligados à juventude, como a energia e a estética corporal são extremamente enaltecidos, num processo denominado “juvenilização” (aspas dos autores) da sociedade, estes mesmos jovens não são encarados como sujeitos de direitos, não são considerados como dignos de políticas públicas que garantam o acesso a bens materiais e culturais, espaços e tempos para vivenciar com plenitude esta importante fase da vida.

Outro fenômeno comum denunciado: a criação de imagens e preconceitos sobre a juventude contemporânea, principalmente, pelas mídias, que acabam por interferir na visão que temos destes sujeitos: acabamos por vê-los na condição negativa de transitoriedade; o jovem é um "vir a ser" (aspas dos autores) não está completo, só o estará quando chegar à vida adulta. (DAYRELL; LINO, 2005).

E é na escola, que esta transitoriedade negativa se mostra de forma mais evidente:

Em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende a negar o presente vivido dos jovens como espaço válido de formação, bem como as questões existenciais que eles expõem, as quais são bem mais amplas do que apenas o futuro. Quando imbuídos por esta concepção, os projetos educativos perdem a oportunidade de dialogarem com as demandas e necessidades reais do jovem, distanciando-se dos seus

interesses do presente, diminuindo as possibilidades de um envolvimento efetivo nas suas propostas educativas. (DAYRELL e LINO, 2005, p. 2)

A associação que se faz, da juventude aos fenômenos da violência, ao consumo e ao tráfico de drogas ou, mesmo à expansão da AIDS e da gravidez precoce, entre outros, contribui também, para que vejamos o jovem de maneira reducionista, sob a ótica da superação destas questões urgentes.

Essa relação contraditória faz com que seja inibindo o investimento em ações baseadas na perspectiva dos direitos, que possam desencadear políticas e práticas que focalizem a juventude nas suas potencialidades e possibilidades.

Há críticas à visão romântica da juventude, que aparece associada a um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. "Fica-se com a impressão de que o jovem não vivencia as dificuldades e as dores envolvidas nas descobertas, no confronto com os limites dados pela história individual, pelo contexto familiar e social" (DAYRELL; LINO, 2005, p. 2). Outra imagem equivocada, apontada pelos autores, está em perceber o jovem reduzido apenas ao campo da cultura, como se ele só expressasse a sua condição juvenil nos finais de semana, ou quando envolvido em atividades culturais.

Ao discutir a associação entre juventude e política, Ribeiro (2004) afirma que o ideal da juventude é um produto histórico recente, que cresceu nos últimos duzentos anos. Os jovens são tomados como reservatórios, nos quais a sociedade busca o novo, o criativo.

Abramo (1997) analisa que, enquanto na Europa e nos Estados Unidos, a formulação de políticas para jovens tenha se desenvolvido ao longo do século; nos países de língua espanhola da América Latina, esse fenômeno ganhou significação a partir dos anos de 1980. O Brasil não participou desse movimento.

A formulação de políticas governamentais aos jovens brasileiros, no âmbito federal, é recente. No governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva (2003-2010), em 2005, por sugestão de um grupo interministerial, foi criada a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), em que se buscou fazer um diagnóstico da juventude brasileira e dos programas do governo federal destinados a esse público.

Para vencer o desafio da inclusão, uma importante dimensão da política juvenil, o governo federal criou programas específicos<sup>17</sup>: O mais abrangente deles é o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM), que oferece elevação de escolaridade,

---

<sup>17</sup> Além do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM), há, na esfera federal, os programas: Cultura Viva, Bolsa Atleta, Segundo Tempo, Praças da Juventude, Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – PRONASCI, Projeto Farol. Mais detalhes em: <http://www.juventude.gov.br>.

capacitação profissional e inclusão digital. Atua nas modalidades: urbano, campo, adolescente e trabalhador.

Em nível municipal, na capital de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, destaca-se a **Proposta para o Ensino Fundamental - Travessia Educacional do Jovem Estudante Campo-Grandense - TRAJE**<sup>18</sup>. Foi implantada em 2010 e tem como objetivo geral desenvolver uma política educacional que possibilite aos jovens entre quinze e dezessete anos, excluídos do sistema formal de ensino e àqueles que estão no sistema, porém, em distorção idade-ano, a oportunidade de escolarização no ensino regular. Contudo, integrando o ensino fundamental à iniciação ao mundo do trabalho, a qualificação social e cidadã desses jovens.

Na rede estadual de ensino, apresenta-se o *Projeto Jovem de Futuro* (PJF), idealizado pelo Instituto Unibanco.<sup>19</sup> Caracterizado como programa de cunho público-privado, oferece às escolas públicas de ensino Médio, apoio técnico e financeiro para que, em um período de três anos, os alunos elevem as médias de rendimento nas disciplinas Língua Portuguesa e Matemática, junto ao Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), além de ampliar os índices de aprovação em pelo menos 10%.

A implantação do PJF para os sistemas de ensino estaduais ocorreu no ano de 2011, em seis estados brasileiros: Mato Grosso do Sul, Ceará, Goiás, Pará, Piauí, São Paulo. A pretensão era que houvesse 795 escolas participantes do programa em 2012 e 2.802.500 alunos beneficiados nos três anos do primeiro ciclo de atividades.

Essa iniciativa foi viabilizada, pelo programa Ensino Médio Inovador<sup>20</sup>, do MEC, instituído pela Portaria Nº 971, de 09/10/09, com o objetivo de provocar o debate sobre o ensino Médio junto aos Sistemas de Ensino Estaduais e Distrito Federal.

O que o PJF almeja é o fomento de propostas curriculares inovadoras nas escolas, disponibilizando apoio técnico e financeiro, concomitante à disseminação da cultura em currículo dinâmico, flexível e compatível com as exigências da sociedade contemporânea.

Em Mato Grosso do Sul, no ano de 2011, o PJF foi assumido como política pública, com a pretensão de atender a 179 mil estudantes do ensino Médio, de 2012 a 2016. Durante

<sup>18</sup> Mais detalhes em: TRAJE - travessia educacional do jovem estudante: projeto diferenciado no Ensino Fundamental. Campo Grande-MS: SEMED, 2011. (Coleção Projeto Pedagógico Especial).

<sup>19</sup> Conforme relacionado em: <http://ww2.itau.com.br/institutounibanco>

<sup>20</sup> O Programa Ensino Médio Inovador- ProEMI, instituído pela Portaria Nº 971, de 9 de outubro de 2009, integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, como estratégia do Governo Federal para induzir a reestruturação dos currículos do ensino Médio Tem como objetivo apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de ensino Médio, ampliando o tempo dos estudantes na escola e buscando garantir a formação integral, com a inserção de atividades que tornem o currículo mais dinâmico, atendendo também as expectativas dos estudantes do ensino Médio e às demandas da sociedade contemporânea. Mais informações em <http://portal.mec.gov.br>

esse ciclo, a ação pretende se estender a 299 escolas estaduais, sendo 63 em Campo Grande, capital de MS.

As atividades são conduzidas por um grupo gestor da escola, composto por membros da direção escolar, da coordenação do projeto e representantes dos alunos e familiares. Essa equipe é responsável por coordenar e validar as ações, supervisionadas por técnicos externos à escola, que realizam visitas, conferem a organização de atividades e analisam relatórios e cronogramas. Além dessa supervisão intensiva, o monitoramento físico-financeiro é também contínuo, como forma de zelar pela adequada aplicação dos investimentos, ou promover sanções, quando necessário, em função de resultados negativos.

Com uma breve apresentação destes dois projetos integrados ao sistema formal de ensino em Campo Grande-MS, busca-se exemplificar como a educação escolarizada, por si só, não tem correspondido às expectativas do jovem aluno. E as secretarias de educação buscam subsídios para minimizar os resultados indesejáveis na qualidade do aprendizado.

Além destes, há diversos outros projetos, em sua maioria, idealizados e executados por organizações não-governamentais, que têm como público-alvo os estudantes das escolas públicas. Normalmente, as atividades destes projetos, que podem ser caracterizados como de educação não formal, ocorrem em horários não coincidentes aos do período das aulas.

Ante tantos programas governamentais que objetivam favorecer a elevação da escolaridade e reduzir os índices de violência, principalmente, junto aos jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica, cabe investigar junto a eles a validade de tais iniciativas.

Neste capítulo apresentamos as diferentes concepções de jovem/adolescente, a fim de compreendermos que a constituição deste sujeito está relacionada aos contextos históricos e sociais de determinada sociedade. Também foram elencados, acompanhados de uma introdução teórica, os temas que subsidiaram a discussão com os jovens participantes da pesquisa.

### 3 OS CAMINHOS PERCORRIDOS PELA PESQUISA

Este capítulo trata dos caminhos e descobertas da pesquisa. Iniciando pelo meio metodológico, a escolha do local da pesquisa, quem são os sujeitos, a descrição e análise dos dados. Apresentamos, em seguida, o resultado da coleta de dados, as categorias construídas, constituídas como singular a este trabalho, fruto dos sentidos e significados que os jovens alunos pesquisados manifestaram em suas relações no meio em que vivem, com destaque ao ambiente escolar. Também, foram realizadas entrevistas com o corpo técnico e administrativo da escola.

#### 3.1 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, caracterizada como qualitativa, as informações de natureza quantitativa foram utilizadas como outro caminho para se compreender a realidade e esclarecer as articulações entre as categorias.

Na associação entre os conceitos de quantidade e qualidade no trabalho de pesquisa

É preciso considerar que os conceitos de quantidade e qualidade não são totalmente dissociados, na medida em que de um lado a quantidade é uma interpretação, uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se manifesta (portanto é uma qualificação dessa grandeza), e de outro ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois, sem relação a algum referencial não tem significação em si. (GATTI, 2002, p. 29).

Também, Minayo e Sanches (1993) procuram desfazer o equívoco em considerar as abordagens de natureza qualitativa e quantitativa como opostas e sustentam que:

(...) elas podem e devem ser utilizadas, em tais circunstâncias, como complementares sempre que o planejamento da investigação esteja em conformidade. (...) considerar que, do ponto de vista metodológico, não há contradição, assim como não há continuidade, entre investigação quantitativa. Ambas são de natureza diferente. A primeira atua em níveis da realidade, em que os dados se apresentam aos sentidos “níveis ecológicos e morfológicos e a segunda trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões”. (...) do ponto de vista epistemológico, nenhuma das duas abordagens é mais científica do que a outra. Da mesma forma, uma abordagem qualitativa em si não garante a compreensão em profundidade. (...) tanto do ponto de vista quantitativo quanto do ponto de vista qualitativo, é necessário utilizar todo o arsenal de métodos e técnicas que ambas as

abordagens desenvolveram para que fossem considerados científicos. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa. (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 239-262).

Bogdan e Biklen (1994) apontam que a investigação qualitativa tem como fonte direta de dados o ambiente natural e, o investigador como instrumento. Sendo pesquisa descritiva, o interesse recai mais no processo, nos resultados ou produtos, como propõe a teoria Histórico-Cultural.

A abordagem qualitativa veio pela preocupação em utilizar procedimentos sistemáticos que evidenciassem os relatos dos jovens alunos para que as categorias fossem levantadas para posterior análise.

Coerente com o modelo qualitativo, a análise de conteúdo:

Pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicação, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não). (FRANCO, 2005, p. 20).

### **3.1.1 Procedimentos metodológicos**

A preocupação inicial foi com a adequação da técnica de coleta de dados utilizada estar em acordo com os pressupostos da teoria Histórico-Cultural.

Em busca de um instrumental metodológico, encontrou-se subsídio na escolha do procedimento de coleta de dados, baseando-nos na técnica apresentada por Morettini (2013), denominada Grupo-Oficina (GOF):

Um procedimento de pesquisa em grupo com professores reunidos e selecionados para discutir e comentar os temas escolhidos, em encontros programados e onde aconteceriam as intervenções. Envolveu atividades coletivas e fez aparecer uma nova forma de pensar as questões trabalhadas. (2012, p. 81).

Em princípio, tinha-se por objetivo desvelar os significados e sentidos de jovens alunos do ensino Médio de uma escola pública, participantes em um projeto educacional de

cunho público privado: o Projeto Jovem de Futuro (PJF) e, partindo desse recorte, conhecer outras manifestações juvenis além da escola.

Contudo, o trabalho teve que tomar outra direção, pelo fato das atividades do projeto ainda não terem sido iniciadas junto aos alunos.

Resolveu-se, então, voltar a atenção à relação juventude e escola; compreender, pela diversidade e no confronto de ideias, o que pensam sobre educação escolarizada e outras representações temáticas, como relações afetivas, trabalho, futuro e outras.

Para o trabalho de coleta de dados, a pretensão inicial era que ocorresse em duas escolas onde são desenvolvidas ações do PJF. Contudo, no decorrer do tempo, foram evidenciadas dificuldades para desenvolver as ações da pesquisa na primeira escola contatada. Então, a opção foi desenvolver e concluir as atividades, somente, na segunda instituição escolar.

Definido o local da pesquisa, visitou-se essa escola em quatro ocasiões. Na primeira vez, em acompanhamento à coordenadora técnica da secretaria estadual de educação (responsável pelo suporte pedagógico e logístico do PJF nas escolas selecionadas em bairros dessa região da cidade). A coordenadora ministrou palestra sobre a importância do referido projeto à comunidade escolar. Nessa oportunidade, iniciaram-se os primeiros contatos com os alunos, ainda informalmente.

Na segunda ocasião, realizou-se reunião com o diretor e o coordenador pedagógico, para apresentar formalmente o trabalho da pesquisa e detalhar a atividade a ser desenvolvida com os alunos: os objetivos da pesquisa, sua condição de um trabalho acadêmico, a garantia do anonimato e sigilo quanto às identidades dos entrevistados. Destacou-se a importância do Termo de Consentimento Esclarecido (TCLE) para ser assinado pelos pais ou responsáveis, no caso de aluno não ter a idade legal. E, por fim, a terceira e a quarta visitas foram para a realização dos encontros com os alunos.

A seleção dos sujeitos participantes da pesquisa de campo foi executada pelo coordenador pedagógico da escola, que informou caber a si desempenhar essa ação. Em consulta à técnica pedagógica da Secretaria de Educação sobre o impasse, visto que se pretendia convidar os alunos pessoalmente, ela nos esclareceu que questionar tal decisão poderia ocasionar conflitos e, talvez, inviabilizasse o trabalho.

Assim, solicitou-se ao coordenador pedagógico que o convite aos alunos fosse feito com uma breve explicação sobre os objetivos da pesquisa e que a participação dos alunos ocorresse de maneira espontânea.

As entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro estruturado de temas relacionados à vida escolar e não escolar (Apêndice A). As reuniões ocorreram com os alunos em grupo. Foi solicitado a eles que falassem livremente, sobre esses temas, sem constrangimento, expondo seu ponto de vista, sem censura. Somente, deveriam observar o respeito às opiniões contrárias.

Os encontros ocorreram no período vespertino, em dois dias sucessivos, numa sala da escola, preparada especialmente, para a atividade. Nos dois dias de reunião, a frequência foi total, com os sete participantes presentes.

Assim, trabalhou-se com sete discursos que foram gravados em áudio, para transcrição posterior. Também, contou-se com o apoio de uma auxiliar de pesquisa, que anotava por escrito as informações referentes à contextualização familiar e socioeconômica dos alunos e, também, as falas mais significativas dos mesmos, a partir dos temas postos à discussão no grupo.

No primeiro encontro, realizado em 14/05/13, das 14h às 15h45, foram discutidos os temas: educação, escola, aprendizagem, ensino, aluno, professor e Projeto Jovem de Futuro.

O segundo encontro foi no dia seguinte, 15/05/13, das 14h às 15h15, e foram debatidos os temas: juventude, relações afetivas, trabalho, mídia, violência e futuro.

Após os encontros, houve uma pequena confraternização entre os alunos, a pesquisadora, a pesquisadora auxiliar e o técnico pedagógico, com lanche.

As entrevistas com o corpo técnico pedagógico foram realizadas seguindo um roteiro estruturado de temas relacionados à vida escolar e não escolar (Apêndice A) e justificam-se enquanto informações adicionais que poderão fornecer subsídios para ampliar o entendimento das falas dos jovens alunos pesquisados em trabalhos posteriores à esta pesquisa.

Durante os encontros com os alunos, e, na condição de pesquisadora, ocasião em que se ouviram atentamente os relatos das temáticas propostas para o trabalho, procurou-se afastar, ao máximo, pré-julgamentos e conclusões antecipadas. Assim, concorda-se com Freitas (2002), para quem:

O pesquisador, durante o processo de pesquisa, é alguém que está em processo de aprendizagem, de transformações. Ele se ressignifica no campo. O mesmo acontece com o pesquisado que, não sendo um mero objeto, também tem oportunidade de refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa. (FREITAS, 2002, p. 6).

### 3.1.2 Descrição e análise dos dados

O procedimento para a análise dos dados foi feito, inicialmente, partindo-se da leitura de todo o material, para pontuar a construção das categorias, pela verificação do conteúdo dos depoimentos. (APÊNDICE H).

Apresentam-se as considerações dos alunos sobre as temáticas discutidas durante os encontros. As falas foram analisadas para identificar a frequência de referência aos conteúdos trazidos e extrair as constatações significativas.

A incorporação dos dados e as análises das falas dos sujeitos foram dispostos considerando os três eixos do trabalho: 1°. **Os diferentes jovens**, relativo às temáticas juventude e afetividade; no 2.º eixo, **Os jovens e a escolarização**, são apresentadas reflexões em tópicos relativos à educação escolarizada (educação, escola e no 3°. **Os jovens em movimento: as questões sociais** discorre sobre as relações mediadas dos jovens com demandas trazidas pelos temas: trabalho, política, mídia, violência e futuro.

Posteriormente, há uma síntese das concepções dos jovens, em que todos os temas interpenetram-se e então voltamos aos sujeitos pesquisados, como indivíduos históricos e sociais.

### 3.1.3 Os jovens alunos da pesquisa: quem são?

Para melhor compreensão de todo o âmbito da investigação, é preciso conhecer a caracterização destes jovens alunos, identificados como sujeitos dessa pesquisa, pela situação social e cultural em que se inserem. (Apêndice F). Por meio de seus relatos, tornou-se possível apreciar melhor o contexto que compõe suas vidas.

Os sete alunos situam-se entre 15 e 19 anos e pertencem a ambos os sexos. São alunos de uma escola pública estadual de Campo Grande-MS. Desses sete alunos, seis estão cursando o segundo e terceiro anos do ensino Médio. E, somente um está no primeiro ano.

Para garantir o sigilo da identidade dos sujeitos, foram identificados com nomes fictícios, escolhidos aleatoriamente, pela pesquisadora.

Sobre a escolaridade dos pais, ficou evidenciado que possuem nível inferior ao dos filhos; basicamente, ensino Fundamental. Somente um aluno relatou o nível educacional superior de um responsável.

A maioria dos alunos mora com a mãe ou outro parente, indicando novos arranjos familiares, além da família nuclear burguesa.<sup>21</sup>

Todos os alunos têm residência fixa no próprio bairro, próximo à escola, o qual relataram ser conveniente para o processo de aprendizagem, porque facilita a frequência às aulas.

Por meio de suas falas, ao discorrerem sobre os temas apresentados, emergiram muitos aspectos subjetivos constituintes da vida destes jovens alunos, que apresentamos a seguir.

### 3.1.3.1 Eixo I - Os diferentes jovens

Em relação ao entendimento do que é “ser jovem”, os alunos apresentaram diversos significados. Para uns, fase de liberdade e de experiências. Para outros, é um período de mudanças, descobertas e preparação para a vida, pela tomada de decisões em relação à vida futura. Pelas falas, foi possível verificar o que pensam sobre essa etapa da vida:

É a melhor parte da vida. É o que a gente escolhe o que quer da vida... Se eu quiser ser drogado... Se eu quiser sair aqui do colégio e quiser fumar eu vou. Se não quiser, não vou... (Júlia).

Juventude é o que você vai decidir da sua vida, o que você quer para o resto da sua vida: se vai fazer faculdade, ensino Médio... (João).

Juventude é a fase da gente cometer erros, justificar... É como se diz, né? É o momento da gente decidir o que vamos querer: ser alguém, ou ser nada. É na juventude que, para muitos, é prazer; para outros; é o perigo de estar exposta a drogas, álcool, prostituição... (Flávia).

No entender desta outra aluna, juventude está associada a conflitos, indecisão e, conseqüentemente, à mudança:

É a fase em que você está em constante conflito consigo mesmo. Você não sabe... Não tem total certeza daquilo que você quer. Então, o tempo todo, você está mudando... (Renata).

Estes jovens contribuem com o tema, trazendo a questão da transitoriedade. A reavaliação de comportamentos; embora não comumente associada à fase juvenil, foi também citada:

<sup>21</sup> A família nuclear burguesa é composta por pai, mãe e alguns filhos que vivem sós, sem criados, agregados e parentes na casa. Surge no século XIX, a partir da ascensão da burguesia industrial.

Mesmo na juventude, você... você se arrepende de coisas que fez... Por exemplo, raspar a cabeça... todo mundo faz e, depois, se arrepende. Outro exemplo, o skate, todo mundo tem, e você tem que ter também... (Pedro).

A juventude é uma fase que você aprende agora, para, viver depois. Tudo que você aprende depois de 20, 30 anos, vai lembrar: “Puxa, fiz isso quando era jovem e, agora, não posso mais!” Você aprende a viver intensamente... (João).

Agora, é a época do cabelo vermelho... Tudo é uma fase. Tudo passa... Depende da intensidade... (Deize).

Os depoimentos mostraram que o conceito de juventude, de certa forma, ainda confirma teorias psicológicas que privilegiam o biológico, em detrimento do aspecto social. Assim, para alguns, é a fase de liberdade, da vontade de experimentar tudo, da curiosidade com o que é novo, quase sem avaliar as consequências. Por outro lado, outros jovens apontaram a importância de reflexão e preparação para o futuro, em termos profissionais e pessoais, demonstrando maturidade, por já possuírem valores e normas esperadas para adentrar ao mundo adulto.

A juventude é construída social e culturalmente e, assim, em cada contexto histórico e econômico são construídas novas concepções de jovem.

Peralva (1997) e Dayrell (2003) contribuem ao afirmar sobre o entendimento da juventude como, ao mesmo tempo, condição social e um tipo de representação: há um caráter universal dado pelas transformações biológicas em determinada faixa etária em que se manifestam mudanças corporais e o fenômeno social que cria uma representação que marca o período. Cada sociedade, cada classe social, em cada tempo, lidará com seus jovens de forma diferente e os representará de forma diferente.

As relações afetivas foram destacadas como uma importante dimensão em sua vida. Apontaram claramente a importância da confiança como atributo em qualquer modalidade de relacionamento: namoro, casamento, relação entre pais e filhos e entre amigos.

A base de qualquer relacionamento é a confiança. Se você tem confiança dentro de casa, tem confiança na amizade, no namoro, no casamento... Tem que confiar: na sua família, nos seus amigos, seu marido, sua esposa, sua noiva... (Flávia).

(...) Tem muitos filhos que mentem para os pais, porque não confiam... Mas, se você não confiar nos seus pais, vai confiar em quem? (Pedro).

A intensidade foi outra categoria que também surgiu associada a este tema:

Agora, é época do cabelo vermelho... Tudo é uma fase. Tudo passa...  
Depende da intensidade... (Deize).

Tudo que você aprende depois de 20, 30 anos, vai lembrar: “Puxa, fiz isso quando era jovem e, agora, não posso mais!”... Você aprende a viver intensamente... (João).

Nestas falas, há percepção da passagem do tempo e que, por isso, é preciso viver intensamente. Para Melucci (1997), a adolescência é a idade na vida em que se começa a enfrentar o tempo como uma dimensão significativa e contraditória da identidade. Se a experiência do envelhecimento está sempre relacionada ao tempo, é nesta fase da vida, em que essa relação se torna consciente e assume conotações emocionais.

É quando, também, com a passagem do tempo, adquire-se experiência para vivenciar os relacionamentos, conforme o relato deste jovem:

Porque o namoro, o primeiro não é muito bom. O segundo é mais ou menos, e o terceiro você já sabe tudo o que vai acontecer. Não vai ser surpresa, você vai estar prevendo. Por exemplo, começa a discutir, você já fala “Não! Vou parar de discutir, porque isso vai dar briga”. (Pedro).

### 3.1.3.2 Eixo II - Os jovens e a escolarização

Em relação à Educação, os jovens alunos não relacionaram este tema a um contexto mais amplo, que poderia ser estendido e articulado a questões da sociedade como um todo. As falas giraram em torno do espaço físico escolar, das condições materiais do processo de aprendizagem e a comparação escola pública versus escola privada:

No Brasil, ainda tem muito o que melhorar... seguir o exemplo de Portugal, onde não tem escola particular (...). Mas olha a estrutura de uma escola particular e olha a pública... O cara já sai ganhando. (João).

Também, houve relatos com busca de argumentos para compensar uma suposta deficiência da escola pública:

Se a gente estudar mais, vai estar no mesmo padrão de educação deles... [dos alunos de escola particular]. (Júlia).

Acho que vai de aluno para aluno, cara! Só aumentar a carga horária [de estudo]. Você tem internet, você tem livro, você tem biblioteca... Depende do seu interesse... (Pedro).

Evidencia-se nessas falas o quanto ainda se faz presente o caráter ideológico liberal da sociedade capitalista, em que cada um é responsável por si mesmo, pelo seu sucesso ou fracasso. Concordamos com Patto (1987) quando afirma que a preocupação com diferenças individuais, aptos e não aptos, normais e anormais, só ocorre no âmbito da ideologia da igualdade de oportunidades, como característico das sociedades de classes.

Por outro lado, essa relação próxima, do jovem aluno com a escola, pode ser entendida como a construção de sua identidade estudantil, por ele estar envolvido em processos cada vez mais exigentes para a sua inserção na população economicamente ativa.

As relações que os jovens estabelecem com o universo escolar demarcam o seu olhar para a escola e a construção de sua identidade estudantil. Essas relações sofrem influência da realidade social em que estão imersos e dos processos cada vez mais exigentes para a sua inserção na população economicamente ativa. Isso parece estabelecer relação com o seu “gostar de estudar”, aqui entendido como uma disposição sociologicamente construída, em virtude de sua imersão sociocultural.

Um aluno destacou a manipulação ideológica da Educação como recurso utilizado para a manutenção do poder político e econômico:

Só que isso é uma forma de manter... O político pensa assim “se tem cabeça pensante, ninguém vai votar em mim”... E então, uma forma do sistema continuar funcionando é a falta de educação, porque, do mesmo jeito, tem gente que não tem educação, mas vota, e essa pessoa é totalmente maleável (Pedro).

A escola, para os estudantes entrevistados, evidencia-se como um importante conceito, base local que integra a educação como fenômeno de apreensão cultural.

Os jovens alunos compartilham a ideia, em seu projeto de vida futura, de que o estudo possibilita a ascensão social e a oportunidade de conseguir trabalho.

Assim, vejo que a escola é um caminho para o sucesso, né? Porque, quem não estuda não faz nada. (Pedro).

Até o cara pra varrer a rua tem que ter o ensino Médio completo; se não, não consegue... (Renata).

Também, foram postas em discussão a relação família-escola e que percepções os alunos têm em referência a cada uma destas instituições e a interdependência entre ambas, quanto ao processo educativo:

Pra ele [pai], a escola tem obrigação de educar o filho dele, mostrar o que o filho dele faz e não faz... Mas, esquece que, na escola, aprende o que presta e o que não presta... (Deize).

Família é a base de tudo. Só que os pais não se preocupam com isso, porque acham que o filho tá sendo educado na escola. (Joana).

Nessas falas, confirma-se o que Abramo (2005) apontou: a família é uma instância fundamental para a vida dos jovens, como estrutura central para poder viver sua condição juvenil e como referência afetiva, ética e comportamental, e que contribui para o próprio processo de amadurecimento.

Por outro lado, indicaram que o papel formal de possibilitar às gerações mais novas o conhecimento, acesso à produção humana acumulada e preparação para a vida futura, cabe mesmo à escola.

Aí, você sai da escola, para a sociedade, e a escola, tipo assim, não é o dever dela, porque ela está aqui para ensinar você os conteúdos. Mas, querendo ou não, você sai com uma bagagem para viver em sociedade, para saber como se portar. E, aí, você sai sabendo viver... (Pedro).

[Ensino] é o que escola tem obrigação de passar, por meio de professores. Porque a única coisa que, se você for ver, a escola é obrigada a fazer é ensinar. (Pedro).

Outro importante significado trazido é a escola como espaço sociocultural:

A escola é uma segunda casa. Não só pelo fato de passar um tempo fora de casa, mas, pelo convívio com outras pessoas... Você compartilha experiências, você vive uma vida... Cada pessoa que você conhece é especial, você aprende e você, também, ensina. (Flávia).

O espaço escolar, por ser o local onde passam a maior parte do seu tempo, é o ambiente de interações, em que são construídas as relações de sociabilidade, em que acabam por construir a maioria de suas relações de amizade, que podem se estender para outros espaços além da escola.

Conforme Leite (2011), as amizades construídas na escola não se mostram como elementos secundários do processo escolar, e sim, revelam-se importantes para a identificação dos jovens com o grupo social.

No entender destes jovens alunos, a aprendizagem apresenta-se como um produto construído, principalmente, enquanto estão em ambiente escolar. É comparada a conteúdos absorvidos, para serem utilizados posteriormente:

Você vai levar pra vida inteira... Lá fora, a sua vida é o que você aprendeu hoje. (João).

E até com nossos erros a gente aprende... Errar é humano... A gente aprende sempre... A gente tem que aprender com o que a vida dá... (Deize).

Asbahr (2005) aponta o produto do trabalho pedagógico como transformação da personalidade viva do aluno que não permanece apenas no ato de aprender; mas, por toda a vida do indivíduo.

Concordamos com Urt e Morettini (2012) quanto à natureza sócio-histórica do desenvolvimento psíquico do homem “visto que o sujeito assimila a experiência das gerações passadas e transmite essa experiência, e isto se processa por meio da educação” (2012, p. 24).

Nesta fala, em particular, a aprendizagem é traduzida como o saber assimilado que pode ser transmitido, porque se faz uma atividade com sentido para o sujeito:

Depois, aqui é algo que ninguém vai tirar... Na escola, tudo o que eu vivi, tudo o que você viu, você vai sair... Tipo, você vai ter história pra contar, do seu tempo da escola (...) Aprendizagem é isso: a troca de informação que você carrega consigo e que você vai passar pro seu filho, Certas coisas vai peneirar e passar pra ele... E ele vai aprender mais e vai passar pro filho dele. E vai ser assim... de geração, em geração... (Pedro).

O conceito de ensino foi apontado por estes alunos como atribuição por excelência do professor e que se processa exclusivamente, em ambiente escolar:

É o que escola tem obrigação de passar, por meio de professores. Porque a única coisa que, se você for ver, a escola é obrigada a fazer é ensinar. (Pedro).

Também, foi destacado, de forma bastante contundente, o trabalho assistencialista que o professor acaba por executar e que interfere negativamente, no processo ensino-aprendizagem. Foi utilizado o termo “educar” como referência ao trabalho pedagógico assistencialista:

A escola tá fazendo papel de pai e mãe, cuidando dos filhos dos outros... (Júlia).

Se os alunos viessem educados, só para os professores terem o trabalho de só ensinar, seria ótimo. Só que não, o professor tem a obrigação de educar, para, depois, ensinar. (Renata).

Ao se falar de aquisição da cultura humana, refere-se não só aos conteúdos científicos, organizados e repassados de forma sistematizada; mas, ao conhecimento presente em valores, técnicas, arte, comportamentos, que sintetizam todo o saber histórico produzido.

Nos dizeres de Saviani (2000), a transmissão cultural do saber historicamente acumulado, que cabia exclusivamente à família, foi, em parte, repassada à escola, que, na figura do professor, sistematizou e organizou esse processo de mediação e se tornou detentora do saber.

A questão que se apresenta é: caberá ao professor, no contexto histórico filosófico e político em que estamos, o repasse aos alunos desses conhecimentos não-formais, subjetivos, que, historicamente, sempre, foi competência da família?

A ideia inicial presente é a de que ser aluno está intimamente relacionado ao ambiente escolar, seja para aquisição formal de conhecimentos ou não:

Aluno é aquele que estuda e, mais pra frente, cobra, quando não tá entendendo... (Júlia).

Tem aluno que vem pra escola, pra alívio dos pais. Tem aluno que vem pra escola, pra fumar, porque, em casa, não dá. Tem aluno que vem pra escola pra tirar concentração... (Flávia).

Por outro lado, da fala deste jovem, emergiu o conceito de aluno como um ser que está em constante aprendizagem, independentemente do ensino formal:

Acho que aluno é todo ser humano... que, todo dia, você aprende algo diferente... Mesmo o tiozinho de 90 anos que tá sentado na cadeirinha de balanço dele aprende, todo dia, alguma coisa... Ele observa alguma coisa diferente... Então, sempre, você vai tá aprendendo. Só que tem diferença, alunos interessados e alunos não interessados. Até quem acha que sabe de tudo aprende. (Pedro).

Nos dizeres de Bock (2002), muitas vezes, o aluno é visto como alguém que tem pouco a contribuir no processo educacional; embora, seja um dos elementos primordiais nesta relação mediada.

No espaço escolar, junto aos alunos, estão os professores que, também atores inseridos nesse contexto, devem estar atentos às etapas do desenvolvimento humano para a efetiva apropriação do saber científico.

Para estes alunos, a figura do bom professor é essencial para estimular a busca pelo conhecimento:

Professor é o que, como vou dizer... é o que alimenta... que aguça a fome de conhecimento do aluno... Porque, se você ver um professor ruim, você não vai ter vontade de aprender. Se for um professor bom, você vai querer saber a matéria dele, você vai se preocupar... (Pedro).

Porque, um professor está ali, para ensinar o aluno a querer mais, a sugar constantemente a matéria dele, a querer saber, aperfeiçoar e valorizar o quê? Que os alunos não fique só na matéria dele, mas, em todos. (Renata).

Nem todos os professores conseguem articular o que ensinam com a realidade concreta dos alunos, fato que prejudica a aprendizagem, pois não entendem o que é ensinado:

É como se ele fosse falar, mas ele fala para dentro, não consegue... Se a gente pergunta, ele não consegue ensinar. Ele vai respondendo, a gente vai se confundindo e não entende mais nada do que ele está falando... (Flávia).

E, também, foi citada a questão da paciência para transmitir o conteúdo ao aluno, em relação a um professor somente:

Então, por isso, quando chega no ensino Médio, chega no segundo ano, chega no terceiro, que é revisão de tudo, você chega com dificuldade... E o professor não tem essa paciência de chegar em você e explicar. Acha que só porque é uma revisão, que você tem obrigação de ter visto, você tem que saber, entendeu? (Renata).

A virtude do professor é a paciência... Ele pode não dominar o conteúdo dele, mas se tiver paciência ele vai te ensinar... (Pedro).

Entende-se que o professor, como sujeito histórico, vai se transformando sempre, conforme suas experiências de vida e, assim, deve, constantemente, repensar o seu fazer docente. Conforme Morettini e Urt (2008), é preciso o professor romper com os conceitos fossilizados, para tomar decisões que resultem em uma aprendizagem mais significativa e efetiva.

Na busca de aprimoramento da aprendizagem e por ter sido objetivo inicial nesta pesquisa, conhecer o que esses jovens alunos do ensino Médio poderiam manifestar sobre o “Projeto Jovem de Futuro”, trazemos as considerações coletadas.

As falas foram inconclusivas. Os alunos ainda não sabem ao certo do que se trata. O entendimento é que se trata de reforço para aulas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Uma aluna, por já conhecer o projeto, de escola em que estudou anteriormente, mostrou clara disponibilidade em desenvolver atividades:

Está muito parado. Porque, como eu (inaudível)... A primeira questão é passar aquilo que foi posto na reunião... A turma mostrou interesse em melhorar; pedir ajuda em Português e Matemática; a gente chegou a consultar. Agora, teve a entrega do boletim, e muita gente teve nota baixa em Português e Matemática, principalmente em Matemática. Estávamos esperando autorização do diretor para começar as atividades... Eu estou disposta... (Flávia).

Então, no dia da reunião, perguntei à técnica do PJJ o que eu poderia fazer. E ela falou que era para aguardar o outro semestre, o contato da coordenação... E eu nem sabia que as telas eram do PJJ. (Júlia).

Na nossa sala, ninguém chegou falando nada do PJJ... (João).

O PJJ é aluno ajudando aluno? (Pedro).

### 3.1.3.3 Eixo III - Os jovens em movimento: as questões sociais

A temática inicial deste eixo pretendeu apreender a concepção de trabalho junto aos jovens pesquisados. Destaca-se que, de acordo com a teoria Histórico-Cultural, que embasa esta pesquisa, o trabalho é atividade humana (LENTIEV, 2004) diferenciada dos animais, por serem mediados pela reflexão consciente e por produzir novas possibilidades, necessidades e habilidades ao homem.

Observa-se, pelas falas, o trabalho como atividade remunerada para aquisição de bens materiais:

Você chega na loja e fala “eu quero aquele relógio, aquele tênis...” Custa o triplo do seu salário, mas, e daí? Eu trabalho, eu pago, é meu. (Pedro).

E, também, pode ser visto como primeiro sinal de independência financeira da tutela dos pais:

Pelo trabalho, você fica independente. Ah, hoje, eu quero comprar essa roupa, quero ir em tal show, não vou precisar pedir “Pai, solta cem reais, aí, para mim?” (Flávia).

No relato desta aluna vivenciar o trabalho, considerado aqui como atividade remunerada, modificou a compreensão referente ao relacionamento interpessoal entre pais e filhos. Também pode ser considerado como uma projeção do mundo adulto:

(...) o trabalho é o seu suor. No seu trabalho você passa a dar valor a cada centavo que sua mãe investiu em você, você vai reconhecer todo o esforço

que ela fez, dia e noite, cansada, tendo que cuidar da casa e trabalhando, você vai dar valor e ver o quanto é difícil gastar o seu dinheiro, que nem é tanto... (Renata)

Vivemos em uma sociedade capitalista, que faz com que as pessoas olhem para o trabalho, unicamente, como fonte de boa remuneração, sendo negligenciada a realização pessoal. É assim com esses jovens, pois, como visto, não surgiu relato que associasse o trabalho a uma atividade que trouxesse prazer, além da remuneração.

Os relatos dos jovens quanto ao segundo tema apresentado, mídias, revelam-na como uma das formas de expressão cultural do nosso tempo, que interferem na constituição do sujeito contemporâneo. A televisão foi um veículo midiático citado como extremamente manipulador:

E o que a Globo faz? Manipula. Todo mundo é ligado na novela *Malhação*, *Flor do Caribe*, *Amor à Vida*, tudo da Globo. Ela deixa todo mundo no mesmo patamar... Não há uma certa liberdade “Ah, não gostei disso, não vou assistir...” (Pedro).

Não tem aquela delegada do *Salve Jorge*? Todo mundo queria cortar o cabelo igual o dela, a capinha de celular dela... (Deize).

Podemos considerar que a televisão, por potencializar apelos estéticos à imagem, constitui-se em poderoso artefato cultural midiático e deve ser objeto de atenção a pais e professores, para que examinem como repercute na educação de crianças e jovens.

As redes sociais, principalmente o **Facebook**, são características deste momento histórico da sociedade e estão presentes no cotidiano de quase toda a população mundial. Porém, como observa Costa (2002), o sujeito pode reagir de modo distinto, dependendo de como a mídia chega até ele, respostas são incitadas e condutas modeladas. Reagindo à massificação<sup>22</sup> que as redes sociais, de certa forma impõem, a fala de um dos jovens pesquisados aponta resistência:

No começo, quando fiquei sem *notebook*, pensei: vou arrumar logo. Mas, o tempo passou, eu não arrumei. Aí, pensei “Nossa quanto tempo eu perdia...”. Um dia desses, eu, sem nada pra fazer, pensei “Vou ver passarinho” porque, perto de casa, tem uma mata. Eu vi tucano, vi arara, vi pardal, vi um de rabo amarelo... Eu pensei “Cara, se eu não tivesse feito isso, estaria no *Facebook*...” (Pedro).

<sup>22</sup> Neste trabalho o termo massificação é utilizado como a alienação presente no processo em que as pessoas são induzidas pela mídia a adotarem certos comportamentos e/ou adquirirem determinados bens de consumo, sem que percebam serem manipuladas ideologicamente.

Ainda, sobre a massificação que as mídias sociais proporcionam aos indivíduos, percebeu-se em uma fala a questão de massificação para se chegar a uma determinada imagem corporal e as consequências à saúde advindas desse comportamento:

Tem as redes sociais que começaram a divulgar modelos magras, impôs esse padrão, e o que acontece? Começaram a surgir casos de bulimia, anorexia. Nas redes sociais, você vê outras pessoas, entra numa competição e começa a mudar o comportamento... (Renata).

Ante esses relatos, vislumbra-se de forma evidente que alguns jovens têm consciência de que o uso indevido dos artefatos midiáticos podem acarretar mudanças na subjetividade.

A política, terceira temática apresentada, mobilizou as falas, ao trazer referência às práticas parlamentares consideradas corruptas, nocivas aos direitos básicos assegurados pela Constituição brasileira aos cidadãos: direito à saúde, educação, segurança e a outros. Há pessimismo em relação à possibilidade de mudança no quadro político institucional apresentado atualmente:

Ah... A gente tem que falar de ladrão, mesmo? (Joana).

(...) só que a cultura do nosso país é assim e não vai mudar. Não vai ser eu, não vai ser vocês, não vai ser o vereador, sei lá, que chega com disposição para mudar... Chega lá dentro, tem 50 mil fazendo, e só ele contra... Tá fora, você sai... (Pedro).

O candidato, quando chega lá, ou entra no esquema, ou sai... (Júlia).

(...) por isso que tem escola ruim, faculdade ruim, professor ruim... para as pessoas continuarem alienadas... (Pedro).

Embora estes jovens tenham o entendimento das consequências dos fazeres políticos institucionais danosos à sociedade brasileira, houve somente um relato que apontou expectativa de transformação, pela pressão popular, das práticas parlamentares corruptas.

Eu acho... que nem ele falou que não vai mudar... Eu, sozinha, não. Mas, se todos se ajuntarem e “quererem” o mesmo algo em comum, sim, pode mudar. (Renata).

Ribeiro (2004) afirma que atualmente, embora a participação política dos jovens não chame tanto a atenção, como no passado (em referência aos jovens dos anos de 1960), isso não significa algo ruim e que é possível aproveitar que a chamada energia juvenil gere bons

resultados para a própria pessoa, para a sociedade, e que isso deve ser uma preocupação de quem está na condição de educadores destes jovens.

Quanto à violência, outro importante tema apresentado para considerações, os alunos participantes da pesquisa limitaram a discussão quase que exclusivamente ao contexto escolar. Não houve referência sobre o assunto estendido ao âmbito familiar ou a outros espaços<sup>23</sup>.

Aqui, na escola, não vejo muito não... (Pedro).

Também, focalizaram e apresentaram exemplos de violência não física, especialmente, manifestações verbais:

Mas, a violência não é só a que está fora... Violência maior que eu vejo na escola é a violência verbal, piadinhas... (Júlia).

(...) aí, o colega começa com piadinha, com brincadeira, e só vai afundar o estado emocional da pessoa. Cada vez mais ela vai ficar para baixo... E isso é pior do que uma pessoa falar que vai te dar um tiro... É bem pior... Porque a pessoa vai remoendo aos poucos, sofrendo aos poucos, até querer se matar, perder a vida. (Renata).

E, somente um jovem relatou já ter sido autor de atos violentos:

Eu, no primeiro ano, eu cometia muito *bullying*, cara, sério mesmo! Hoje, eu vejo que é uma coisa tão besta... fútil... (Pedro).

O fenômeno da violência na escola foi traduzido na relação autoritária entre professor e aluno, conforme as falas:

Eu, várias vezes, engoli em seco para não xingar professor... Ele quer colocar ordem na sala de aula e abusa, xinga e não aceita a gente responder na mesma altura... (Flávia).

O professor de Matemática, eu não respeitaria, porque fez uma brincadeira de mau gosto comigo e eu não gostei. E eu pedi para sair, e ele falou umas coisas para mim. E, aí... falei umas coisas para ele... E, no fim, fiquei como a errada, porque ele é o professor... (Júlia).

Teve um aluno que desistiu (de estudar) por causa de um constrangimento que ele passou com esse professor. (Flávia)

<sup>23</sup> Houve menção a um episódio de violência doméstica relatada por uma aluna, subsidiando a discussão de um tema anterior a este.

Concorda-se com Pino (2007), o qual considera que a violência, por ser um problema da sociedade como um todo, quando atinge determinados patamares de intensidade, logicamente, repercute no meio escolar, de várias maneiras e por várias razões.

E quanto ao futuro, último tema discutido, os relatos resumiram-se às expectativas futuras em relação às carreiras profissionais:

Quero me formar em Medicina... Sei que vai ser difícil, mas vou tentar. (Júlia).

É aquilo que eu enfiei na cabeça, e ninguém me tira: quero entrar na Aeronáutica. É o meu sonho. Por isso, tô estudando, é porque quero entrar lá. Tô batalhando, não quero namorar agora, não quero casar, não quero ter filho, nada. (Flávia).

Eu quero fazer Engenharia Elétrica ou Mecânica. Gosto muito e acho que levo jeito... (João).

Para esses jovens, o sucesso profissional aparece relacionado ao estudo, especificamente, a um curso de graduação. Nenhum jovem mencionou pretensão em termos de constituição familiar ou mesmo continuidade da escolarização, concluída a graduação.

Dois alunos apontaram alternativas à possibilidade de não conseguirem concluir um curso de nível Superior:

Eu quero Engenharia Civil. Só que, se não der certo, eu quero trabalhar para o dia que tiver uns 50 anos comprar uma fazendinha, com um riozinho no fundo... viver ali. (Pedro).

Tô fazendo um curso à noite, de Eletrônica. Se não der certo a faculdade, tenho esse curso... (Júlia).

As falas em relação ao futuro parecem indicar certo pragmatismo, na medida em que somente o aspecto profissional aparece em destaque. Para Velho (2003, *apud* LEÃO; NONATO, 2012, p. 46), é preciso lembrar-se que:

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios.

Assim, a referência somente a uma possível futura profissão, sem citar outros aspectos constitutivos do homem enquanto ser histórico e social traz o sentido de empenho, esforço

esperado em uma sociedade capitalista em que o diploma universitário ainda é bastante valorizado como instrumento para conseguir melhores posições no mercado de trabalho.

Trassi e Malvasi (2010) apontam que muitos jovens desejam e constroem seus projetos de futuro a partir de um ideal de segurança associada a uma estabilidade profissional, mesmo sabendo ou intuindo que, obtê-la constitui um sonho longínquo.

Finalizamos as considerações sobre os temas pesquisados e apresentamos a seguir uma análise em que se busca a junção dos temas em categorias, a partir dos relatos de todos os jovens.

### **3.1.4 Síntese das concepções dos jovens**

Para subsidiar a análise dos dados, realizamos, inicialmente, a leitura de todo o material trazido pela fala dos jovens; a fim de pontuar, a construção das categorias (Apêndice G).

Depois, por meio dessas categorias, foi possível extrair conteúdos significativos, revelados pelas análises, qualitativa e quantitativa, do que cada jovem pontuou em relação aos temas da pesquisa.

E o que disseram os jovens dessa pesquisa?

A educação aparece relacionada ao ensino formal, ao repasse de conteúdos pelo professor ao aluno, num espaço especialmente constituído para esse processo acontecer: a escola, descrita como local de mediação de conhecimentos.

A escola pública surge como deficiente, por falta de investimentos pelo poder público, o que dificulta a aprendizagem. Em consequência, é preciso haver um esforço extraindividual dos alunos para compensar esse prejuízo e conseguir aprender.

Um aluno, João, mencionou a superioridade da escola particular, justificada pela estrutura material desta. Contudo, em resposta, outros alunos argumentaram que esta desvantagem da escola pública deveria ser contornada com seu esforço individual. Não ocorreu a ninguém a possibilidade de reivindicar ao poder público igual condição material à escola pública.

Por outro lado, estes jovens não relacionam a função de “educar” como dever da escola e, sim, da família. E, segundo eles, as famílias não “educam” adequadamente seus filhos e delegam essa função à escola.

Foi relatado que as famílias precisam assumir a educação de seus filhos e aproximarem-se mais da escola, para colaborar com o professor, prejudicado em sua função,

pois, antes de ensinar, precisa “educar” o aluno. Pelo menos uma jovem, Júlia, alegou que “se o professor não educar não consegue dar aula.”.

O professor foi considerado, pelos jovens, como importante ator no contexto escolar; contudo, não é bem sucedido em sua função de ensinar. Houve críticas, quase unânimes, ao fato do docente pouco considerar se o aluno aprendeu de fato ou não, pela recusa, quando solicitado, em retomar conteúdos já repassados. Pelo menos um professor foi identificado como autor de violência escolar por praticar humilhações públicas com os alunos, aproveitando-se de sua superioridade hierárquica.

Quanto a si próprios, denominaram-se como aprendizes, em sua condição de aluno e também reconhecem que praticam violência escolar e disseminam denominações preconceituosas. Sabem, contudo, que essas práticas são danosas, podendo, em determinados casos, levar uma pessoa ao suicídio, conforme o que disse uma aluna.

Sobre juventude, destacaram como significativa sua associação a um momento em que se realizam reflexões quanto ao futuro, este idealizado como ingresso em um curso de graduação o que facilitará, posteriormente, a entrada com sucesso no mercado de trabalho.

Foram apontadas, também, as conhecidas características associadas quanto a ser jovem/adolescente: permissão para cometer erros, viver intensamente, prazer em correr riscos, fase de conflitos íntimos, incertezas, vivências com o grupo de amigos. Por sua vez, os relacionamentos são estabelecidos em confiança, demandam cuidado, respeito às diferenças do outro.

Os jovens destacaram, também, a influência que a mídia exerce no comportamento e formas de relacionamento. Alertaram que a participação nas redes sociais virtuais tem limitado, cada vez mais, a interação real entre as pessoas. Uma aluna alertou o quanto pode ser prejudicial o estabelecimento e a excessiva veiculação feita pela mídia, de determinado padrão de beleza corporal, podendo ocasionar casos graves de bulimia e anorexia. Foi apontado,

A proximidade com a vida adulta e o início das responsabilidades traduzem o trabalho somente como atividade remunerada que pode ser convertida em dinheiro e independência. Não o associaram a uma atividade que perpassa todos os aspectos da vida do sujeito e que este fato mereceria mais reflexões.

Ainda no tocante ao tema trabalho como atividade remunerada vale destacar o que mencionou uma aluna, Renata, quanto à construção de um novo significado da relação interpessoal entre pais e filhos. A partir de sua própria experiência, ela relata que o trabalho a

fez compreender e valorizar o esforço da mãe por exercer a tão conhecida “dupla jornada”<sup>24</sup> para subsidiar os cuidados com os filhos.

E, finalizando, trazemos o questionamento<sup>25</sup> feito por Júlia: por que o valor da **Bolsa Crack** é maior que o da **Bolsa Família**? A aluna considerou injusto que o poder público pague, pelo tratamento de uma pessoa com dependência química, um valor maior que o destinado a uma pessoa considerada por ela como trabalhadora.

Podemos considerar que esse pensamento reflete a ideologia liberal típica da sociedade capitalista. A pessoa com dependência química, na opinião de Júlia, teve opção de fazer “escolhas certas” e não as fez. Está implícita aí a questão do esforço individual, que supõe uma igualdade de oportunidades, que dissimula as desigualdades presentes no contexto da situação.

No encerramento deste capítulo, apresentamos os caminhos da pesquisa, pressupostos e procedimentos metodológicos, coleta e análise dos dados. Os conteúdos que os sujeitos pesquisados manifestaram em relação aos temas pesquisados foram suficientes para que pudéssemos conhecê-los em sua condição juvenil.

---

<sup>24</sup> Exercício de atividade remunerada, na maioria das vezes, fora de casa, em acúmulo com as atividades domésticas do lar. Essa situação é vivenciada quase que exclusivamente por mulheres, especialmente as pertencentes às camadas mais pobres da população.

<sup>25</sup> O comentário da aluna foi feito durante a discussão do tema “Juventude”.

## CONSIDERAÇÕES

Buscou-se pesquisar neste trabalho, inicialmente, os sentidos e significados de jovens alunos do ensino Médio de uma escola pública, constituídos pela participação em atividades relacionadas a um projeto educacional de cunho público-privado. Também, foi objetivo dessa investigação apreender outras representações juvenis, nem sempre consideradas no ambiente escolar.

De início, é preciso destacar que os jovens não trouxeram conteúdos relativos ao referido projeto, visto que, por ocasião da pesquisa, as atividades ainda não tinham sido iniciadas. O que se constatou foram somente expectativas quanto à sua futura execução.

A partir da voz dos próprios jovens, pode ser conhecidas as suas concepções a respeito de educação e temas relacionados à educação formal: escola, aluno, professor, ensino e aprendizagem. Também, foram trazidas considerações sobre: juventude, relacionamentos e trabalho.

Ao longo da análise dos dados, percebeu-se que os alunos valorizam a educação como símbolo de ascensão social, como instrumento por meio do qual é possível superar limitações econômicas e chegar à integração dos indivíduos na sociedade.

Conforme já visto nas análises anteriores nesta mesma pesquisa, este significado de educação é partilhado com os sentidos de esforço individual, e a sua utilização como meio de manipulação ideológica para manutenção de poder econômico de determinada classe social.

Questões relativas à escolarização foram proferidas, levando em conta o mundo do trabalho, o que reforça a centralidade da escola e do trabalho na constituição de uma determinada condição juvenil. Isso confirma o processo de estudo como atividade e pressuposto na teoria Histórico-Cultural. Responde a satisfação de necessidades de sujeitos em determinada conjuntura econômica, social, política e cultural.

Um dos temas bastante comentado foi *o professor*, indicado como uma das figuras mais importantes para compor uma prática educativa comprometida com a transformação social, que poderia ser iniciada no interior da escola. Destacaram-se professores considerados bons, por instigarem a busca pelo conhecimento em seu fazer docente e professores lembrados por seu autoritarismo e falta de paciência para o ensino. Também, apontaram ações assistencialistas que o professor deve realizar para subsidiar o processo de ensino.

Alerta-se que é preciso cautela na crítica ao professor, porque, ao longo do tempo, ele foi sendo deslocado de seu papel principal – o sujeito que pensa exclusivamente a educação e

a prática docente. (SOLIGO, 2012). Compartilha seu fazer com outros atores da instituição escolar.

Sobre a juventude, externaram o significado socialmente constituído em nossa sociedade ocidental capitalista: fase de emoções intensas, tomada de decisões, conflitos, aprendizado para o futuro.

As falas dos jovens sobre alguns dos temas levantados refletem, em certos pontos, ideias veiculadas pelo senso comum, e, em outros assuntos, apresentam relatos mais consistentes. Em relação à educação e à escola, seus atores fizeram pontuações que devem ser ouvidas com atenção.

Neste contexto, é preciso repensar fazeres pedagógicos existentes, considerando que a escola, embora possa ser reprodutora das contradições de uma sociedade liberal, tem o dever questionar alguns saberes e incorporar o conteúdo trazido pelos alunos. Destaca-se, ainda, que a afetividade não pode ser excluída desse processo.

Ao final deste trabalho, concluí-se necessário tomar os jovens como sujeitos, e tal decisão não deve se resumir a uma opção teórica. Deve, sim, passar a ser parte de uma postura metodológica, ética, e não apenas durante o processo da pesquisa. É certo que pesquisas sobre jovens alunos devam ser realizadas. Porém, é fundamental ouvi-los, vê-los além da condição de alunos, e a escola é uma das instituições que pode propiciar esta escuta.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. de P. R.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 10ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5- 6, 1997.

\_\_\_\_\_. FREITAS, M. V. de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ASBAHR, F. S. F. **Sentido pessoal e projeto político pedagógico**: análise da atividade pedagógica a partir da psicologia histórico-cultural. 2005. Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-24112005-195626/pt-br.php>>. Acesso em 25/ out/2011.

BASMAGE, D. F. A. T. **A constituição do sujeito adolescente e as apropriações da internet**: uma análise histórico-cultural. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2010. Disponível em <[http://www.propp.ufms.br/ppgedu/geppe/Dissertacoes\\_teses/Denise\\_Basmage\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.propp.ufms.br/ppgedu/geppe/Dissertacoes_teses/Denise_Basmage_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf)>. Acesso em 7/fev/2012.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. Del. T. (Orgs). **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

\_\_\_\_\_. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. LIEBESNY, B. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida dos jovens em São Paulo. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial dos Direitos Humanos Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: MEC/ACS, 2005.

\_\_\_\_\_. Secretaria Geral da Presidência. Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005. **Secretaria Nacional de Juventude**. Brasília, 2005.

CALIARI, H. F. **Um ensaio sobre a participação política da juventude brasileira**. 2009. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2009. Disponível em <http://web3.ufes.br/ppgps/sites/web3.ufes.br/ppgps/files/Hingridy%20F.%20Caliari.pdf>. Acesso: 18/dez/2013.

CAMACHO, L. M. Y. A invisibilidade da juventude na vida escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n.º 02, p. 325-343, jul./dez., 2004. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>. Acesso em 23/out/2013.

CAMPO GRANDE (MS). Secretaria Municipal de Educação. **TRAJE: travessia educacional do jovem estudante: projeto diferenciado no Ensino Fundamental**. Campo Grande-MS: SEMED, 2011. (Coleção Projeto Pedagógico Especial).

CANDAU, V. M. **Direitos humanos, violência e cotidiano escolar**. [Rio de Janeiro], [200-]. Disponível em [http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau\\_dhviolencia.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_dhviolencia.html). Acesso em 13/nov/2013.

CARNEIRO, R. P. Reflexões acerca do processo ensino-aprendizagem na perspectiva freireana e biocêntrica. **Revista Thema**, Charqueadas, n.º 09, v. 02, 2012. Disponível em <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/145/86>. Acesso em 03/jan/2014.

CASSOL, I. M. **Mídia, partido do século 21?** Uma visão hermenêutica do jornalismo e da política brasileira contemporânea. 2006. Tese (doutorado) – PUCRS. Porto Alegre, 2006. Disponível em [http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=416](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=416) . Acesso em 12/dez/2013.

CHAVES, V. L. J. Expansão da privatização/mercantilização do ensino superior brasileiro: a formação dos oligopólios. **Educação & Sociedade**, n.º 111, p. 481-500, abr./jun., 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a10.pdf> . Acesso em 28/dez/2013.

CHAUI, M. Ética e Violência. **Teoria e Debate**, [São Paulo], n.º 39, out., 1998. Disponível em <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/sociedade/etica-e-violencia?page=0,1>. Acesso em 21/out/2013.

CLIMACO, A. A. de S. **Repensando as concepções de adolescência**. 1991. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1991.

CODO, W. Relações de trabalho e transformação social. In: LANE, S. T M.; CODO, W. (Orgs). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

COSTA, A. C. G. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrech, 2000.

DAYRELL, J. T.; GOMES, N. L. A juventude no Brasil. **SESI**. [2005?]. Disponível em: <[http://www.cmjbh.com.br/arq\\_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf](http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf)>. Acesso em: 12/ nov/2009.

\_\_\_\_\_. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Set/Dez, 2003.

DELMONDES, L. A. **Os (des)caminhos da educação profissional**: uma análise das experiências dos egressos dos cursos técnicos de Campo Grande-MS. 2006. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2006.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 4ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção educação contemporânea).

FACCI, M. G. D. *et al.* Reflexões sobre os caminhos e descaminhos de “ser professor”: uma contribuição da psicologia. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, 2004, 16(2), 101- 119. Disponível em [www.ichf.uff.br/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-2-Cap7.pdf](http://www.ichf.uff.br/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-2-Cap7.pdf). Acesso em 18/nov/2013.

\_\_\_\_\_. BARROCO, S. M. S.; LEONARDO, N. S. T. A historicidade na constituição do sujeito: considerações do marxismo e da psicologia histórico-cultural. In: TOMANIK, E. A.; CANIATO, A. M. P.; FACCI, M. G. D. (Orgs.). **A constituição do sujeito e a historicidade**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

FLANDOLI, B. R. G. X. **A concepção de cultura em Vigotski**: contribuições para o trabalho e a educação. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2013.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2005.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa In: **Cadernos de pesquisa**, n.116, p.20-39. Jul. 2002.

FREITAS, M. V. Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. **Introdução**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. Disponível em [www.acaoeducativa.org](http://www.acaoeducativa.org). Acesso em 25/set/2011.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. In: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, Ano 7, n.º 1, 1º semestre de 2007. Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a13.pdf>>. Acesso em 03/julho/2009.

FURTADO, O.; SVARTMAN, B. P. Trabalho e alienação. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M. (Orgs.). **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002.

GONÇALVES, S. C. Cultura e sociedade de consumo: um olhar em retrospecto. **In Revista**, ano 3, nº 5, 1ª ed., 2008, 1/5. Disponível em [https://www.academia.edu/461849/Cultura e Sociedade de Consumo um olhar em retrospecto](https://www.academia.edu/461849/Cultura_e_Sociedade_de_Consumo_um_olhar_em_retrospecto). Acesso em 23/dez/2013.

GONZALES, Z. K. ; GUARESCHI, N. M. de F. Discursos sobre juventude e práticas psicológicas: a produção dos modos de ser jovem. Brasil. **Revista Latino Americana de Ciências Sociais**, n.º 6(2): p. 463-484, 2008. Disponível em <http://www.umanizales.edu.co/revistacinde/index.html>. Acesso 22/dez/2013.

GONZALEZ REY, F. L. G. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, M. C. V. R. (Org.) **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. (Coleção Enfoques. Sociologia).

IBGE. **População Jovem no Brasil**. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, nº 3. Rio de Janeiro, 1999.

LACHTIM, S. A. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam? **Trabalho, educação e saúde**. Rio de Janeiro, v.09, n.º 02, jul./out., 2012. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462011000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462011000200007&script=sci_arttext). Acesso em 13/dez/2013.

LEÃO, G.; NONATO, S. P. Políticas públicas, juventude e desigualdades sociais: uma discussão sobre o ProJovem Urbano em Belo Horizonte. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 38, n. 04, p. 833-848, out./dez., 2012. Disponível em <<http://www.dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4150681.pdf>>. Acesso em 04/fev/2013.

LEITE, G. A. **Juventude e socialização: os modos de ser jovem aluno das camadas médias em uma escola privada de Belo Horizonte – MG**. 2011. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradutor Rubens Eduardo Frias. 2ª Ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LEVI, G.; SCHMIDT, J. C. **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1 e 2, 1996.

LOPES, R. E. *et al.* Juventude pobre, violência e cidadania. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 17, n.º 03, p. 63-76, 2008. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902008000300008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em 11/nov/2013.

LURIA, A. R. **A construção da mente**. São Paulo, Ícone, 1992.

MAGIOLINO, L. L. S. **Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski**. 2010. Tese (doutorado) – UNICAMP. Campinas, 2010. Disponível em [http://www.vigotski.net/ditebras/magiolino\\_2.pdf](http://www.vigotski.net/ditebras/magiolino_2.pdf). Acesso em 15/dez/2013.

MANACORDA, M. A. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. Tradução Gaetano Lo Monaco. Revisão da tradução: Rosa dos Anjos Oliveira e Paolo Nosella. São Paulo: Cortez, 2004.

MANFRED, S. M. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Editora Moraes. Série Sociologia Política, 1984.

MATHEUS, T. C. Quando a adolescência não depende da puberdade. **Revista latino americana de psicopatologia fundamental**. São Paulo, v. 11, n. 4, Dec. 2008. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142008000400008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000400008&lng=en&nrm=iso) > Acesso em 02/jul/2009.

MASCAGNA, G. C. **Adolescência: compreensão histórica a partir da Escola de Vigotski**. 2009. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2009.

MASSON, L. O. A. Indústria cultural e primazia do presente. In: RESENDE, A. C. A.; CHAVES, J. de (Orgs.). **Psicologia social: crítica socialmente orientada**. Goiânia: Ed. da PUC, Goiás, 2010.

MEIRA, M. E. M. Psicologia histórico-cultural: fundamentos, pressupostos e articulações com a psicologia da educação. In: MEIRA, M. E. M.; FACCI, M. G. D. (Orgs.). **Psicologia histórico-cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MEKSENAS, P. **Sociologia da educação: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**. São Paulo: Loyola, 2002.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. Tradução: PERALVA, A. T. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, n.º 5/6, 1997.

MESQUITA, M. R.; OLIVEIRA, A. C. M. Juventude, movimentos e cultura: a participação política de jovens na cidade de Maceió. **Estudos de Psicologia**, n.º 18 (2), 2013. Disponível em

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2013000200025&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2013000200025&script=sci_arttext). Acesso em 10/dez/2013.

MINAYO, M. C S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: métodos opostos ou complementares? **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n. 9 p. 239-262, jul/ set., 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>>. Acesso em 17/out/2012.

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORETTINI, M. T. **A aprendizagem dos professores em contexto de grupo-oficina na apropriação da teoria histórico-cultural**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2012.

MORETTINI, M. T.; URT, S. C. **O professor como sujeito da aprendizagem e as implicações da escola de Vigotski**, 2008. Disponível em [http://www.propp.ufms.br/ppgedu/geppe/artigo\\_marly\\_sonia.pdf](http://www.propp.ufms.br/ppgedu/geppe/artigo_marly_sonia.pdf). Acesso em 4/out/2012.

NEWMAN, F.; HOLZMAN, L. **Lev Vygotsky – cientista revolucionário**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

OJALA, R. **Projetos de futuro de jovens universitários no Distrito Federal: um estudo de caso**. 2008. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília. Brasília, 2008. Disponível em [http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3834](http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3834) Acesso em 13/dez/2013.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky - aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, E. C. S.; MARTINS, S. T. F. Violência, sociedade e escola: da recusa do diálogo à falência da palavra. **Psicologia & Sociedade**; 19 (1): 90-98; jan/abr. 2007.

OSÓRIO, A. C. do N. Políticas e desafios na educação para os trabalhadores empregados e desempregados. In: **Intermeio: Revista do Mestrado em Educação - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS**, v. 7, n. 14, p. 23-41, Editora da UFMS, 2001.

OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento humano**. Tradução Daniel Bueno. 7ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, nº5/6, 1997.

PINO, A. L. B. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 763-785, out. 2007 Disponível em < [www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a0728100.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a0728100.pdf)>. Acesso em 03/mar/2013.

PRESTA, S. A. de P. **Disposições dos adolescentes em relação ao futuro: um estudo exploratório dos seus determinantes.** 2007. Dissertação (mestrado) – UNICAMP. Campinas, 2007. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000441910&fd=y>. Acesso em 27/dez/2013.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Vygotsky e o desenvolvimento humano.** Disponível em <<http://www.josesilveira.com>>. Acesso em 14/dez/2012.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** 17ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

RIBEIRO, R. J. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (orgs). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

ROCHA, A. P. A instituição escola na sociedade dividida em classes: uma construção histórica. **Serviço Social em Revista** (Online), 2005. Disponível em <[http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v6n2\\_andrea.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v6n2_andrea.htm)>. Acesso em 05/set/2013.

RODRIGUES, N. **Da mistificação da escola à escola necessária.** 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1998. (Questões da nossa época; v. 54).

ROSSLER, J. H. Trabalho, educação e psicologia na sociedade contemporânea: a formação do indivíduo no contexto da atual reestruturação produtiva. In: MEIRA, M. E. M.; FACCI, M. G. D. (Orgs.). **Psicologia histórico-cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SAVAGE, J. **A criação da juventude: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX.** Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SAVIANI, D. **Da nova LDB ao FUNDEB: por uma outra política educacional.** 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 7.ed. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 2000.

SCHMIDT, J. P. **Juventude e política no Brasil: a socialização política dos jovens na virada do milênio.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. 1, 2001.

SEVERINO, A. J. **Filosofia.** São Paulo: Cortez, 1994.

SHUARE, M. **La psicología soviética tal como yo la veo.** Moscú: Editorial Progreso, 1990.

SILVA, S. M. C. da; ALMEIDA, C. M. C. de; FERREIRA, S. Apropriação cultural e mediação pedagógica: contribuições de Vigotski na discussão do tema. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol.16, n.º 2, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>

[scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722011000200005&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12/jun/2012.

SILVA, A. M. V. **Trabalho e educação: uma análise sobre a ótica dos jovens**. 2006. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2006.

SOLIGO, A. de F. Avaliação, mercantilização e meritocracia nos percursos de identidade docente. In: URT, S. C.; CINTRA, R. C. G. G. (Orgs). **Identidade, formação e processos educativos**. Campo Grande: Life Editora, 2012.

SPOSITO, M. P. Estudos sobre juventude em educação. In: PERALVA, A. T.; SPOSITO, M. P. (Orgs.). Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, número especial, nº 5, mai/jun/jul/ago 1997 e nº 6, set/out/nov/dez 1997.

\_\_\_\_\_. Juventude: Crise, Identidade e Escola. In: DAYRELL, J. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. EDUFMG, Belo Horizonte: 1999.

\_\_\_\_\_. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2008.

\_\_\_\_\_. A instituição escolar e a violência. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. [São Paulo], [199-]. Disponível em [http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/spositoescolaeviolenca.pdf/at\\_download/file](http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/spositoescolaeviolenca.pdf/at_download/file) . Acesso em 10/dez/2013.

TACCA, M. C. V. R. (Org.) **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

TOASSA, G. **Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural**. 2009. Tese (doutorado)- Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

TOMIO, N. A. O; FACCI, M. G. D. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v.12, n.1, p. 89-99, jan./abr. 2009. Disponível em [http://www.dtp.uem.br/rtp/volumes/v12n1/008\\_Noeli\\_Tomio.pdf](http://www.dtp.uem.br/rtp/volumes/v12n1/008_Noeli_Tomio.pdf). Acesso em 19/nov/2013.

TRASSI, M. de L.; MALVASI, P. A. **Violentamente pacíficos: desconstruindo a associação juventude e violência**. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção Construindo o compromisso social da psicologia).

TULESKI, S. C.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. Psicologia histórico-cultural, marxismo e educação. **Teoría y la crítica de la psicología**. México, nº 3, p. 281-301, 2013. Disponível em <http://teocripsi.com/documents/3TULESKI.pdf>. Acesso em 29/dez/2013.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Políticas públicas de/para/com juventude**. Brasília: UNESCO, 2004.

URT, S. C. **Uma análise psicossocial do significado do trabalho para os jovens**. 1992. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1992.

URT, S. C.; MORETTINI, M. T. (Orgs). **A psicologia e os desafios da prática educativa**. Campo Grande: UFMS, 2005.

\_\_\_\_\_. A constituição do sujeito por meio da apropriação da cultura e da educação: o foco na atividade docente. In: URT, S. C.; CINTRA, R. C. G. G. (Orgs). **Identidade, formação e processos educativos**. Campo Grande: Life Editora, 2012.

VASCONCELOS, M. S. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 25, n.º 87, mai./ago., 2004. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302004000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200015) Acesso em 27/dez/2013.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. 2ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. (1930) **A transformação socialista do homem**. Tradução Nilson Dória, 2004. Disponível em: <[www.pstu.org.br/cont/subjetividade\\_vigotski.pdf](http://www.pstu.org.br/cont/subjetividade_vigotski.pdf)>. Acesso em 8/abril/12.

\_\_\_\_\_. **Obras escogidas IV**. Editorial Pedagógica, Moscú, 1984.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. 2. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: LEONTIEV A. N. *et al.* **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE A - ROTEIRO COM TEMAS PARA ENTREVISTAS COM OS ALUNOS**

MEDIADOR: Solicitação para que os alunos falem livremente sobre os temas apresentados.

1. EDUCAÇÃO
2. ESCOLA
3. APRENDIZAGEM
4. ENSINO
5. PROJETO “JOVEM DE FUTURO”
6. JUVENTUDE
7. RELACIONAMENTOS
8. TRABALHO
9. MÍDIA
10. VIOLÊNCIA
11. FUTURO

## **APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA E DIREÇÃO**

### **A) IDENTIFICAÇÃO**

Nome: F. Z

Formação: Matemática

Onde se formou? UCBD

Quando se formou? 2008

Tempo de escola: 4 anos

Tempo de experiência na função: 4 anos

### **B) ESCOLA**

a) Você conhece o projeto pedagógico desta escola? Fale a respeito.

R. Sim, é muito democrático, participativo.

b) Apresente as principais qualidades desta escola.

R. Escola aberta a metodologias diferentes. Estamos sempre buscando inovação para não cair na mesmice, que acaba por prejudicar o ensino.

c) Apresente os principais problemas desta escola.

R. Evasão, não participação dos pais e responsáveis.

d) Como vê a execução do Projeto Jovem de Futuro nesta escola? Tem sugestões ou críticas a fazer?

R. Houve algumas atividades que já valeram a pena. Estou participando mais de perto, agora.

### **C) RELAÇÕES**

a) Como são as relações entre escola e os pais?

A escola está aberta aos pais, mas poucos vêm. Alguns só quando o filho reprova, para reclamar.

b) Como são as relações entre direção e professor(es)/(as)? Quais os principais conflitos entre a direção e os/as professor(es)/(as)?

R. Alguns professores faltam muito e isso cria conflitos.

c) Como é a relação entre professor(es)/ (as) e alun(os)q(as)? Quais os principais conflitos entre os professor(es)/(as) e alun(os)/(as)?

R. No geral, é bom. Temos bons alunos nessa escola. Mas, sempre, tem alguns que são indisciplinados e, no final, às vezes, têm que ser transferidos.

d) Como é a relação entre alun(os)/ (as) e alun(os)/(as). Você conhece grupos de alun(os)/(as) que se formaram dentro desta escola? Fale sobre cada um deles.

R. Há alguns grupos sim. São jovens, né? Não saberia dizer como se formaram.

e) Como esses grupos são vistos por você e pela escola?

R. Os grupos, desde que não extrapolem certos limites, podem conviver bem na escola.

#### **D) SOBRE A JUVENTUDE**

a) O que é a juventude para você?

R. É um período de incertezas e escolhas que a gente faz para a vida adulta.

b) É possível ver o/a alun(o)/(a), como um (a) jovem na escola? Em que momentos?

R. Quando conversamos mais de perto, com eles, percebemos suas angustias, medos... É preciso conversar.

c) O que pensa sobre a participação dos jovens na escola?

R. É necessário que o jovem participe mais, fale sobre o que pensa dos assuntos...

d) Essa escola permite essa participação? De que forma?

R. Permite e deseja essa participação. Queremos reativar o grêmio estudantil e vamos trabalhar para isso.

**APÊNDICE C - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA  
SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL – PJF**

**A) IDENTIFICAÇÃO**

Nome: R. D. K.

Formação: Pedagogia

Onde se formou? UFMS - CPAN

Quando se formou? 1979

Tempo de escola: 15 anos como técnica educacional e 10 como professora

Tempo de experiência na função: 3 anos

**B) PJF NAS ESCOLAS**

a) O que pensa do Projeto Jovem de Futuro (PJF)? Por que se interessou?

R. Foi a primeira vez que vi um projeto voltado ao ensino Médio; por isso, me interessei. Acredito que vai melhorar a qualidade da educação.

b) Quais as vantagens do PJF para a educação e as escolas?

R. Vai melhorar a educação, principalmente, o fazer do professor. Dar uma “sacudida” no processo ensino-aprendizagem, porque a escola “parou no tempo”, e o jovem não. Agora, com a internet, por exemplo, o professor não é mais o detentor do saber.

c) Como vê a execução do Projeto Jovem de Futuro nesta escola, especificamente? Tem sugestões ou críticas a fazer?

R. Ainda não teve início com os alunos. Mas o projeto, com as atividades previstas, está muito bom. E esta escola está empenhada.

d) Como fica a educação no ensino Médio, após o PJF?

R. Tem tudo para melhorar, mas a escola precisa dar continuidade ao trabalho. Caso contrário, voltará ao que estava antes.

## APENDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este estudo está sendo conduzido pela acadêmica do Curso de Mestrado em Psicologia/UFMS Catarina Rodrigues (pesquisadora) e pela Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia da Cunha Urt (Orientadora)

1) Por que o estudo está sendo feito?

A finalidade deste estudo é conhecer significados e sentidos de jovens alunos do ensino Médio de uma escola pública, participantes em um projeto educacional de cunho público/privado em que se busca a melhoria do desempenho escolar. Pretende-se, portanto evidenciar o que se aprende, como se aprende e os sentidos subjetivos envolvidos nos processos educativos e no ato de aprender.

2) Quem participará deste estudo? Quais são os requisitos?

Poderão participar deste estudo os (as) jovens alun(os)/(as) que estejam matriculados no ensino Médio e frequentando a escola onde se desenvolvam as atividades relacionadas ao projeto educacional de cunho público/privado.

3) Quem não pode ou não deve participar deste estudo?

A participação será restrita aos (às) alun(os)/(as) da escola.

4) O que será solicitado aos (às) alun(os)/(as) fazer?

Participar de *grupos focais*, discutindo questões sobre temáticas relacionadas ao seu aprender. Responder livremente às perguntas semi-estruturadas, elaboradas sobre o tema em questão. A *entrevista* será gravada, e as respostas registradas para análise. Também, pretende-se trabalhar com *histórias de vida/narrativas* que são uma técnica de pesquisa – de alguns desses alunos. O uso de imagens/mídias – filmes editados – etc. poderá ser utilizado como instrumentos desencadeadores para a recolha dos dados.

5) O que se sabe sobre este assunto sobre este procedimento?

Entrevistas semi-estruturadas e grupos focais, histórias de vida, narrativas são algumas das técnicas mais adequadas para o trabalho com pesquisa qualitativa, com esse objeto e tipo de sujeitos.

6) Quanto tempo os (as) alun(os)/ (as) estarão no estudo?

A participação dos alunos está prevista para acontecer em encontros que contemplem um grupo de alunos do ensino Médio participantes em atividades do projeto.

7) Quantas outras pessoas estarão participando deste estudo?

Estarão envolvidos outros elementos da escola – coordenadores- diretores etc.

8) Que prejuízos (ou eventos adversos) podem acontecer com os (as) alun(os)/(as) em participar deste estudo?

Deverão ser mantidas todas as condições de anonimato e outras inerentes ao ato de pesquisar na Ciência Psicológica.

9) Que benefício os (as) alun(os)/(as) podem esperar?

Por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa, porém, sem caráter de intervenção. O que se prevê é uma proposta de devolução à escola, por meio de palestra ou outra forma de acordo, e com o aval da escola.

10) Quem poderá ver os registros / as respostas e saber o que os (as) alun(os)/(as) informaram como participantes do estudo?

Ao concordar em participar do estudo, nome e identidade serão mantidos em sigilo. A menos que, requerido por lei, somente o pesquisador e professor orientador, a equipe do estudo, membros do Comitê de Ética independente e inspetores de agências regulamentadoras do governo (quando necessário) terão acesso a suas informações para verificar as informações do estudo.

11) Quem os (as) alun(os)/(as) devem chamar se tiverem qualquer dúvida ou algum problema?

Para perguntas ou problemas referentes ao estudo, contatar a pesquisadora Catarina Rodrigues, pelo telefone: (67) 9136-5876. Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo, chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 3345-7187.

12) Os (as) alun(os)/(as) podem se recusar a participar ou pedir para sair do estudo?

A participação no estudo é voluntária. Os (as) alun(os) (as) podem escolher não fazer parte do estudo, ou podem desistir a qualquer momento. Não perderão qualquer benefício ao qual tenham direito. Não serão proibidos de participar de novos estudos. Você receberá uma via assinada deste termo de consentimento.

Declaro que li e entendi este formulário de consentimento, todas as minhas dúvidas foram esclarecidas e que sou voluntário a tomar parte neste estudo.

Assinatura do Voluntário (ou responsável, caso não tenha a idade legal).

\_\_\_\_\_ data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador

\_\_\_\_\_ data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DOS ENCONTROS COM OS ALUNOS

**1º Encontro: Dia 14/05/13**

**Local: sala de aula da Escola Estadual “José Barbosa Rodrigues”**

**Início: 14h – Término: 15h45**

**Presentes: 7 alunos**

MEDIADORA: “Oi, pessoal. Gostaria de agradecer a presença de vocês aqui... Vai ser muito importante este nosso trabalho... Lembro-me de alguns de vocês... da reunião há uns 15 dias, com a Rosanne do PJJ... Enfim... meu nome é Catarina, trabalho na UFMS como técnica em assuntos educacionais, é um trabalho de apoio administrativo ao trabalho pedagógico dos professores... Já dei aulas para crianças e adolescentes, anos atrás e, atualmente, só estou trabalhando na UFMS. Sou formada em Pedagogia e Psicologia... Bem... quero explicar um pouco para vocês o motivo dessa pesquisa... Como já disse, trabalho na UFMS e, então, o tema educação sempre esteve presente na minha vida: como aluna, professora, técnica (risos)... e, dentro da educação, também, a juventude sempre atraiu minha atenção. A educação é um valor muito caro para mim... Acredito na educação... que se investir, melhorar a educação, muita coisa pode mudar... Com a participação organizada de todos nós, escolas, universidades, partidos políticos, governos... quem sabe?”...

ALUNOS: em silêncio, ouvindo.

MEDIADORA: Bom... voltando ao interesse da pesquisa... e então, esses dois assuntos, a juventude e a educação se “casaram”, vamos dizer assim, e, daí, nasceu o interesse em pesquisar o jovem e a educação. E, quando soube do PJJ, fiquei interessada em saber mais: será que está sendo bom? O que os alunos pensam disso? E assim foi... que eu cheguei aqui... Bom... vou explicar um pouquinho do trabalho que faremos. Não vai ser assim, entrevista eu pergunto, vocês respondem, pronto e acabou. Não... nós vamos fazer uma dinâmica chamada Grupo Focal, alguém sabe o que é? (Silêncio). Bom, é o seguinte, vamos trabalhar em cima de temas, palavras que vou jogando para vocês, e cada um fala o que pensa, não tem muitas regras, mas, não vale brigar (risos), nem impedir ninguém de falar. Mas, gostaria que todos falassem um pouco, para eu saber o que cada um acha dos assuntos. E não vamos fazer conclusão geral de nada, é como uma roda de conversa.

Um aluno diz: roda de tereré.

MEDIADORA: Isso, roda de tereré. E, depois, faremos um lanchinho.

Uns risos soltos e silêncio.

### 1º tema: EDUCAÇÃO

MEDIADORA: Vamos começar, então? Ah, quero apresentar a Rose, que vai ajudar na pesquisa. Ela vai anotar as falas de vocês, para a gente organizar tudo depois... Tudo bem? Bom... o primeiro assunto que trago para vocês, hoje, é educação.

JOÃO: No Brasil, ainda tem muito o que melhorar... seguir o exemplo de Portugal, onde não tem escola particular (...) o aluno de escola particular sempre vai estar melhor que o aluno de escola pública.

PEDRO (em réplica a João): só que, aí, acho que vai de aluno para aluno, cara! Só aumentar a carga horária (de estudo). Você tem internet, você tem livro, você tem biblioteca... Depende do seu interesse...

JÚLIA (em réplica a João): se a gente estudar mais, vai estar no mesmo padrão de educação deles... (alunos de escola particular).

JOÃO: (tréplica) Mas olha a estrutura de uma escola particular e olha a pública...

PEDRO (em réplica a João): eu já estudei em... só que, aí, acho que vai de aluno para aluno, cara! Só aumentar a carga horária (de estudo). Você tem internet, você tem livro, você tem biblioteca... Depende do seu interesse... Eu vejo aqui, muita gente interessada aqui, que corre o risco de passar na frente de quem está lá dentro (da escola particular).

JÚLIA (em réplica a João): se a gente fosse olhar estrutura de colégio, ninguém estaria aqui mesmo. Você pode ir em outro colégio por aí, que está bem pior que esse...

FLÁVIA... É bem diferente de escola pública... depende de ajuda do governo... a escola partícula (entre aspas) não... a escola pública, eu vejo agora, o governo não está tendo ajuda pra educação... agora, o foco é a copa... Não estão preocupados com a educação... com a gente que vai precisar... O diretor já falou que tudo que a escola tem, ele deu duro pra conseguir... até porque, a copa tá chegando, e o governo tá preocupado assim... o Brasil fazer bonito... não tem boa saúde, boa educação, nada disso. Milhões que era para educação, investe tudo na copa, e vai tirando isso...

JÚLIA: ...por isso, que a educação tá uma merda.

PEDRO: só que isso é uma forma de manter... o político pensa assim “se tem cabeça pensante, ninguém vai votar em mim”... então, é uma forma do sistema continuar funcionando é a falta de educação, porque, do mesmo jeito, tem gente que não tem educação, mas vota, e essa pessoa é totalmente maleável. Porque, quem tem o senso comum não vota em qualquer um... e o que gera o país é a política. E a política mantém a escola ruim... de vez em quando, faz alguma coisa boa na saúde, pra sair o nome... só que, tendo a educação ruim, é uma forma do sistema continuar rodando. Não lembro muito bem, mas, quando teve os caras-pintadas, foi para todos os estudantes, ou pelo menos, os cabeças pensantes da época, e tiraram o presidente e, hoje, o comodismo da nossa população deixa tudo como está.

JÚLIA: o povo é tão burro que não percebe que chega época de eleição, o político vai lá e faz uma coisinha e ele (povo) diz “ah, esse político é tão bom, vou voltar nele”...

RENATA: vê que o brasileiro é pobre, eles vêm com sacolão, e, aí? Claro que todo mundo vai votar neles.

JÚLIA: que nem o rapaz falou da estrutura do colégio. Lá, no Pará, as estruturas dos colégios do interior são péssimas, mas tem os melhores índices de educação.

RENATA: Vai todo mundo querer. Não é todo mundo que tem o intuito de ser forte. Eu quero me esforçar... é mais fácil ver o que está me impedindo... é mais cômodo jogar a culpa em outro, do que se esforçar, querer vencer essa barreira; então, o aluno que se esforça pode competir com aluno de particular, sim. Se ele se esforça, vai querer mais... então, todo o conhecimento que ele tiver vai ser pouco, vai querer sempre mais...

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e passa para outro tema.

## 2º tema: ESCOLA

JÚLIA: é o lugar onde a gente mais passa tempo. Tem gente que fala para a mãe: ah, vou pra escola, estudar... vem pra escola e não estuda, né? Aí, depois, o pai tem que vir aqui, na escola, reclamando que seu filho, não sei o quê... mas, vai ver, o aluno não estudou...

PEDRO: vejo que a escola é um caminho para o sucesso, né? Porque, quem não estuda não faz nada.

JÚLIA: qualquer coisa precisa de estudo, tem que ter no mínimo o ensino Médio.

PEDRO: tava vendo o jornal, hoje, nos classificados; o cara, hoje, pra entregar o lanche pra você, tem que ter o ensino Médio.

RENATA: até o cara pra varrer a rua tem que ter o ensino Médio completo, senão, não consegue...

FLÁVIA: eu vejo assim, a escola é um lugar para fazer amigos, pra gente compartilhar... (inaudível) morei oito anos no Pará, a escola é muito ruim... tem muita coisa que não aprendi, estou aprendendo agora. A escola é uma segunda casa, não só pelo fato de passar um tempo fora de casa, mas, pelo convívio com outras pessoas... você compartilha experiências, você vive uma vida... cada pessoa que você conhece é especial, você aprende e você também ensina.

JOANA: esse negócio de aluno não se esforçar, a maioria é culpa dos pais mesmo, que passa a mão na cabeça, o filhinho de papai “ah, meu pai vai me sustentar a vida inteira...” Não é bem assim. O pai, desde pequeno, ele ensina pro filho: ah, você vai ficar dentro de casa, pelo menos, vai se esforçar, vir do colégio, vai pro colégio... Agora, aquele que, desde pequeno, o pai sempre cobrou, com toda certeza, vai bem melhor.

FLÁVIA: eu vi várias vezes meu pai e minha mãe chorando... passando necessidades... meu pai só teve o ensino Fundamental completo, e minha mãe parou na 5ª série... não teve estudo. Eu olho pros meus pais e vejo o que não quero pra mim. E, agora, eles jogam tudo aquilo que eles queriam ser em cima de mim. É por isso, que eu batalho, eu estudo, eu me esforço, por mais que, às vezes, eu escorregue, tire uma nota baixa numa prova... eu continuo, porque tem que ter objetivo... a escola pode ser ruim como for, pode não ter lanche, pode não ter

professor bom, mas, se o aluno quiser, determinar, vou estudar porque quero ser tal coisa, ninguém me tira.

JOÃO: É como eles disseram todos... escola é um lugar onde vou para aprender e não para brincar... vim para levar a sério, não para brincadeira e estudar como deveria... tem gente que vem só para brincadeira e não para estudar como deveria.

DEIZE: Igual ela falou... nossos pais, a maioria, pelo menos, dos pais não tiveram oportunidade... meu pai tem ensino Médio e minha mãe nem isso... então, eles não tiveram oportunidade... Então, eles jogam toda essa vontade que eles queriam de conseguir as coisas em mim... então, eu tenho que fazer e dar o meu melhor para que eles não se... vejam que eu não tô fazendo nada, não tô me esforçando... então, eu tenho que fazer isso sempre...

PEDRO: Acho que a escola ensina todo mundo aqui a viver, porque... tem cada coisa que você vê na escola... que você fala: isso eu não quero para minha vida. Tem outras coisas que você fala: isso eu quero na minha vida. A escola é o primeiro estágio para você encarar o mundo que tá aí... para aprender a viver em sociedade. Porque, quando você sai de casa, para escola, é um baque tremendo... e, aí, você acostuma, tipo dez anos na escola. Aí, você sai da escola, para a sociedade, e a escola, tipo assim, não é o dever dela, porque ela está aqui, para ensinar você os conteúdos, mas, querendo ou não, você sai com uma bagagem para viver em sociedade, para saber como se portar e, aí, você sai sabendo viver... você pode ser aquele cara que, tipo, mais zoa na escola, tira nota baixa, leva nas coxas, só que, mesmo assim, ele sai com uma bagagem de sociedade totalmente diferente do que se ele, que só vivesse na rua, por não aceitar a escola na vida dele.

RENATA: Então, eu acho assim... a escola dá vários recursos para o aluno aprender... todas as oportunidades envolvem projetos... cabe ao aluno a saber o que ele quer e, também, os pais cobrar, porque muitos pais modernos... os mais antigos sofreram, batalharam... agora, os pais modernos que trabalham em dois empregos não tão nem aí para o filho. Chega em casa, não tem um acompanhamento, não chega no filho: “filho, o que você aprendeu hoje? Deixa eu ver seus cadernos, deixa eu te acompanhar? Quero saber como você tá agindo na escola, tá copiando, tá fazendo as coisas direitinho?” Porque o que interessa para os pais é ver o filho na escola, entre aspas, porque, se tá na escola, deve tá estudando... mas, muitas vezes, não é bem isso que acontece... os filhos vão para a escola, mas não permanecem, desviam o caminho...

FLÁVIA: tem pai que só vem aparecer na escola, no fim do ano, com o boletim do filho, preocupado, quer questionar a escola, porque o filho dele vem para escola todo dia... e ele vinha para escola, para saber se o filho aparecia? Não vinha. Ele vinha na escola, para ver o comportamento do filho? Isso ele não fazia... Assim, de certa forma, a presença dos pais aqui na escola, também ajuda muito...

PEDRO: só que a escola tem um outro contraponto, que é o comodismo dos pais. Tipo assim, o pai, não é que, tipo, não liga muito para o filho... é que tá cansado... então “ah, vai para escola, com você aqui...” Tá na escola, então, a escola tem dever de cuidar dele, coisa assim... o pai troca a responsabilidade, vamos supor, da uma às cinco, você não é meu filho, é filho da escola...

JOANA: pra ele, a escola tem obrigação de educar o filho dele, mostra o que o filho dele faz e não faz... mas esquece que, na escola, aprende o que presta e o que não presta... tem muito aluno que tá fumando, tá bebendo dentro do colégio...

DEIZE: e o pai também acha que se o filho não tá educado, é culpa da escola, não é culpa dele. Porque ele tem o dever de educar o filho em casa.

JOANA: É. Família é a base de tudo. Só que os pais não se preocupam com isso, porque acham que o filho tá sendo educado na escola.

FLÁVIA: Em casa, que você vai começar a respeitar o mais velho, o superior, a pessoa de mais idade que você... é lá que você vai aprender a conviver com as pessoas... é dentro de casa, não é na escola. É porque, em casa, você tem lá sua mãe, seu pai que diz “filho você tem que fazer isso assim, isso aquilo” aprende respeitar os mais velhos... senão, quando chega lá fora, pode acabar fazendo alguma coisa ali e acabar numa grande encrenca... Tem pais que procuram escola integral, o filho fica o dia inteiro e só vem de tarde. Aí, já é errado.

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e passa para outro tema.

### **3º tema: APRENDIZAGEM**

PEDRO: É a bagagem que você carrega, toda sua trajetória escolar...

JOÃO: Você vai levar pra vida inteira... lá fora, a sua vida é o que você aprendeu hoje.

JÚLIA: Você vai absorver coisas todos os dias, pra, lá na frente, você usar...

PEDRO: eu vejo aqui... é o último ano, se passar, né? Depois, aqui, é algo que ninguém vai tirar... na escola, tudo o que eu vivi, tudo o que você viu, você vai sair... tipo, você vai ter história pra contar, do seu tempo da escola, por exemplo, do dia que não teve aula, e teve o professor do lado que explicou, e vocês entenderam... ou o professor de Biologia, que explicou História. Aprendizagem é isso: a troca de informação que você carrega consigo e que você vai passar pro seu filho, certas coisas vai peneirar e passar pra ele... e ele vai aprender mais e vai passar pro filho dele, e vai ser assim... de geração, em geração...

DEIZE: e até com nossos erros a gente aprende... errar é humano... a gente aprende sempre... a gente tem que aprender com o que a vida dá...

FLÁVIA: vejo assim... ninguém nasce sabendo... quando você nasce, o que você sabe é chorar e mamar... com o tempo, ele aprendeu a mastigar, a engatinhar, a andar... em cada fase, a gente vai aprendendo...

JÚLIA: tem fase na vida da gente, né? A gente tá na fase da escola, aqui dentro, a gente decide se vai estudar ou não... e a gente que decide a próxima fase da nossa vida, se a gente vai ter um bom emprego ou não, se vai ter uma boa casa, se vai ter o que comer... a gente que decide isso...

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e passa para outro tema.

#### 4º tema: ENSINO

PEDRO: é o que escola tem obrigação de passar, por meio de professores. Porque a única coisa que, se você for ver, a escola é obrigada a fazer é ensinar. Não é educar, ao pé da letra, a escola tá aqui para ensinar...

JÚLIA: a escola tá fazendo papel de pai e mãe, cuidando dos filhos dos outros...

PEDRO: esses dias tava vendo, parece que mudou o foco: a escola é para educar e ensinar. Se inverteram as posições. Esses dias, parece que ensinar ficou em segundo plano.

DEIZE: a escola, hoje, tem mais obrigação de educar do que de ensinar.

PEDRO: a escola faz o papel do pai e da mãe.

RENATA: se os alunos viessem educados, só para os professores terem o trabalho de só ensinar, seria ótimo. Só que não, o professor tem a obrigação de educar, para, depois, ensinar.

JÚLIA: se ele não educar, não consegue dar aula dentro da sala...

JOÃO: os professores são orientados para poder dar o ensino, mas, às vezes, não é esse o papel dele, que tá tendo que fazer aqui na escola... educar é meio que ensinar.

PEDRO: isso aí é uma falha no sistema de aprendizagem da criança, porque, o moleque nasce, a mãe dele não ensina; aí passa aquela fase, vem pra escola, e a mãe dele não ensinou por exemplo, sei lá, aquela coisa de limpar a caquinha do nariz... e sobra para o professor... aí, quando o professor começa a explicar isso, ele deixa de ensinar... aí, vai passando o tempo, vai faltando certa bagagem... aí, quando o cara sai da escola, vê que não aprendeu nada, por culpa da mãe dele, que, quando era criança, não deu a educação certa para ele, e, aí ele vai sofrer na vida... não vai ser um cara bem sucedido... por culpa de uma infantilidade da mãe dele...

RENATA: tem muitos pais, também, que falam: “eu ensino meu filho”; porém, se contradiz em seu exemplo. Falam o que é certo ou errado, mas fazem outra coisa, não dão exemplo. Se meu pai altera a voz com a minha mãe, eu também posso fazer isso na sala de aula; aí, não vai ter o respeito na sala de aula. Aí, o professor tem que parar e falar pra ele: não, não é assim. E nisso, os que estão querendo aprender são prejudicados. Porque, uns recebem essa educação e tem o exemplo dentro de casa, e muitos outros não têm, porque tem o pai e a mãe fazendo outra coisa.

JOANA: acho que é uma coisa que acontece na maioria das escolas...

PEDRO: é o famoso faça o que eu digo não o que eu faço...

FLÁVIA: é difícil, NE?... meu pai chega pra mim e fala assim “você nunca deve levantar a voz e gritar com mulher nenhuma”. Aí, ele chega em casa, bate na minha mãe, grita com a minha mãe e faz uma coisa que nem ele mesmo tá sabendo. É aquela questão: faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço. Ele tá querendo te dar um conselho, dar uma ordem, que

nem ele mesmo segue, porque ele se contradiz naquilo mesmo que ele está ensinando, tá querendo te dar uma coisa que nem ele mesmo aprendeu...

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e passa para outro tema.

### **5º tema: ALUNO**

PEDRO: é o que mantém a escola. Uma escola sem aluno não é escola... tem que passar por todas essas fases que a gente falou até agora... o aluno seria uma incógnita de tudo o que a gente falou até agora... aluno é o motor da escola...

JOANA: na verdade, são poucos que podem ser chamados de alunos, porque tem muito aluno aí que vou te contar, dá até dó...

FLÁVIA: tem aluno que vem pra escola pra alívio dos pais, tem aluno que vem pra escola, pra fumar, porque em casa, não dá; tem aluno que vem pra escola, pra tirar concentração...

Nesse momento, chega ao grupo mais uma aluna, Amanda.

JÚLIA: aluno é aquele que estuda e, mais pra frente, cobra, quando não tá entendendo...

PEDRO: acho que aluno é todo ser humano que, todo dia, você aprende algo diferente... mesmo o tiozinho de 90 anos, que tá sentado na cadeirinha de balanço dele, aprende todo dia alguma coisa... ele observa alguma coisa diferente... então, sempre, você vai tá aprendendo, só que tem diferença, alunos interessados e alunos não interessados. Até quem acha que sabe de tudo, aprende.

RENATA: é um ciclo que não tem fim. Sempre, vai tá aprendendo, a cada dia. A cada nova etapa da sua vida, tá aprendendo, adquirindo conhecimento. E não só na escola, na vida...

FLÁVIA: a casa é uma escola, a rua é uma escola, a igreja é uma escola... o conhecimento vem de todo canto... a vida é uma escola, e nós somos alunos dela...

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e passa para outro tema.

### **6º tema: PROFESSOR**

PEDRO: é o encarregado de... de construir a bagagem do aluno, né?

JOANA: eu sempre falo que o professor poderia ser qualquer profissão...

PEDRO: professor é o que, como vou dizer... é o que alimenta... que aguça a fome de conhecimento do aluno... porque, se você ver um professor ruim, você não vai ter vontade de aprender. Se for um professor bom, você vai querer saber a matéria dele, você vai se preocupar... e... e tem professores que, além de bons, são excelentes, porque eles te provocam, de uma forma que você sempre vai querer testar eles. Tipo, por exemplo, você estuda em

casa, faz uma pergunta e fala: “essa aqui ele não vai saber responder” e, fazendo isso, você vai estar estudando, contribuindo com o conteúdo, e você vai criando um debate com o professor de aula... isso é o que eu vejo como professor bom. Não só ensina como faz com que você... não escolha a matéria dele pra fazer faculdade, você faz, porque tem interesse em aprender, tem prazer na matéria dele... Pra mim, esse é o professor bom.

JULIA: Difícil falar de professor... porque, se eu for falar, vou citar nome... estamos nós quatro com o mesmo professor de Matemática... vou te contar uma história, hein?! Faz qualquer um perder o interesse...

(Risos)

PEDRO: só que o problema dele é o seguinte: tem muito conhecimento e, o que acontece... (interrompido por outra aluna)

JÚLIA: eu perdi totalmente o interesse. Ele não sabe transmitir o conhecimento, não quer ensinar nada, ele não quer saber de nada... ele quer que todo mundo saiba já a matéria dele...

FLÁVIA: o professor de Matemática... é como se ele fosse falar, mas ele fala para dentro, não consegue... se a gente pergunta, ele não consegue ensinar, ele vai respondendo, a gente vai se confundindo e não entende mais nada do que ele está falando...

RENATA: acho muito complicado... ele não vai por etapa, pra você conseguir entender... ele já vai direto...

JOÃO: só que, toda matéria, você tem que ter uma linha de raciocínio, e a sua linha de raciocínio tem que tá ligada à do professor... eu me dou bem na aula dele, a gente pensa igual, a gente resolve os exercícios de uma forma igual... e acho que isso é uma certa, uma lacuna que tem... só que falta de ler das duas partes... que se você olhar bem pro exercício e falar “eu vou resolver você de qualquer forma” e você tenta, você busca com todo seu conhecimento, desde que você tava no Pré I, fez a continha lá de um mais um, você vai conseguir fazer.

RENATA: sim, só que tem um contraposto (?). Por quê? Nosso problema, em todas as matérias, é em Português e Matemática, os que mais atingem os alunos. Por quê? Principalmente, Matemática, porque ela tem uma dificuldade. Sempre os alunos têm uma certa dificuldade, principalmente, com Matemática, porque não são todos os alunos... por exemplo, eu fiquei um ano, basicamente, sendo que o professor não foi todo mês... então, eu tive um déficit nessa matéria. Então, por isso quando chega no ensino Médio, chega no segundo ano, chega no terceiro, que é revisão de tudo, você chega com dificuldade... e o professor não tem essa paciência de chegar em você e explicar. Acha que só porque é uma revisão, que você tem obrigação de ter visto, você tem que saber, entendeu? Eu compreendo você tem sim facilidade nessa matéria, mas não são todos os alunos que têm essa facilidade. Então, ele tem que entender que de 40 alunos que ele tem, não são todos que têm facilidade na matéria dele. Ele tem que tá apto, para quê? Para chegar no aluno e resolver passo a passo. Porque, um professor está ali para ensinar o aluno a querer mais, a sugar constantemente a matéria dele, a querer saber, aperfeiçoar e valorizar o quê? Que os alunos não fiquem só na matéria dele, mas, em todos. A professora de Português, eu gosto muito dela. É boa no que

faz; então, eu tenho interesse em todas as matérias relacionadas a ela, entendeu? Então, quando o professor faz a gente gostar dessa matéria, ele está fazendo a gente gostar de outras também.

JOÃO: só que eu acho o seguinte, eu não nasci sabendo.

RENATA: Ninguém nasceu sabendo. A gente aprende...

FLÁVIA: o professor de Matemática... eu, realmente, não entendi o que ele estava falando e pedi que ele pudesse me explicar novamente, e ele falou assim: “você não lembra disso? Você aprendeu isso lá atrás...”. Eu morei oito anos no estado do Pará e não aprendi isso porque, lá... como meu pai costuma dizer, em Belém, o que você aprende aqui na quarta série, no quinto ano, lá você aprende na oitava, nono ano. Tem coisa que eu não vi, pra mim, é novo. Igual assim, como ele falou que tem habilidade, consegue entender a matéria que o professor fala pra ele... na minha sala, tem um, o Márcio, grande companheiro. Ele que tem mais paciência comigo. O professor, a obrigação dele é que o aluno não saia da escola com dúvidas, que ele esclareça todas as dúvidas... ele precisa saber, precisa ter uma outra visão que o ensino tá complicado... o professor precisa entender que o aluno tá saindo com uma visão distorcida, pra corrigir, e o aluno se dar bem depois.

DEIZE: se for ver, o ensino de Português e Matemática dos alunos é uma vergonha... vergonha e prejuízo...

FLÁVIA: Inclusive, em Português, tenho amor por essa matéria... tanto é que minhas notas foram excelentes em português. A professora consegue ensinar, de uma forma bem diferente de matemática. O professor (de matemática) quer que a gente entenda uma coisa que a gente não aprendeu ainda. Não é porque ele aprendeu quando ele estudou, a gente vai aprender da mesma forma.

JOANA: a gente até aprende, mas, tem que relembrar e, às vezes, a gente tem uma certa dificuldade para relembrar... claro que a gente quer a ajuda do professor...

PEDRO: a virtude do professor é a paciência... ele pode não dominar o conteúdo dele, mas, se tiver paciência, ele vai te ensinar... de uma forma ou de outra, ele vai te ajudar, vai tentar ser atento... entendo o que vocês dizem, o professor é bom, mas não tem paciência...

JOÃO: tem professor que explica mil vezes que a gente acaba entendendo...

PEDRO: na sala, eu ajudei muita gente... eu também não tenho paciência... não sei como consegui ter... e eu ensinei muita gente... coisa que ele não fez.

JÚLIA: na nossa sala, tem gente que prefere pedir ajuda para um amigo, do que pedir para o professor...

DEIZE: a gente tava tendo aula de Matemática ontem, e eu não conseguia entender... aí, o Marcelo explicou, e eu falei “nossa, é tão fácil!”.

FLÁVIA: a gente vai se ajudando e aprendendo...

PEDRO: tem uma coisa minha... quando ensinei a Camila, da minha sala, e outras pessoas, eu falava: “Você entendeu? De verdade? Então, faz isso aqui” Aí, a pessoa fazia... Pô, é tão gratificante! Se ele não sentir isso, ele não tem que ser professor... porque, você falar para uma pessoa: “Você tem que fazer assim, assim, assim...” Você vai abrir a cabeça da pessoa, vai conseguir explicar, expor o conteúdo e ela fazer... é muito gratificante, e eu não entendo porque ele não sente...

JÚLIA: Ah, ele não nasceu para ser professor, acho que ele escolheu essa profissão porque era mais fácil...

PEDRO: (risos) não é nem um pouco fácil...

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e passa para outro tema.

### **7º tema: PROJETO JOVEM DE FUTURO (PJF)**

FLÁVIA: está muito parado. Porque, como eu... a primeira questão é passar aquilo que foi posto na reunião... A turma mostrou interesse em melhorar; pedir ajuda em Português e Matemática; a gente chegou a consultar. Agora, teve a entrega do boletim, e muita gente teve nota baixa em Português e Matemática, principalmente, em Matemática. Estávamos esperando autorização do diretor para começar as atividades... eu estou disposta...

JÚLIA: então, no dia da reunião, perguntei à técnica do PJF o que eu poderia fazer, e ela falou que era para aguardar o outro semestre, o contato da coordenação... nem sabia que as telas eram do PJF.

PEDRO: nem sabia...

JOÃO: na nossa sala, ninguém chegou falando nada do PJF...

DEIZE: Na verdade, pouca gente sabia sobre o PJF.

FLÁVIA: que nem o reforço... eu perguntei: “posso fazer reforço em todas as matérias?” Porque tem pessoas boas em várias matérias que podem dar aula de reforço... eu sou ótima em Física, Química, e um pouco em Português, e estou disposta, e os outros também...

PEDRO: o PJF é aluno ajudando aluno?

MEDIADORA: é uma das atividades...

PEDRO: ah, tá, eu não sabia. Mas, se for assim, nossa sala já está fazendo... eu realmente não sabia...

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e encerra os trabalhos nesse dia, combinando a continuação para o dia seguinte.

**2º Encontro: Dia 15/05/13****Local: sala de aula da Escola Estadual “José Barbosa Rodrigues”****Início: 14h – Término: 15h25**

Presentes: 7 alunos

MEDIADORA: “Oi, pessoal, então... de novo, quero agradecer a presença de vocês. E vamos dar continuidade ao trabalho, do mesmo jeito que fizemos ontem, ok? Vamos começar, então?”

ALUNOS: em silêncio, ouvindo.

MEDIADORA: O tema que trago agora é *juventude*.

**8º tema: JUVENTUDE**

JÚLIA: é a melhor parte da vida. É o que a gente escolhe o que quer da vida... se eu quiser ser drogado... se eu quiser sair aqui do colégio e quiser fumar, eu vou; se não quiser, não vou...

PEDRO: É onde tudo acontece... é quando você aprende o que é bom, o que é ruim...

DEIZE: é a fase que você vai decidir o que é bom, se você vai decidir o que é bom, se você vai estudar para ser alguém na vida... ou ser um nada... o discurso do governo (risos)

RENATA: é a fase em que você está em constante conflito consigo mesmo. Você não sabe... não tem total certeza daquilo que você quer. Então, o tempo todo você está mudando... Você está na fase das influências: você vê alguém fazendo, você quer fazer, até que você quebra a cara e recomeça de novo. Você está sempre ali, agitada, tudo que é de novo, você quer experimentar. Você quer conhecer, a sua sensação é que tudo está à flor da pele. Tudo o que é novo, tudo o que falam que é legal, você quer experimentar...

JÚLIA: acho que ninguém aqui comentou... acho que esqueceu... foi um assunto bem comentado semana passada... o salário mínimo tá seiscentos e pouquinho e o salário de Bolsa-Crack, tá novecentos e poucos reais! Olha a diferença! No que o governo tá investindo... Por que uma pessoa que passou a vida dela inteira sem trabalhar, fazendo escolha errada, ganha mais que uma pessoa trabalhadora, que sai todo dia cedo e só volta a noite para casa?...

PEDRO: só que aí, é diferente... o salário não é obrigatório, ele é o mínimo. Todo mundo aqui pode ganhar daquilo para cima...

JÚLIA: não conheço ninguém que trabalha por salário mínimo que ganhe mais que mil reais, não conheço...

Mediadora intervém, para que se volte ao tema juventude.

FLÁVIA: juventude é a fase da gente cometer erros, justificar... é como se diz, né? É o momento da gente decidir o que vamos querer: ser alguém, ou ser nada. É na juventude que,

para muitos, é prazer; para outros; é o perigo de estar exposto às drogas, ao álcool, à prostituição... meu pai fala muito, que, na juventude dele, com 12 anos, já fugia de casa; com 13 anos, fumava, roubava. E fala para nós que isso não é vida... não quer que a gente passe por isso. Minha mãe, com 15 anos, já era mãe solteira. Não é por isso que vou repetir esse caminho... é na juventude, que a gente escolhe o caminho a ser seguido: se a gente vai ser uma pessoa honesta, humilde, ou se a gente vai escolher ser uma pessoa que não é nada disso, que só pensa em coisa que vai prejudicar a sociedade. Vai ser uma pessoa desonesta, que rouba, que mente para conseguir o que quer. É na juventude, que a gente decide o caminho que quer trilhar... traçar o objetivo e não desviar dele. Conquistar o que quer, com o próprio suor...

JOÃO: juventude é o que você vai decidir da sua vida, o que você quer para o resto da sua vida: se vai fazer faculdade, ensino Médio. A juventude é uma fase que você aprende agora, para, viver depois. Tudo que você aprende depois de 20, 30 anos, vai lembrar: “Puxa, fiz isso quando era jovem e, agora, não posso mais!” Você aprende a viver intensamente...

PEDRO: Mesmo na juventude, você se arrepende de coisas que fez... por exemplo, raspar a cabeça... todo mundo faz e, depois, se arrepende. Outro exemplo, o skate, todo mundo tem, e você tem que ter também. Com o tempo, você está estagnado, quer ficar tranquilo, fazer faculdade...

DEIZE: agora, é época do cabelo vermelho... tudo é uma fase, tudo passa... depende da intensidade...

PEDRO: depende da intensidade...

JÚLIA: tudo passa e fica o arrependimento... (risos)

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e passa para outro tema.

### **9º tema: RELACIONAMENTOS**

FLÁVIA: a base de qualquer relacionamento é a confiança. Se você tem confiança dentro de casa, tem confiança na amizade, no namoro, no casamento... tem que confiar: na sua família, nos seus amigos, seu marido, sua esposa, sua noiva... . Até relacionamento entre patrão e empregado, tem que ter confiança. O patrão tem que confiar a direção da empresa na mão do seu empregado, para que a empresa cresça...

PEDRO: relacionamento... acho que vai da intensidade também (risos). É sério, pô, porque, se você namora uma menina e você é intenso com ela, você vai, cara. Se ela é intensa com você, você vai. Se os dois forem intensos. Agora, se não for... ah, tô namorando de bobeira... e acho que é muito confuso isso; sempre, você vai quebrar a cara, é inevitável... O relacionamento são dois segurando um elástico; se um soltar, o outro se ferra.

JOÃO: relacionamento não é fácil não. Eu tenho uma namorada, sei como é... é ciumenta...

RENATA: é uma outra pessoa totalmente diferente de você... tem que saber lidar... a hora certa de falar, a hora certa de discordar, de mostrar para ela onde ela tá errada... tem que ter paciência e respeito, é fundamental. A partir do momento em que você se respeita, você consegue respeitar a outra pessoa.

PEDRO: todo homem tem sua idiossincrasia... (gosto de usar esta palavra)... o que ele pensa, ele carrega consigo. Chega na menina e fala, quero que aconteça isso, isso e isso. E a menina não é assim, o cara tem que entender isso. Por isso, que dá treta. Quando eu namorei, (que só foi uma vez, graças a Deus) eu não era assim, mas, depois, eu pensei: “tem que ser assim.” Depois, você vai criando experiência, conforme você namora. Porque o namoro, o primeiro não é muito bom; o segundo é mais ou menos; e o terceiro você já sabe tudo o que vai acontecer. Não vai ser surpresa, você vai estar prevendo. Por exemplo, começa a discutir, você já fala “não, vou parar de discutir, porque isso vai dar briga. Você começa a ceder, porque já sabe o que vai acontecer no futuro... erros que você não comete mais, porque já sabe que vão dar problemas...

DEIZE: eu acho que relacionamento de adolescente nunca dura.

PEDRO: depende.

DEIZE: não dura.

PEDRO: se os dois tiverem a mesma direção e o mesmo ideal, se gostam, dá certo. É diferente namorar com 16, 17, 18 anos e com 13. Com 13, é passeio no shopping, andar de mão dada e beijo na boca. Com 16 para 17, a cobrança que vem de casa... tem uma outra pessoa que vai te auxiliar, e, se vocês entrarem num consenso e seguir o mesmo caminho, vai dar certo. Mas, é duro de achar... complicado...

JÚLIA: relacionamento de casal também não é fácil, se as famílias não apoiam...

FLÁVIA: tem coisa que não falo para meus pais e falo para uma amiga, porque sei que não vou ser cobrada.

PEDRO: vai de pai para pai e de mãe para mãe. Faz cinco anos que moro com meus tios, e minha mãe é minha amiga, cara. Desde que eu morava com ela (meu pai morreu faz onze anos), tudo o que eu fazia, eu contava para ela. Ela brigava comigo depois, mas, não na hora. Depois, é que ela falava “aquilo que você fez não está certo”... tem muitos filhos que mentem para os pais, porque não confiam... mas, se você não confiar nos seus pais, vai confiar em quem?

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e passa para outro tema.

### 10º tema: TRABALHO

PEDRO: o trabalho essencial na vida do cara... é gratificante. Você chega na loja e fala: eu quero aquele relógio, aquele tênis... custa o triplo do seu salário, mas, e daí? Eu trabalho, eu pago, é meu.

RENATA: tem pessoas que já têm 18, 19 anos e acha que a mãe tem que sustentar em tudo. Não, o trabalho é o seu suor. No seu trabalho, você passa a dar valor a cada centavo que sua mãe investiu em você; você vai reconhecer todo o esforço que ela fez, dia e noite, cansada, tendo que cuidar da casa e trabalhando; você vai dar valor e ver o quanto é difícil gastar o seu dinheiro, que nem é tanto...

PEDRO: eu trabalho, mas quero continuar sendo sustentado pela minha mãe... Ah, cara, eu preciso do dinheiro dela...

RENATA: mas é porque você gasta com supérfluos, não está sabendo administrar seu dinheiro.

JOÃO: Tem pessoas que reclamam, né? Mas é porque não trabalham... Quem trabalha não reclama.

FLÁVIA: pelo trabalho, você fica independente. Ah, hoje, eu quero comprar essa roupa, quero ir em tal show, não vou precisar pedir: “Pai, solta cem reais aí para mim?” Não, eu trabalhei, o dinheiro é meu. Eu comprei, isso é meu, comprei com meu dinheiro. Eu sei quanto custou. Primeira vez que trabalhei, primeiros 50 reais que ganhei, comprei um sapato e mostrei para minha mãe: “Olha mãe, comprei, é meu. Trabalhei e comprei.”

JÚLIA: Acho que quem convive com pouco dinheiro sabe guardar mais do que quem tem muito. Quem tem muito não consegue guardar e acaba gastando com coisas desnecessárias.

PEDRO: dinheiro traz independência, mas, independência total, só quando estiver morando sozinho.

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e passa para outro tema.

### 11º tema: MÍDIAS

RENATA: a mídia interfere, principalmente, para os padrões de beleza, que é o que mais interfere nas mulheres.

DEIZE: não tem aquela delegada do “Salve Jorge”? Todo mundo queria cortar o cabelo igual o dela, a capinha de celular dela...

PEDRO: eu já trabalhei com mídia, trabalhava com photoshop. A mídia interfere na massa... na população que não tem muita instrução... a questão da aparência é o mínimo para o controle da mídia. O alvo é que todo mundo pense igual, vejo aí a manipulação de comportamento...

JÚLIA: se todo mundo tá fazendo, você quer fazer também...

PEDRO: ela (mídia) te induz a ser mais um no meio da multidão. Até o fato da política usar a mídia... a mídia movimenta a massa... todo mundo aqui, vocês estão em casa, e tem um programa chato passando, em que canal vocês colocam só pra deixar a TV ligada?

JÚLIA: na Globo.

PEDRO: E o que a Globo faz? Manipula. Todo mundo é ligado na novela Malhação, Flor do Caribe, Amor a Vida, tudo da Globo. Ela deixa todo mundo no mesmo patamar... não há uma certa liberdade: “ah, não gostei disso, não vou assistir...”

RENATA: tem as redes sociais que começaram a divulgar modelos magras, impôs esse padrão, e o que acontece? Começaram a surgir casos de bulimia, anorexia. Nas redes sociais, você vê outras pessoas, entra numa competição e começa a mudar o comportamento, ficar pra baixo, porque não teve, sei lá, tantas curtidas...

JOÃO: as redes sociais mudaram o relacionamento das pessoas...

PEDRO: antes, vamos supor, conheci a Marina, mas não posso manter contato o dia inteiro, e o que eu faço: deixo uma mensagem: “vamos tomar tereré, sábado?” Isso mudou... fica o dia inteiro vidrado naquilo, e esquece de viver...

FLÁVIA: às vezes, manda mensagem: “Oi, oi” e está na mesma sala que a pessoa...

RENATA: esquece até mesmo de conversar com um colega...

PEDRO: estamos todos aqui, cada um com seu celular, falando com um e mandando mensagem para outro... Não tem mais o olho no olho, o sorriso... Os sistemas das redes vai mudando: Icq, MSN, Orkut, Twitter e Facebook. Minha tia tá cozinhando, e o Facebook ligado... porque vai curtir a foto de não sei quem... eu fico louco com isso... (risos). Por exemplo, eu não precisava de um celular desse aqui, podia ser um só pra ligar para minha mãe, pra minha tia, mas, aí, a mídia impôs, e você precisa de um celular pra pôr Facebook, Instangram, Wazap, Twetter.

JOÃO: Minha vó tem Facebook (risos).

PEDRO: meu notebook estragou, e eu não fiz questão de arrumar, porque não quero ficar alienado. Agora, ou assisto TV, ou fico no celular...

DEIZE: eu me perco no celular e no notebook; quando eu vejo, já foi a tarde toda...

JÚLIA: eu fiquei sem notebook, um dia desses, porque emprestei para minha prima, e cheguei em casa e pensei, nossa está demorando demais passar o tempo, hein?

PEDRO: no começo, quando fiquei sem notebook, pensei: vou arrumar logo; mas o tempo passou, eu não arrumei; aí, pensei, nossa, quanto tempo eu perdia... um dia desses, eu, sem nada pra fazer, pensei: vou ver passarinho, porque perto de casa, tem uma mata. Eu vi tucano,

vi arara, vi pardal, vi um de rabo amarelo... Eu pensei: “Cara, se eu não tivesse feito isso, estaria no facebook...”

RENATA: você percebe que mil coisas acontecem no mundo, e você está fora, por causa das redes sociais. Você fica estagnado.

JOÃO: mas, tem coisa, você só fica sabendo das coisas pelo facebook...

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e passa para outro tema.

### 12º tema: POLÍTICA

JOANA: Ah... a gente tem que falar de ladrão, mesmo? (risos)

PEDRO: Ô loco, acho que sou o único que defende política; política não é politicagem... porque a política em si garante o direito a todos.

RENATA: que foi conquistado depois de muita luta...

PEDRO: se não tivesse a política, não teria direitos... e eu também entendo a cultura do brasileiro, que é de sempre levar vantagens. Tipo assim: eu penso que eles estão errados, porque eu não estou levando vantagem. Se eu tivesse lá, eu faria a mesma coisa que eles fazem, porque você é “pressuposto” a fazer isso...

JÚLIA: porque, se você não faz, você é retirado...

PEDRO: porque, dinheiro na mão é vendaval, quanto mais você tem, mais você quer... e você vai fazer o que for para ter mais. Não tô querendo falar que todos estão certos, só que a cultura do nosso país é assim e não vai mudar. Não vai ser eu, não vai ser vocês, não vai ser o vereador, sei lá, que chega com disposição para mudar... chega lá dentro, tem 50 mil fazendo, e só ele contra... tá fora, você sai...

RENATA: eu acho... que nem ele falou, que não vai mudar... eu, sozinha, não; mas, se todos se ajuntarem e quiserem o mesmo algo em comum, sim, pode mudar. A pessoa que tá lá, sim, se corrompe. A maioria que manda, mas se você entrou... isso está estampado na cara de qualquer brasileiro: a corrupção. Se você entrou com disposição de mudar e vai entrar no jogo deles, como fica os seus princípios? Vai jogar fora por causa do dinheiro? E os seus valores? E a população que depende de você? Se você entrou ali, é por que te deram um poder para decidir...

JOÃO: Para mim, como ele estava falando, você pode até ser honesto, mas chega lá, aí, você vê dez que roubam e você não rouba. E você fala: tá errado isso. O que acontece: os caras mandam você sair. Aí, é o seu valor ético, o valor moral, você ter a questão de não roubar, não corromper...

PEDRO: só que eu já penso diferente... todo mundo tem essa coisa da ética e da moral... Alguém aqui já viveu a política de perto? Eu já tive meu tio, que foi candidato. Então, eu tava

todo dia ali, em constância, conversando com os caras, vendo as tramas... e eu vejo, assim, cara, que se você não quiser fazer... por exemplo: todo mundo vai roubar, só que se você não quiser, vai ser um furo no sistema, e o sistema é assim... nós somos diretamente ligados ao sistema... temos o sistema de ensino: a gente nasce, cresce, vai para a escola, se forma, casa, e tal... isso é o sistema... a gente vive numa rotina, e a rotina lá é essa. Se você quiser ser o forte da rotina, você vai ser marginalizado, é fora, “do outro lado da margem”... vai ser um furo no sistema, a roda precisa rodar...

JÚLIA: o candidato quando chega lá ou entra no esquema ou sai...

PEDRO: o Tiririca, por exemplo, entrou por entrar, é o deputado mais votado. É o mais atuante, não falta nenhuma sessão. Ele falou: não vou me reeleger...

JOÃO: ele é da Educação

PEDRO: ele decidiu sair, porque viu que tá errado e viu que não pode mudar. Porque é muito mais do que a gente sabe... A Marina Silva tentou duas eleições para presidente do Brasil e perdeu nas duas. Por quê? Porque ela vem com aquela ideinha, tal, e o povo acredita. Só que tem gente lá em cima que tira... Não adianta, vai ser assim. O nosso Estado é o maior exemplo disso. O Andre põe e tira quem ele quer, e o poder dá isso a ele. E todo mundo que tem o poder... e a figura dele... ele é um cara bom.

FLÁVIA: “bonzinho”...

JÚLIA: eu acho que a gente deveria escolher se quer votar ou não. Porque, nos EUA, você escolhe, o voto é facultativo. Os EUA é um país de primeiro mundo.

PEDRO: só que, aí, tá a diferença, quando foram colonizar os EUA. No Brasil, vieram pra cá e extraíram tudo nosso. A gente ficou sem nada. Nos EUA, eles foram onde iriam morar e construiram. Essa é a diferença: todo mundo vem, tira do Brasil e leva. Leva para lá. E lá tem corrupto, só que tem mais coisas boas que coisas ruins. Aqui, estoura mais coisas ruins. Lá tem coisa ruim também; mas, tem mais coisas boas que encobrem as coisas ruins. Se você estudar a política americana... é uma política corrupta. A família Bush, 12 anos no poder... o cara criou uma guerra e tinha uma empresa de armas. E ele, sendo o presidente, escolheu comprar da empresa dele... isso não é corrupção?

Mariana (convidada a falar e aceitou pela primeira vez): é complicado... tenho um amigo que fala: ou você se junta a eles, ou...

RENATA: mas... interferindo... e a gente? E o povo? Não pode fazer nada? Não foi a gente que colocou? O problema do brasileiro é acomodação. O povo é acomodado com tudo que tá acontecendo: “ah, eu não posso fazer nada...” porque o poder maior é do dinheiro. Sim, mas se a gente fica aqui, sentado, bonitinho, concordando com tudo, não vai mudar mesmo. Se a gente não tiver esperança... não vai mudar o sistema. O Brasil não vai crescer, nada vai crescer se a gente pensar só assim, não questionar nada, não ter uma ação, não vai mudar nada.

PEDRO: beleza... quer mudar, vamos lá. Tem gente que pode mudar, tem. Na época da ditadura, teve aquela galera, Jô Soares, Tom Jobim que lutaram e tiraram a ditadura. Se todos os estudantes do Brasil... a gente muda. O próximo que a gente colocar, a cultura brasileira... o cara tem o poder... ele... é igual o xadrez, você escolhe qual peça você mexe, porque você tem o poder... Se você dá o poder para alguém, você pode pensar assim. Se você tiver o poder, você vai pensar diferente. Na hora que você tiver lá... que você recebe aquela faixa de presidente da Republica ou de deputado, prefeito, você vai falar, não.

JOÃO: Aqui fora, você promete, promete e quando tá lá dentro é outra coisa...

PEDRO... é outra coisa, você vai ficar alienado só. Você tem voz, dependendo do que você vai falar, eles tampam sua voz.

JÚLIA: Você não conhece quem é quem, não sabe um terço do que rola...

PEDRO: Se você assistir à TV Senado, você vai saber um pouco... Você já assistiu TV Senado?

JOÃO: Não passa no canal aberto, mas deveria...

PEDRO: por isso, que tem escola ruim, faculdade ruim, professor ruim... para as pessoas continuarem alienadas...

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e passa para outro tema.

### 13º tema: VIOLÊNCIA

PEDRO: Aqui, na escola, não vejo muito não...

JOANA: mas, a violência não é só a que está fora... violência maior que eu vejo na escola é a violência verbal, piadinhas...

JÚLIA: dói mais que a violência física, porque ela não passa...

RENATA: tem aquelas pessoas que têm receio, têm um pouco de depressão e já não se aceita do jeito que é... aí, o colega começa com piadinha, com brincadeira e só vai afundar o estado emocional da pessoa; cada vez mais ela vai ficar para baixo... e isso é pior do que uma pessoa falar que vai te dar um tiro... é bem pior... porque a pessoa vai remoendo aos poucos, sofrendo aos poucos, até querer se matar, perder a vida. É por isso que tem o *bulliyng*... nas escolas, começa assim: brincadeirinha de mau gosto, vai tirando sarro de um e só o psicológico da pessoa que sabe... vai ficando atingido... e a única saída que ela vê é se matando, é tirando a vida. Ela acha que o problema está nela e não nas pessoas, na maneira que foram educadas.

PEDRO: eu, no primeiro ano, eu cometia muito *bulliyng*, cara, sério mesmo! Hoje, eu vejo que é uma coisa tão besta... fútil...

JÚLIA: desnecessária.

PEDRO: totalmente.

JÚLIA: Dá problema em quem faz, dá problema em quem sofre... Quem comete quer chamar atenção... para sentir por cima... eu sou gostosão...

RENATA: e, também, em quem já sofreu... isso já aconteceu comigo; então, eu também vou descontar em todo mundo...

MARIANA: eu tive um amigo que era gordinho... e ele zoava todo mundo, mas todo mundo, e quando as pessoas zoavam nele, ele ficava quieto, triste... só que ele zoava... se você não tinha nenhum defeito, ele tirava, e zoava...

PEDRO: o cara que zoa, por exemplo, eu zoo todo mundo... eu brinco com todo mundo... só que eu aceito brincadeira de todo mundo. Agora, se eu tô quieto, e o cara vem mexer comigo, aí, é diferente... e muita gente não interpreta isso... porque acha que todo mundo está de bom astral todo dia... tem que ter cuidado para brincar com as pessoas... por isso, que pode acontecer uma certa violência verbal... porque, tem dias, que você não tá a fim de brincadeira nenhuma; tem dias, que você tá a fim...

JOÃO: e tem gente que não entende isso...

FLÁVIA: eu, várias vezes, engoli em seco, para não xingar professor... ele quer colocar ordem na sala de aula e abusa, xinga e não aceita a gente responder na mesma altura...

JÚLIA: o professor de Matemática, eu não respeitaria, porque fez uma brincadeira de mau gosto comigo, e eu não gostei. E eu pedi para sair, e ele falou umas coisas para mim. E, aí... falei umas coisas para ele... e, no fim, fiquei como a errada, porque ele é o professor...

RENATA: ele deu uma liberdade para ela para fazer brincadeirinha, e ela com ele. Então, ele não tinha o direito de mandar ela para a secretaria...

FLÁVIA: o professor faz uma piadinha de mau gosto e, quando a gente ri, ele acha ruim e manda a gente pra fora... uma vez, eu falei pra ele: “eu não lhe dou essa liberdade para o senhor... eu sou mais nova, lhe devo respeito, tudo bem.” Agora, ele vem querer tirar piadinha comigo... tem dia, que você não tá legal...

JÚLIA: tem dia, que você não quer nem acordar...

FLÁVIA: liberdade é uma coisa que você tem que ter cuidado... ao mesmo tempo que você dá, você perde...

RENATA: nessa briga de professor e aluno, eu acho que ela (Júlia) fez errado. Deveria ter ficado quieta e, aí, ele não iria brincar mais...

FLÁVIA: não esse professor de Matemática.

PEDRO: alguns professores esquecem que a relação é de professor e aluno e confundem o vínculo com liberdade.

FLÁVIA: teve um aluno que desistiu por causa de um constrangimento que ele passou com esse professor. Pediu para ir ao banheiro, e o professor disse não. E, aí, esse aluno falou que ia mijar na sala. O professor falou: “então mijá aí, vai mostrar o pintinho?” e todo mundo na sala de aula riu dele.

PEDRO: ele devia processar esse professor...

RENATA: e você (JÚLIA) também, mas tem que ter testemunha, se não, não adianta nada... não pode desistir...

Turma fica em silêncio. Mediadora conclui que o assunto se esgotou e passa para outro tema.

### 14º tema: FUTURO

JÚLIA: quero me formar em Medicina... sei que vai ser difícil, mas vou tentar.

FLÁVIA: é aquilo que eu enfiei na cabeça, e ninguém me tira: quero entrar na Aeronáutica. É o meu sonho; por isso, tô estudando, é porque quero entrar lá. Tô batalhando. Não quero namorar agora, não quero casar, não quero ter filho, nada. Tô estudando para chegar lá. Meu objetivo, e minha determinação, é a Aeronáutica. Porque eu vejo meu futuro pela vida que meus pais passam... muita dificuldade; agora, que está melhor um pouco... É o meu foco. A partir do momento que eu tiver lá dentro; aí, nunca mais... a não ser que eu cometa um erro muito grave. Entrar lá é uma coisa que dá muito orgulho... meu futuro é a Aeronáutica.

MARIANA: dependendo da pessoa, tem dificuldade de separar o namoro do estudo... quero fazer ou Psicologia ou Pedagogia... tô procurando estudar... saber um pouco de tudo... eu tenho que ter estrutura para se alguém me perguntar alguma coisa, eu saber responder... e... ah, sei lá, é isso aí...

JOÃO: eu quero fazer Engenharia Elétrica ou Mecânica. Gosto muito e acho que levo jeito...

PEDRO: eu quero Engenharia Civil. Só que, se não der certo, eu quero trabalhar para o dia que tiver uns 50 anos, comprar uma fazendinha, com um riozinho no fundo... viver ali. No meu mundinho... pescando... se não me formar, tudo bem... quero viver o resto dos meus dias nessa casinha, com o riozinho no fundo, pescando... só isso...

JÚLIA: tô fazendo um curso à noite, de Eletrônica. Se não der certo a faculdade, tenho esse curso... o sonho da minha vida é que, com 30 anos, não precisar mais trabalhar, e só viajar...

DEIZE: bom meu objetivo é UFMS em Direito. Sei que vai ser difícil... tô lendo muito... meu objetivo é esse.

RENATA: eu pretendo fazer um planejamento para, daqui a cinco anos. Planejar e não desistir. Pretendo me formar ou em Psicologia ou em Medicina Veterinária. Então, eu sei que adversidade vem, nem tudo acontece como a gente quer. Mas, o segredo é não desistir e fazer o possível para conseguir o que quer.

MEDIADORA: Bem, quero agradecer muito a participação de vocês. Estou com planos de voltar a essa escola, ainda esse ano, para outras atividades. Mas, desde já, quero dizer que foi muito bom estar com vocês, o que disseram foi muito esclarecedor e vai ajudar muito no meu trabalho. Obrigada.

## APÊNDICE F - PERFIL DOS SUJEITOS PESQUISADOS

### PERFIL FAMILIAR E SOCIOECONÔMICO DOS SUJEITOS

TEMAS <sup>26</sup> SUJEITOS <sup>27</sup>	DEIZE	FLÁVIA	JOANA	JOÃO	JÚLIA	PEDRO	RENATA
IDADE NA PESQUISA	15	15	17	17	17	19	16
CONSTITUIÇÃO FAMILIAR	Mora com a mãe e uma irmã mais nova.	Mora com a mãe, o pai e mais dois irmãos, um mais novo, e outro mais velho.	Mora com o pai, a mãe, dois irmãos mais novos e a avó materna.	Mora com a mãe e duas irmãs, uma mais nova, e outra mais velha.	Mora com os avós paternos e uma tia.	Mora com a avó materna e um tio.	Mora com a mãe, o padrasto e dois irmãos mais novos.
ESCOLARIDADE	1º ano EM	2º ano EM	3º ano EM	2º ano EM	2º ano EM	3º ano EM	2º ano EM
ESCOLARIDADE FAMILIAR	Mãe: EF (EJA). Irmã EF.	Mãe EF. Padrasto EF (?). Irmão mais novo: EF. Irmão mais velho: EM.	Pai e mãe: EF. Irmãos: EF. Avó: alfabetizada?	Mãe: EF. Irmã mais nova: EF. Irmã mais velha: EF (EJA)	Avó: EF. Avô: EF (EJA). Tia: EF	Avó: ES Tio EM	Pai: EF. Mãe: EF. Irmãos: EF.
SITUAÇÃO SOCIO-ECONÔMICA FAMILIAR E TRABALHO	Renda familiar: média de 2 salários mínimos. Somente a mãe trabalha, como diarista registrada. Às vezes, faz bicos nas horas vagas. A aluna quer trabalhar para ajudar nas despesas, mas a mãe quer que se dedique aos estudos.	Renda familiar: média de 3 salários mínimos. O padrasto é jardineiro e piscineiro, com clientes fixos. A mãe é manicure, também, com clientes fixas. O irmão mais velho está desempregado e, às vezes, ajuda o padrasto.	Renda familiar: média de 2 salários mínimos e meio. (?) O pai é ajudante de pedreiro, a mãe faz bicos como diarista, e a avó recebe aposentadoria do INSS.	Renda familiar: média de 3 salários mínimos: a mãe e a irmã mais velha trabalham como operadoras de caixa de supermercado (não na mesma empresa).	Renda familiar: média de 2 e meio salário mínimo (?) A tia trabalha como auxiliar de limpeza terceirizada, e o avô é servidor público. Eventualmente a mãe envia dinheiro para custear despesas.	Renda familiar: média de 3 salários mínimos e meio. A avó é professora aposentada, e o tio é servidor público no poder Judiciário. O aluno exerce atividade e mensalmente a mãe envia dinheiro para custear despesas.	Renda familiar: média de 2 salários mínimos. (?) O padrasto é açougueiro, e a mãe faz bicos como manicure e diarista.

Siglas: EM (ensino Médio). EF: (ensino Fundamental). EJA (ensino Jovens e Adultos). ES (ensino Superior).

<sup>26</sup> Foi assinalado ponto de interrogação quando não há certeza da informação.

<sup>27</sup> Os nomes dos sujeitos são fictícios, escolhidos, aleatoriamente, pela pesquisadora.

## APÊNDICE G - RELAÇÃO SUJEITO PESQUISADO/DISCURSO

### 1º) DEIZE

1. <i>Educação</i> . Permaneceu em silêncio.
2. <i>Escola</i> . Progressão nos estudos para compensar a deficiência escolar dos pais, como forma de ascensão econômica para obter bens materiais.
3. <i>Aprendizagem</i> . Valorização do erro como forma de aprendizagem.
4. <i>Ensino</i> . Inversão da função do ensino escolar.
5. <i>Aluno</i> . Permaneceu em silêncio.
6. <i>Professor</i> . Ineficiência dos professores de Português e Matemática; vergonha e prejuízo; conteúdo melhor ensinado por um colega que pelo professor da disciplina.
7. <i>Projeto Jovem de Futuro (PJF)</i> . Desconhecimento do projeto.
8. <i>Juventude</i> . Momento de decisão em relação ao futuro; fase relacionada à intensidade.
9. <i>Relacionamentos</i> . Namoro como relacionamento afetivo efêmero, quando adolescente.
10. <i>Trabalho</i> . Permaneceu em silêncio.
11. <i>Mídia</i> . Influência de personagem de novela na aparência pessoal; imersão nas redes sociais.
12. <i>Política</i> . Permaneceu em silêncio.
13. <i>Violência</i> : permaneceu em silêncio.
14. <i>Futuro</i> . Expectativa de cursar Direito na UFMS.

### 2º) FLÁVIA

1. <i>Educação</i> . Descaso do poder público com o ensino da escola pública; valorização do evento Copa do Mundo em detrimento da educação.
2. <i>Escola</i> . Lugar de convivência, de compartilhar experiências, trocas com o outro; desvalorização da escola pelos pais, que só vem no final do ano, não participam ao longo do ano letivo; cita exemplo de convivência e respeito à pessoa de mais idade como algo a ser aprendido em casa e não na escola.
3. <i>Aprendizagem</i> . Cita etapas sucessivas de aprendizagem no desenvolvimento humano.
4. <i>Ensino</i> . Contradição entre o que se diz e o que se faz percebido na fala dos pais (cita exemplo do pai que fala não ser correto gritar e depois grita).
5. <i>Aluno</i> : Frequência do aluno à escola apontada como período de descanso para os pais e, por outro lado há o aluno que vem à escola para se ver livre da autoridade dos pais.
6. <i>Professor</i> . Comunicação deficiente do professor de matemática prejudica o entendimento da disciplina; valorização do auxílio prestado por um colega para entender a disciplina; professor de matemática não leva em consideração se o aluno aprendeu realmente ou não, ao contrário da professora de português que ensina de forma diferente, o que facilita a aprendizagem; trocas entre os colegas auxiliam a aprendizagem.
7. <i>Projeto Jovem de Futuro (PJF)</i> . Aguarda o início das atividades do projeto; está disposta a colaborar em física e química.
8. <i>Juventude</i> . Momento de cometer erros; prazer no perigo de estar exposto às drogas, álcool decisão em relação ao futuro; comparação e consequente rejeição à juventude conturbada dos pais, principalmente a gravidez precoce da mãe. Momento de decisão quanto ao futuro.
9. <i>Relacionamentos</i> . Confiança como base de qualquer relacionamento: familiar, namoro, entre chefe e subordinado.

10. <i>Trabalho</i> . Como atividade remunerada proporciona independência financeira.
11. <i>Mídia</i> . Os artefatos tecnológicos portáteis como celulares e <i>tablets</i> dificultam a comunicação real entre os pares, pela imersão nas redes sociais virtuais.
12. <i>Política</i> . Verbalizou um adjetivo irônico em referência a uma figura da política partidária local: “bonzinho...”.
13. <i>Violência</i> . Manifestou ter sofrido humilhação em público por parte de um professor. Relatou que aconteceu o mesmo com um colega. Ambivalência do conceito de liberdade: “ao mesmo tempo que você dá, você perde”.
14. <i>Futuro</i> . Expectativa de ingressar na Aeronáutica, como forma de alcançar, principalmente, estabilidade financeira e, de certa forma, concretizar um futuro diferente daquele que seus pais viveram.

## 3º) JOANA

1. <i>Educação</i> . Permaneceu em silêncio.
2. <i>Escola</i> . Os pais devem obrigar os filhos a frequentar à escola e cobrar aprendizagem. A família está transferindo suas funções para a escola.
3. <i>Aprendizagem</i> . Permaneceu em silêncio.
4. <i>Ensino</i> . Citou a questão de que a família está transferindo suas funções para a escola: “[...] uns recebem essa educação em casa , outros não [...] acho que é uma coisa que acontece na maioria das escolas....”
5. <i>Aluno</i> . Citou a descaracterização desse ator escolar: “[...] poucos podem ser chamados de alunos [...]”
6. <i>Professor</i> . Banalização do fazer docente: “[...] professor poderia ser qualquer profissão...”. Descaso do professor em confirmar se o aluno realmente assimilou o conteúdo, pela recusa em repeti-lo.
7. <i>Projeto Jovem de Futuro (PJF)</i> . Permaneceu em silêncio.
8. <i>Juventude</i> . Permaneceu em silêncio.
9. <i>Relacionamentos</i> . Permaneceu em silêncio.
10. <i>Trabalho</i> . Permaneceu em silêncio.
11. <i>Mídia</i> . Permaneceu em silêncio.
12. <i>Política</i> . Verbalizou uma expressão ironizando a classe política partidária: “[...] tem que falar de ladrão mesmo?”
13. <i>Violência</i> . Relatou violência verbal na escola como as piadas e apelido preconceituoso direcionado a um colega obeso.
14. <i>Futuro</i> . Permaneceu em silêncio.

## 4º) JOÃO

1. <i>Educação</i> . Valorização do ensino privado em relação ao ensino público. Citou a estrutura material como diferencial a favor da escola particular.
2. <i>Escola</i> . Lugar de aprendizagem formal. Sem espaço para a ludicidade: “[...] vim para levar a sério.”
3. <i>Aprendizagem</i> . Preparação para a vida futura.
4. <i>Ensino</i> . A formalidade do ensino prejudicada pela transferência de funções que os pais delegam à escola.
5. <i>Aluno</i> . Permaneceu em silêncio.
6. <i>Professor</i> . O conhecimento é construído: “[...] não nasci sabendo.” O professor deve retomar o conteúdo até que o aluno aprenda.

7. <i>Projeto Jovem de Futuro (PJJF)</i> . Mencionou desconhecimento do PJJF
8. <i>Juventude</i> . Momento de decisão em relação ao futuro. Viver intensamente.
9. <i>Relacionamentos</i> . Cuidado no relacionamento com a namorada em relação a ciúmes.
10. <i>Trabalho</i> . Valorização de bens materiais quando adquiridos pela própria atividade remunerada e não dado pelos pais ou responsáveis.
11. <i>Mídia</i> . Mudança de comportamento dos jovens pelas redes sociais. Citou que até sua avó possui conta no <i>Facebook</i> . Atualização de informações pelo <i>Facebook</i> .
12. <i>Política</i> . O representante político partidário inexperiente, que chega com boas intenções fica à mercê do grupo já instalado no poder, comprovadamente corrupto. As transmissões da <i>TV Senado</i> deveriam ser em canal aberto.
13. <i>Violência</i> . Respeito ao outro pela moderação em brincadeiras.
14. <i>Futuro</i> . Pretende cursar engenharia mecânica ou elétrica.

## 5º) JÚLIA

1. <i>Educação</i> . Esforço individual para superar a deficiência da escola pública. A precária estrutura material da escola não constitui empecilho
2. <i>Escola</i> . Lugar onde o aluno passa grande parte do tempo. Nem sempre é local de aprendizagem formal.
3. <i>Aprendizagem</i> . Preparação hoje para a vida futura.
4. <i>Ensino</i> . A formalidade do ensino prejudicada pela transferência de funções que os pais delegam à escola.
5. <i>Aluno</i> . Deve cobrar conteúdo quando não entende-lo.
6. <i>Professor</i> . Comentários depreciativos em relação a determinado professor da escola pela recusa do mesmo a retomar o conteúdo até que o aluno aprenda. É fácil ser professor, qualquer um pode ser.
7. <i>Projeto Jovem de Futuro (PJJF)</i> . Expectativa quanto ao início das atividades do projeto.
8. <i>Juventude</i> . Neste tópico criticou a remuneração maior da <i>Bolsa Crack</i> em relação ao <i>Bolsa Família</i> , alegando que uma pessoa trabalhadora ganharia menos que outra pessoa que teria feito escolhas erradas. Relacionado ao tópico citou arrependimento relacionado à intensidade.
9. <i>Relacionamentos</i> . Importância do apoio familiar ao relacionamento de casal.
10. <i>Trabalho</i> . Valorização de bens materiais quando adquiridos pela própria atividade remunerada e não dados pelos pais ou responsáveis.
11. <i>Mídia</i> . Imitação de comportamentos por influência da mídia. Os artefatos tecnológicos portáteis como telefones celulares, <i>tablets</i> e <i>notebooks</i> , dificultam a comunicação real entre os pares, pela imersão nas redes sociais virtuais. Percepção temporal alterada na falta do equipamento tecnológico: “[...] tempo demora a passar.”
12. <i>Política</i> . O representante político partidário inexperiente, com boas intenções, sofre cooptação e fica à mercê do grupo já instalado no poder, comprovadamente corrupto. Se não “entrar no esquema” não permanece. Os “bastidores do poder” ficam ocultos da população.
13. <i>Violência</i> . Manifestou ter sofrido humilhação em público por parte de um professor. Embora tenha revidado ficou com a sensação de impunidade, por confrontar um docente. Sentimento de desânimo: “[...] tem dia que você não quer nem acordar.”
14. <i>Futuro</i> . Está frequentando um curso técnico de Eletrônica caso não consiga entrar na faculdade. O sonho é que, com 30 anos, não precisa mais trabalhar e só possa viajar.

## 6º) PEDRO

1. <i>Educação</i> . Esforço individual para superar a deficiência da escola pública. A estrutura material da escola não é excessivamente precária.
2. <i>Escola</i> . Local onde se dá a mediação do conhecimento. Utilização ideológica da escola para manter a alienação. Preparação para a vida futura.
3. <i>Aprendizagem</i> . Preparação hoje para a vida futura.
4. <i>Ensino</i> . Função essencial da escola. Ensino prejudicado pela transferência de funções que os pais delegam à escola.
5. <i>Aluno</i> . Ator essencial que compõe a escola. Está em constante aprendizagem, nem sempre na escola.
6. <i>Professor</i> . Ator essencial que compõe a escola. Deve ser um facilitador para a aprendizagem do aluno e estar sempre disponível a ensinar. Nem sempre desempenha sua função com competência. Precisa ter paciência. Relatou satisfação ao constatar que um colega aprendeu um conteúdo ensinado por ele (Pedro) e que o professor deve sentir o mesmo.
7. <i>Projeto Jovem de Futuro (PJF)</i> . Manifestou desconhecimento sobre as atividades do projeto.
8. <i>Juventude</i> . Época de aprendizagens intensas, boas ou ruins. Experiências vividas no grupo de amigos, por imitação. Com o passar do tempo vem o amadurecimento, até durante a própria juventude
9. <i>Relacionamentos</i> . Importância do companheirismo e sinceridade no relacionamento de casal. A experiência trazida de relacionamentos anteriores colabora para preservar a relação atual.
10. <i>Trabalho</i> . Valorização de bens materiais quando adquiridos pela própria atividade remunerada e não dados pelos pais ou responsáveis. Ao mesmo tempo relata não abrir mão da mesada dada pela sua mãe.
11. <i>Mídia</i> . Utilização ideológica da mídia pelo poder político para manter a alienação da maior parte da população. Citou as grandes empresas televisivas que ditam comportamentos. Os artefatos tecnológicos portáteis como telefones celulares, <i>tablets</i> e <i>notebooks</i> , dificultam a comunicação real entre os pares, pela imersão nas redes sociais virtuais. Percepção temporal alterada na falta do equipamento tecnológico: “[...] consegui ver muita coisa que não via porque ficava no <i>facebook</i> ... a passar.”
12. <i>Política</i> . O representante político partidário inexperiente, com boas intenções, sofre cooptação e fica à mercê do grupo já instalado no poder, comprovadamente corrupto. Se não “entrar no esquema” não permanece. Os “bastidores do poder” ficam ocultos da população. É quase inevitável a corrupção dos grupos políticos para conseguir a manutenção no poder. Associou a precariedade da educação como forma de manter a população alienada.
13. <i>Violência</i> . Foi o único aluno que manifestou ter cometido violência na escola ( <i>bullying</i> ). Citou violência simbólica por parte do professor, favorecido por sua condição hierárquica.
14. <i>Futuro</i> . Tem intenção de cursar engenharia civil mas o que pretende mesmo é adquirir numa pequena fazenda e ali viver tranquilamente sua velhice.

## 7º) RENATA

1. <i>Educação</i> . Esforço individual para superar a deficiência e a precariedade da escola pública.
2. <i>Escola</i> . A frequência à escola é essencial para ter acesso até mesmo a atividades pouco cobiçadas como trabalhar na limpeza pública, por exemplo. Citou como essencial a associação entre os pais e a escola para a efetiva aprendizagem dos filhos.
3. <i>Aprendizagem</i> . Permaneceu em silêncio.
4. <i>Ensino</i> . Prejuízo ao ensino devido à transferência de funções que os pais delegam à escola.
5. <i>Aluno</i> . Está em constante aprendizagem, nem sempre na escola.
6. <i>Professor</i> . Deve ser um facilitador para a aprendizagem do aluno e estar sempre disponível a ensinar. Nem sempre desempenha sua função com competência. Precisa ter paciência e atenção ao aluno com dificuldade na aprendizagem. Precisa despertar no aluno o prazer de aprender, buscar o conhecimento.
7. <i>Projeto Jovem de Futuro (PJJF)</i> . Permaneceu em silêncio.
8. <i>Juventude</i> . Fase de conflitos íntimos. Incertezas. Época de aprendizagens intensas, boas ou ruins. Experiências vividas no grupo de amigos, por imitação.
9. <i>Relacionamentos</i> . Respeito à diferença do outro para evitar conflitos no relacionamento. O respeito ao outro passa pelo respeito a si próprio.
10. <i>Trabalho</i> . A experiência de ter a própria atividade remunerada oportunizou a valorização do trabalho dos pais (especificamente a mãe) para proporcionar bem estar aos filhos.
11. <i>Mídia</i> . Interferência da mídia no estabelecimento de padrão de beleza corporal. Citou como o poder das redes sociais pode disseminar casos patológicos como bulimia e anorexia. Ao mesmo tempo se não estiver nas redes sociais fica isolado em relação ao grupo de amigos.
12. <i>Política</i> . O representante político partidário inexperiente, com boas intenções, sofre cooptação e fica à mercê do grupo já instalado no poder, comprovadamente corrupto. Contudo deve lutar contra esta situação para iniciar mudanças pois está investido deste poder e é o que a população espera dele e está disposta a colaborar nesta ação.
13. <i>Violência</i> . Discorreu sobre a forma que ações de violência como o <i>bullying</i> pode agravar o quadro emocional de uma pessoa depressiva e levá-la ao suicídio. A pessoa vítima de violência inclusive pode assumir uma culpa inexistente nesse processo.
14. <i>Futuro</i> . Planeja o futuro para daqui a cinco anos. Pretende cursar ou Psicologia ou Medicina Veterinária. Sabe que enfrentará adversidades nesse processo mas não pretende desistir de seus sonhos.

## APÊNDICE H - QUADRO DE CATEGORIAS

### 1º) Tema: Educação

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Silêncio	-	- Descaso do poder público com a escola pública.	Deficiência da escola pública
FLÁVIA	Descaso do poder público com o ensino da escola pública; valorização do evento Copa do Mundo em detrimento da educação	Descaso do poder público com a escola pública	- O ensino privado é melhor que o ensino público	
JOANA	Silêncio	-		
JOÃO	Valorização do ensino privado em relação ao ensino público. Citou a estrutura material como diferencial a favor da escola particular.	O ensino privado é melhor que o ensino público devido à superioridade em estrutura material	- Pelo esforço individual é possível compensar a deficiência da escola pública	
JULIA	Esforço individual para superar a deficiência da escola pública. A precária estrutura material da escola não constitui empecilho	É preciso esforço individual para vencer a deficiência da escola pública.		
PEDRO	Esforço individual para superar a deficiência da escola pública. A estrutura material da escola não é excessivamente precária	É preciso esforço individual para vencer a deficiência da escola pública.		
RENATA	Esforço individual para superar a deficiência e a precariedade da escola pública.	É preciso esforço individual para vencer a deficiência da escola pública.		

### 2º) Tema: Escola

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Progressão nos estudos para compensar a deficiência escolar dos pais, como forma de ascensão econômica para obter bens materiais.	Caminho para conquistar futura ascensão econômica.	Caminho para conquistar futura ascensão econômica.	Mediação do conhecimento.
FLÁVIA	Lugar de convivência, de compartilhar experiências, trocas com o outro; desvalorização da escola pelos pais, que só vem no final do ano, não participam ao longo do ano letivo; cita exemplo de convivência e respeito à pessoa de mais idade como algo a ser aprendido em casa e não na escola.	Local de convivência e relacionamento com os pares.	Local de convivência e relacionamento com os pares.  Local de mediação do conhecimento.  Utilização ideológica	

JOANA	Os pais devem obrigar os filhos a frequentar à escola e cobrar aprendizagem. A família está transferindo suas funções para a escola.	Transferência das funções familiares à escola	pelo poder estatal.	
JOÃO	Lugar de aprendizagem formal. Sem espaço para a ludicidade: “[...] vim para levar a sério.”	Local de mediação do conhecimento.	Transferência das funções familiares à escola.	
JULIA	Lugar onde o aluno passa grande parte do tempo. Nem sempre é local de aprendizagem formal.	Local de convivência e relacionamento com os pares.		
PEDRO	Local onde se dá a mediação do conhecimento. Utilização ideológica da escola para manter a alienação. Preparação para a vida futura.	Local de mediação do conhecimento.  Utilização ideológica pelo poder estatal.		
RENATA	A frequência à escola é essencial para ter acesso até mesmo a atividades pouco cobiçadas como trabalhar na limpeza pública, por exemplo. Citou como essencial a associação entre os pais e a escola para a efetiva aprendizagem dos filhos.	Caminho para conquistar futura ascensão econômica.  Transferência das funções familiares à escola.		

## 3º Tema: Aprendizagem

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Valorização do erro como forma de aprendizagem.	Erro como forma de aprendizagem.	Erro é aprendizagem.	Aprendizagem para o futuro
FLÁVIA	Etapas sucessivas de aprendizagem no desenvolvimento humano.	O desenvolvimento humano pela aprendizagem em etapas.	A constituição humana se dá pela aprendizagem.	
JOANA	Silêncio	Aprendizagem como preparação para a vida futura.	Aprendizagem para o futuro.	
JOÃO	Preparação para a vida futura.			
JULIA	Preparação hoje para a vida futura.			
PEDRO	Preparação hoje para a vida futura.			
RENATA	Silêncio			

## 4º Tema: Ensino

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Inversão da função do ensino escolar.	Transferência das funções familiares à escola.	Transferência das funções familiares à escola.	Transferência de funções
FLÁVIA	Contradição entre o que se diz e o que se faz percebido na fala dos pais (cita exemplo do pai	Contradição entre o falar e o fazer.		

	que fala não ser correto gritar e depois grita).		Contradição entre o falar e o fazer.
JOANA	Citou a questão de que a família está transferindo suas funções para a escola: “[...] uns recebem essa educação em casa , outros não [...] acho que é uma coisa que acontece na maioria das escolas....	Transferência das funções familiares à escola.	
JOÃO	A formalidade do ensino prejudicada pela transferência de funções que os pais delegam à escola.	Transferência das funções familiares à escola.	
JULIA	A formalidade do ensino prejudicada pela transferência de funções que os pais delegam à escola.	Transferência das funções familiares à escola.	
PEDRO	Função essencial da escola. Ensino prejudicado pela transferência de funções que os pais delegam à escola.	Transferência das funções familiares à escola.	
RENATA	Prejuízo ao ensino devido à transferência de funções que os pais delegam à escola.	Transferência das funções familiares à escola.	

## 5º) Tema: Aluno

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Silêncio		Descaracterização do significado de ser aluno.  Indivíduo aprendiz.	Indivíduo aprendiz
FLÁVIA	Frequência do aluno à escola apontada como período de descanso para os pais e, por outro lado há o aluno que vem à escola para se ver livre da autoridade dos pais	Descaracterização do significado de ser aluno.		
JOANA	Citou a descaracterização desse ator escolar: “[...] poucos podem ser chamados de alunos.”	Descaracterização do significado de ser aluno.		
JOÃO	Silêncio.			
JULIA	Deve cobrar conteúdo quando não entendê-lo.	Indivíduo aprendiz		
PEDRO	Ator essencial que compõe a escola. Está em constante aprendizagem, nem sempre formal.	Indivíduo aprendiz		
RENATA	Está em constante aprendizagem, nem sempre na escola.	Indivíduo aprendiz		

## 6º) Tema: Professor

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Ineficiência dos professores de Português e Matemática; vergonha e prejuízo; conteúdo melhor ensinado por um colega que pelo professor da disciplina.	Professor falha em sua função de ensinar	Professor falha em sua função de ensinar	Falha do professor.
FLÁVIA	Comunicação deficiente do professor de matemática prejudica o entendimento da disciplina; valorização do auxílio prestado por um colega para entender a disciplina; professor de matemática não leva em consideração se o aluno aprendeu realmente ou não, ao contrário da professora de português que ensina de forma diferente, o que facilita a aprendizagem; trocas entre os colegas auxiliam a aprendizagem.	Professor falha em sua função de ensinar		
JOANA	Banalização do fazer docente: “[...] professor poderia ser qualquer profissão...”. Descaso do professor em confirmar se o aluno realmente assimilou o conteúdo, pela recusa em repeti-lo.	Professor falha em sua função de ensinar		
JOÃO	O conhecimento é construído: “[...] não nasci sabendo.” O professor deve retomar o conteúdo até que o aluno aprenda.	Professor falha em sua função de ensinar		
JULIA	Comentários depreciativos em relação a determinado professor da escola pela recusa do mesmo a retomar o conteúdo até que o aluno aprenda. É fácil ser professor, qualquer um pode ser.	Professor falha em sua função de ensinar		
PEDRO	Ator essencial que compõe a escola. Deve ser um facilitador para a aprendizagem do aluno e estar sempre disponível a ensinar. Nem sempre desempenha sua função com competência. Precisa ter paciência. Relatou satisfação ao constatar que um colega aprendeu um conteúdo ensinado por ele (Pedro) e que o professor deve sentir o mesmo	Professor falha em sua função de ensinar		
RENATA	Deve ser um facilitador para a aprendizagem do aluno e estar sempre disponível a ensinar. Nem sempre desempenha sua função com competência. Precisa ter paciência e atenção ao aluno com dificuldade na aprendizagem. Precisa despertar no aluno o prazer de aprender, buscar o conhecimento.	Professor falha em sua função de ensinar		

## 7º) Tema: Projeto Jovem de Futuro - PJF

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Desconhecimento do projeto	Desconhecimento do projeto	Desconhecimento do projeto.  Aguarda o início das atividades do projeto	Desconhecimento
FLÁVIA	Aguarda o início das atividades do projeto; está disposta a colaborar em física e química.	Expectativa pelo início das atividades do projeto		
JOANA	Silêncio			
JOÃO	Desconhecimento do projeto	Desconhecimento do projeto		
JULIA	Expectativa quanto ao início das atividades do projeto.	Expectativa pelo início das atividades do projeto		
PEDRO	Manifestou desconhecimento sobre as atividades do projeto.	Desconhecimento do projeto		
RENATA	Silêncio.			

## 8º) Tema: Juventude

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Momento de decisão em relação ao futuro; fase relacionada à intensidade no viver.	Decisão em relação ao futuro.  Intensidade no viver.	Decisão em relação ao futuro.  Intensidade no viver  Permissão para cometer erros	Momento de decisão
FLÁVIA	Momento de cometer erros; prazer no perigo de estar exposto às drogas, álcool; decisão em relação ao futuro; comparação e consequente rejeição à juventude conturbada dos pais, principalmente a gravidez precoce da mãe. Momento de decisão quanto ao futuro.	Permissão para cometer erros.  Prazer em correr riscos.  Decisão em relação ao futuro.		
JOANA	Silêncio			
JOÃO	Momento de decisão em relação ao futuro. Viver intensamente.	Decisão em relação ao futuro.  Intensidade no viver.		
JULIA	Inicialmente criticou a remuneração superior da <i>Bolsa Crack</i> em relação ao <i>Bolsa Família</i> , alegando ser injusto o fato de uma pessoa trabalhadora ganhar menos que outra pessoa, que teria feito escolhas erradas. Relacionado ao tópico mencionou possíveis arrependimentos relacionado à intensidade vivida na juventude.	Possível arrependimento relacionado à intensidade no viver.  Comparação depreciativa a programas sociais.		

PEDRO	Época de aprendizagens intensas, boas ou ruins. Experiências vividas no grupo de amigos, por imitação. Com o passar do tempo vem o amadurecimento, até durante a própria juventude	Intensidade no viver.		
RENATA	Fase de conflitos íntimos. Incertezas. Época de aprendizagens intensas, boas ou ruins. Experiências vividas no grupo de amigos, por imitação.			

## 9º) Tema: Relacionamentos

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Namoro como relacionamento afetivo efêmero, quando adolescente.	Efemeridade	Efemeridade	Cuidado no relacionamento.
FLÁVIA	Confiança como base de qualquer relacionamento: familiar, namoro, entre chefe e subordinado	Confiança	Confiança	
JOANA	Silêncio		Cuidado	
JOÃO	Cuidado no relacionamento com a namorada em relação a ciúmes	Cuidado no relacionamento.	Apoio	
JULIA	Importância do apoio familiar ao relacionamento de casal.	Apoio familiar	Companheirismo	
PEDRO	Importância do companheirismo e sinceridade no relacionamento de casal. A experiência trazida de relacionamentos anteriores colabora para preservar a relação atual.	Companheirismo Experiência anterior é benéfica.	Respeito	
RENATA	Respeito à diferença do outro para evitar conflitos no relacionamento. O respeito ao outro passa pelo respeito a si próprio.	Respeito à diferença.		

## 10º) Tema: Trabalho

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Silêncio		Independência financeira	Independência financeira.
FLÁVIA	Como atividade remunerada proporciona independência financeira.	proporciona independência financeira	Valorização dos pais	
JOANA	Silêncio			
JOÃO	Valorização de bens materiais quando adquiridos pela própria atividade remunerada e não dado pelos pais ou responsáveis.	proporciona independência financeira		

JULIA	Valorização de bens materiais quando adquiridos pela própria atividade remunerada e não dados pelos pais ou responsáveis.	proporciona independência financeira		
PEDRO	Valorização de bens materiais quando adquiridos pela própria atividade remunerada e não dados pelos pais ou responsáveis. Ao mesmo tempo relata não abrir mão da mesada dada pela sua mãe.	proporciona independência financeira		
RENATA	A experiência de ter a própria atividade remunerada oportunizou a valorização do trabalho dos pais (especificamente a mãe) para proporcionar bem estar aos filhos.	Valorização do trabalho dos pais		

## 11º Tema: Mídia

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Influência de personagem de novela na aparência pessoal; imersão nas redes sociais.	Influência na alteração do comportamento e imagem corporal.	Influência na alteração do comportamento e imagem corporal.	Influência no comportamento.
FLÁVIA	Os artefatos tecnológicos portáteis como celulares, <i>tablets</i> , <i>notebooks</i> dificultam a comunicação real entre os pares, pela imersão nas redes sociais virtuais.	Artefatos tecnológicos dificultam a comunicação real.	Artefatos tecnológicos dificultam a comunicação real.	
JOANA	Silêncio			
JOÃO	Mudança de comportamento dos jovens pelas redes sociais. Citou que até sua avó possui conta no <i>Facebook</i> . Atualização de informações pelo <i>Facebook</i> .	Influência na alteração do comportamento e imagem corporal		
JULIA	Imitação de comportamentos por influência da mídia. Os artefatos tecnológicos portáteis como telefones celulares, <i>tablets</i> e <i>notebooks</i> , dificultam a comunicação real entre os pares, pela imersão nas redes sociais virtuais. Percepção temporal alterada na falta do equipamento tecnológico: “[...] tempo demora a passar.”	Influência na alteração do comportamento e imagem corporal  Artefatos tecnológicos dificultam a comunicação real.		

PEDRO	Utilização ideológica da mídia pelo poder político para manter a alienação da maior parte da população. Citou as grandes empresas televisivas que ditam comportamentos. Os artefatos tecnológicos portáteis como telefones celulares, <i>tablets</i> e <i>notebooks</i> , dificultam a comunicação real entre os pares, pela imersão nas redes sociais virtuais. Percepção temporal alterada na falta do equipamento tecnológico: “[...] consegui ver muita coisa que não via porque ficava no <i>facebook</i> .”	Utilização ideológica da comunicação.  Artefatos tecnológicos dificultam a comunicação real.  Percepção temporal alterada.		
RENATA	Interferência da mídia no estabelecimento de padrão de beleza corporal. Citou como o poder das redes sociais pode disseminar casos patológicos como bulimia e anorexia. Ao mesmo tempo se não estiver nas redes sociais fica isolado em relação ao grupo de amigos.	Patologias psíquicas agravadas por influência da mídia.		

## 12º Tema: Política

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Silêncio		Repúdio aos representantes políticos .	Corrupção na política
FLÁVIA	Verbalizou um adjetivo irônico em referência a uma figura da política partidária local: “bonzinho...”	Repúdio à classe de representantes políticos.	Classe de representantes políticos é corrupta.	
JOANA	Verbalizou uma expressão ironizando a classe política partidária: “[...] tem que falar de ladrão mesmo?”	Repúdio à classe de representantes políticos.		
JOÃO	O representante político partidário inexperiente, que chega com boas intenções fica à mercê do grupo já instalado no poder, comprovadamente corrupto. As transmissões da <i>TV Senado</i> deveriam ser em canal aberto.	Classe de representantes políticos é considerada corrupta		

JULIA	O representante político partidário inexperiente, com boas intenções, sofre cooptação e fica à mercê do grupo já instalado no poder, comprovadamente corrupto. Se não “entrar no esquema” não permanece. Os “bastidores do poder” ficam ocultos da população.			
PEDRO	O representante político partidário inexperiente, com boas intenções, sofre cooptação e fica à mercê do grupo já instalado no poder, comprovadamente corrupto. Se não “entrar no esquema” não permanece. Os “bastidores do poder” ficam ocultos da população. É quase inevitável a corrupção dos grupos políticos para conseguir a manutenção no poder. Associou a precariedade da educação como forma de manter a população alienada			
RENATA	O representante político partidário inexperiente, com boas intenções, sofre cooptação e fica à mercê do grupo já instalado no poder, comprovadamente corrupto. Contudo deve lutar contra esta situação para iniciar mudanças pois está investido deste poder e é o que a população espera dele e está disposta a colaborar nesta ação			

## 13º Tema: Violência

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Silêncio			Violência escolar
FLÁVIA	Manifestou ter sofrido humilhação em público por parte de um professor. Relatou que aconteceu o mesmo com um colega. Ambivalência do conceito de liberdade: “ao mesmo tempo que você dá, você perde”.	Violência escolar praticada por professor  Relativização de liberdade.		

JOANA	Relatou violência verbal na escola como as piadas. Não especificou se sofreu pessoalmente esse tipo de violência	Violência escolar entre alunos.		
JOÃO	Respeito ao outro pela moderação em brincadeiras	Violência escolar entre alunos.		
JULIA	Manifestou ter sofrido humilhação em público por parte de um professor. Embora tenha revidado ficou com a sensação de impunidade, por confrontar um docente. Sentimento de desânimo: “[...] tem dia que você não quer nem acordar.”	Violência escolar praticada por professor  Violência escolar praticada por professor		
PEDRO	Foi o único aluno que manifestou ter cometido violência na escola ( <i>bullying</i> ). Citou violência simbólica por parte do professor, favorecido por sua condição hierárquica.	Violência escolar entre alunos.		
RENATA	Discorreu sobre a forma que ações de violência como o <i>bullying</i> pode agravar o quadro emocional de uma pessoa depressiva e levá-la ao suicídio. A pessoa vítima de violência inclusive pode assumir uma culpa inexistente nesse processo	Violência escolar como agravante de patologias psíquicas.		

## 14º) Tema: Futuro

SUJEITOS	RESPOSTA	ESSÊNCIA	PRÉ-CATEGORIAS	CATEGORIAS
DEIZE	Expectativa de cursar Direito na UFMS.	Ingresso em um curso superior.	Ingresso em um curso superior.	Ingresso em um curso superior
FLÁVIA	Expectativa de ingressar na Aeronáutica, como forma de alcançar, principalmente, estabilidade financeira e, de certa forma, concretizar um futuro diferente daquele que seus pais viveram.	Ingresso no serviço público federal.	Tranquilidade na velhice	
JOANA	Pretende cursar Psicologia ou Pedagogia mas não sabe direito ainda.	Ingresso em um curso superior. Indecisão.		
JOÃO	Pretende cursar engenharia mecânica ou elétrica.	Ingresso em um curso superior.		
JULIA	Está frequentando um curso técnico de Eletrônica caso não consiga entrar na faculdade. O sonho é que, com 30 anos, não precisa mais trabalhar e só possa viajar.	Ingresso em um curso superior. Tranquilidade na velhice.		
PEDRO	Tem intenção de cursar engenharia civil mas o que pretende mesmo é adquirir numa pequena fazenda e ali viver tranquilamente sua velhice.	Ingresso em um curso superior. Tranquilidade na velhice.		
RENATA	Planeja o futuro para daqui a cinco anos. Pretende cursar ou Psicologia ou Medicina Veterinária. Sabe que enfrentará adversidades nesse processo mas não pretende desistir de seus sonhos.	Ingresso em um curso superior.		